

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

AUTORA

Giovana Medianeira Fracari Hautrive



LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

AUTORES

Giovana Medianeira Fracari Hautrive

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria | RS
2019

©Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.
Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da
Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Ricardo Vélez Rodriguez

PRESIDENTE DA CAPES

Anderson Ribeiro Correia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

REITOR

Paulo Afonso Burmann

VICE-REITOR

Luciano Schuch

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO

Frank Leonardo Casado

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Martha Bohrer Adaime

COORDENADOR DE PLANEJAMENTO ACADÊMICO E DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Jerônimo Siqueira Tybusch

COORDENADOR DO CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO

Sidnei Renato Silveira

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

COORDENADOR UAB

Reisoli Bender Filho

COORDENADOR ADJUNTO UAB

Paulo Roberto Colusso

NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

DIRETOR DO NTE

Paulo Roberto Colusso

ELABORAÇÃO DO CONTEÚDO

Giovana Medianeira Fracari Hautrive

REVISÃO LINGUÍSTICA

Camila Marchesan Cargnelutti

Maurício Sena

APOIO PEDAGÓGICO

Carmen Eloísa Berlote Brenner

Keila de Oliveira Urrutia

EQUIPE DE DESIGN

Carlo Pozzobon de Moraes – Capa/Ilustração/Diagramação

Juliana Facco Segalla – Diagramação

Matheus Tanuri Pascotini – Ilustração

Raquel Pivetta – Diagramação

PROJETO GRÁFICO

Ana Letícia Oliveira do Amaral



H3791 Hautrive, Giovana Medianeira Fracari

Língua brasileira de sinais [recurso eletrônico] : Libras / Giovana Medianeira Fracari Hautrive. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2019.
1 e-book

Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB

Acima do título: Licenciatura em computação

ISBN 978-85-8341-230-4

1. Língua brasileira de sinais 2. Educação especial I. Universidade Aberta do Brasil II. Universidade Federal de Santa Maria. Núcleo de Tecnologia Educacional III. Título.

CDU 376.33

806.90-095

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central da UFSM

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PROGRAD



APRESENTAÇÃO

Este caderno didático foi produzido para ser utilizado na disciplina de *Língua Brasileira de Sinais - Libras* do curso de Licenciatura em Computação, ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen – RS, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Ao longo da disciplina *Língua Brasileira de Sinais - Libras* serão proporcionadas situações de aprendizagem para que você conheça a história da comunidade surda com relação à conquista de espaços na nossa sociedade. Esses saberes estarão atrelados ao estudo das representações do ser surdo, como ele se constitui como sujeito linguístico, questões de identidade e cultura do povo surdo. Você também terá a oportunidade de conhecer e aprofundar os saberes direcionados à organização da Língua Brasileira de Sinais - Libras, realizando um estudo linguístico sistemático e prático da Libras.

Nesse sentido, o caderno didático está organizado em unidades. A Unidade 1 está organizada para discutirmos as questões relacionadas à história da comunidade surda, à cultura e a artefatos dessa comunidade, incluindo a escrita dos sinais, a organização da comunidade e das associações de surdos, questões relacionadas à identidade surda, alguns saberes voltados para a construção de um sinal. Concluiremos essa unidade falando rapidamente sobre a literatura surda e a produção desse recurso visual para o [povo surdo](#).



TERMO DO GLOSSÁRIO:

É o grupo de pessoas surdas que possuem a característica da visualidade, tendo a língua de sinais como primeira língua. Possuem características sociais e culturais específicas direcionadas para o valor da visualidade. Produzem suas concepções de mundo por meio da visualidade.

A Unidade 2 está organizada para o estudo sistemático da Língua Brasileira de Sinais, com blocos informativos para a aprendizagem do vocabulário por meio de imagens e vídeos que vocês acessarão com os links que estão disponíveis ao longo da unidade.

A Unidade 3 segue o mesmo perfil da unidade anterior: realizaremos a ampliação do estudo do vocabulário, exigindo de vocês o exercício visual, pois a Libras é uma língua visual gestual e vocês precisarão desenvolver este cuidado com o olhar ao explorar cada vídeo que está nesta unidade.

As Unidades 4 e 5 estão organizadas com situações dialógicas na intenção do uso funcional desta língua no contexto cotidiano. Nessas unidades, vocês também encontrarão endereços virtuais para jogos e atividades didáticas em Libras que poderão ser utilizadas e aprimoradas por vocês, futuros licenciados em computação. Também organizamos um quadro com os links para os vídeos.

É nesse contexto que o nosso estudo direcionado a Libras está iniciando.

Desejo a todos um ótimo módulo repleto de novos saberes com um sabor especial

de que aprender a língua de sinais é muito desafiador e gratificante.

As atividades de revisão das unidades desta disciplina estarão disponíveis em forma de vídeos no AVEA.

ENTENDA OS ÍCONES



ATENÇÃO: faz uma chamada ao leitor sobre um assunto, abordado no texto, que merece destaque pela relevância.



INTERATIVIDADE: aponta recursos disponíveis na internet (sites, vídeos, jogos, artigos, objetos de aprendizagem) que auxiliam na compreensão do conteúdo da disciplina.



SAIBA MAIS: traz sugestões de conhecimentos relacionados ao tema abordado, facilitando a aprendizagem do aluno.



TERMO DO GLOSSÁRIO: indica definição mais detalhada de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.

SUMÁRIO

▷ APRESENTAÇÃO ·5

▷ UNIDADE 1 – LEITURAS: INFORMAÇÕES DO MUNDO DOS SURDOS ·9

Introdução ·11

1.1 A pessoa deficiente em diferentes tempos e espaços: retrospectiva necessária ·12

1.2 Retrospectiva da educação dos surdos ·17

1.3 Escrita de língua de sinais (Singwriting) ·28

1.4 Cultura surda e seus artefatos ·37

1.5 Comunidades surdas ·39

1.6 Identidade surda e seus tipos ·40

1.7 Que é sinal? Estudos linguísticos de libras. Parâmetros de libras ·43

1.8 Surdos: Como política da diferença, como experiência visual ·63

1.9 Organizações de surdos / o que é FENEIS? Associações de surdos? ·64

1.10 Política educacional dos surdos: Pedagogia da diferença /

Educação dos surdos ·71

1.11 Libras x Gestuno e sinais internacionais (sign international) ·74

1.12 Direitos e movimentos surdos. Literatura Surda ·75

UNIDADE 2 – ESTUDO LINGUÍSTICO DE LIBRAS ·81



Introdução ·83

2.1 Saudações, nome próprio em alfabeto e batismo do sinal pessoal ·84

2.2 Soletração ou alfabetização manual ·94

2.3 Pronomes Pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos e indefinidos ·100

2.4 Advérbios de tempo, advérbio de lugar ·111

2.5 Classificadores Simples e com símbolos / classificadores e seus tipos ·114

2.6 Expressões faciais e corporais ·116

2.7 Incorporação da negação e incorporação do intensificador ·120

2.8 Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade ·121

2.9 Verbos com concordância e verbos sem concordância / outros verbos ·123

2.10 Tipos de frases nas libras ·129

2.11 Expressões interrogativas ·130

2.12 Direção perspectiva ·132

2.13 Adjetivos de LIBRAS ·133

- 2.14 Sinais em contextos ·134
- 2.15 Os processos de formação de sinais ·138
- 2.16 Intensificador e advérbio de modo ·139
- 2.17 Semelhanças e diferenças entre Língua Portuguesa e LIBRAS ·144

▷ **UNIDADE 3 – INTERTEXTUALIDADE - SINAIS BÁSICOS E EXPANSÃO DO VOCABULÁRIO DE SINAIS E CLASSIFICADORES ·149**

- 3.1 Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral / O Tempo ·151
- 3.2 As Profissões e Sinais relacionados a meios de comunicação e trabalho ·159
- 3.3 Números Ordinais, cardinais, de quantidade, e de valores monetários ·169
- 3.4 Diferentes estruturas entre Língua Portuguesa e Língua de Sinais ·170

▷ **UNIDADE 4 – SINAIS BÁSICOS E EXPANSÃO DO VOCABULÁRIO, NARRAÇÕES E CONTOS, JOGOS, CONVERSÇÕES E ATIVIDADES DIDÁTICAS E RECREATIVAS ·171**

CONSIDERAÇÕES FINAIS ·177

▷ **REFERÊNCIAS ·178**

▷ **APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES ·183**

1

RETROSPECTIVAS
DA EDUCAÇÃO DOS
SURDOS NO RS,
NO BRASIL E NO MUNDO

INTRODUÇÃO

Caros estudantes, estamos começando os estudos direcionados à Língua Brasileira de Sinais. Nessa unidade, vamos conhecer e compreender os acontecimentos históricos e culturais que marcam a **comunidade surda**. Assim, é preciso pensar no contexto histórico e cultural, espaço e tempo social em que construímos sentido e significado para a nossa existência humana como seres socialmente produzidos.



TERMO DO GLOSSÁRIO:

Constituída por pessoas surdas e ouvintes, são os intérpretes e tradutores da língua de sinais, os Cotas, pais e irmãos de surdos, professores e amigos que utilizam a Libras como forma de comunicação com as pessoas surdas e compreendem as especificidades culturais das pessoas surdas. Participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em igrejas, associações de surdos, escolas de surdos, federações.

Cabe ao estudante da área da licenciatura compreender que as oportunidades de condições sociais e culturais nem sempre foram acessíveis para as pessoas surdas. Antes de efetivar o estudo da Língua Brasileira de Sinais (Libras), imergimos em nossas representações de mundo, sociedade, ser humano e deficiência. Nesse sentido, conseguiremos compreender como as ideias e os conceitos de deficiência foram historicamente se organizando em nossa sociedade. Assim, conseguiremos compreender como conquistamos espaços sociais para a inclusão das pessoas “diferentes”.

Após uma breve retomada histórica, poderemos pensar o século XXI como um tempo de novas construções e significados, tempo em que estamos produzindo um novo saber voltado para a inclusão das pessoas surdas em diversos contextos: escola, sociedade, mercado de trabalho...

A Língua de Sinais é expressa em uma modalidade distinta das línguas orais, pois são emitidas na modalidade espaço-visuais, ou seja, a efetivação destas línguas se dá por meio do uso da espacialidade. Quando dizemos “Línguas de Sinais”, estamos nos referindo às diferentes línguas de sinais usadas por diferentes comunidades de surdos de diferentes países (pode ser a Língua de Sinais Argentina, Língua de Sinais Americana, Língua de Sinais Uruguaia, Língua de Sinais Brasileira), pois, independentemente do país de origem, as línguas de sinais possuem aspectos linguísticos específicos de seu país e de suas raízes linguísticas. Nesta disciplina estudaremos a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Precisamos conhecer a Língua Brasileira de Sinais e também compreender por quais motivos essa disciplina é obrigatória nos cursos de Licenciatura no território nacional. Você sabe por que ela é obrigatória?

1.1

A PESSOA DEFICIENTE EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS: RETROSPECTIVA NECESSÁRIA

Há uma grande probabilidade de vocês terem compartilhado alguma situação com pessoas deficientes, certo? Essas pessoas circulam em espaços comuns e atualmente nos parece que esses encontros estão mais frequentes, não é mesmo? Parece mais comum encontrar as pessoas com deficiências em shoppings, restaurantes, rodoviárias/aeroportos, no comércio, nas ruas, no mercado de trabalho, restaurantes e nas escolas. Historicamente, precisamos compreender os acontecimentos que marcaram a história e que criaram durante uma centena de anos uma distância muito grande entre sociedade e pessoas deficientes. Atualmente estamos vivenciando um resgate social e cultural relacionado a essas pessoas, mas o que aconteceu ao longo da história para que a sociedade evoluísse e passasse a compreender que o convívio com a pessoa deficiente e com o diferente é algo possível?

Para compreender essa trajetória, precisamos reconhecer que, historicamente, as concepções sobre sociedade e pessoa definiram a existência de sujeitos enquanto pensadores, trabalhadores, produtores da cultura e da política. Assim, estamos transformando a natureza e dando vida às relações sociais, porque construímos comunidades, sociedades, grupos sociais e organizações coletivas. Nesse sentido, não somos um mero objeto no mundo, nós produzimos a vida e a nossa existência como sujeitos. Para isso, criamos instrumentos de trabalho, retiramos da terra o nosso sustento, vivemos em grupo, criamos procedimentos e relações sociais complexas, como a cultura, as religiões, a economia e a política.

Assim, é possível compreender que cada época produz concepções em torno do ser humano e da sociedade. Nesse sentido, também fazem parte as diferenças humanas, as deficiências, concepções e práticas sociais que envolvem o ser deficiente e que estabelecem como a sociedade se relaciona com ele.

Precisamos colocar em pauta reflexões sobre as diferentes concepções, resgatar a história e entender as organizações de sociedade e de ser humano que orientavam as relações sociais com os deficientes. Após este estudo, compreenderemos os motivos pelos quais atualmente precisamos nos empenhar em um compromisso social e cultural de resgate desses sujeitos potenciais em desenvolvimento.

No período primitivo, a organização social era constituída por uma característica comunitária de convivência e os modos e comportamentos com relação aos deficientes eram pautados na ideia de pessoas incapacitadas, que precisavam ser eliminados e exterminados. Essa prática era, diante do sistema comunitário, uma saída para condições rudes de sobrevivência; afinal, a dependência do sustento diário a partir da natureza exigia que cada membro tivesse as condições necessárias para assegurar o sustento comunitário.

A organização social do período primitivo compreendia a deficiência como incapacidade, as pessoas deficientes eram deixadas em circunstâncias perigosas com o objetivo de prover a sua morte, pois estas pessoas não poderiam se ajustar às exigências da sociedade daquela época. Ainda, encontramos alguns estudos de historiadores que relatam que a deficiência no período primitivo estava associada às forças misteriosas da natureza, elemento que provocava medo e insegurança por não conseguirem explicar e controlar tal fenômeno – assim, a intenção era sempre o extermínio daqueles sujeitos.

Sabemos que para compreender a Antiguidade consideramos as sociedades egípcias e hebraicas e os gregos como referência. Quando acontece a passagem do modo de vida comunitário para uma sociedade organizada por divisões sociais, consolidando a preocupação com a economia e a política, dá margem para o surgimento da opressão e da desigualdade. Há uma passagem nos estudos de Amaral (1994) que nos ajuda a elucidar esse período:

Assim como a loucura, a deficiência, na Antiguidade, oscilou entre dois pólos bastante contraditórios: ou um sinal da presença dos deuses ou dos demônios; ou algo da esfera do supra-humano ou do âmbito do infra-humano. Do venerável saber do oráculo cego à “animalidade”, da pessoa a ser extirpada do corpo sadio da humanidade. Assim, foi por muito tempo, em várias civilizações (ancestrais da nossa) (AMARAL, 1994, p. 14).

Na Roma Antiga, os deficientes eram sinônimos de maus desígnios, portanto, precisariam ser mortos ou sujeitados a um procedimento de purificação. Eram abandonados em lugares não habitados e distantes, como às margens de rios ou nas matas – enfim, sujeitos à própria sorte com o intuito de que não conseguissem sobreviver. Com relação aos gregos, estes supervalorizavam a perfeição do corpo, portanto, qualquer tipo de deficiência era sinônimo de sacrifício e eliminação – esse era o caminho mais provável para aqueles que não contemplavam as exigências de um padrão de beleza e perfeição.

A sociedade medieval é caracterizada por ser um período em que as concepções são dirigidas pelas doutrinas e dogmas cristãos. Neste período, a pessoa deficiente começa a ser percebida como um ser de espírito, é neste momento que eles ganham ‘alma’. É com a ascensão do clero a uma posição política na estrutura social que a concepção de ser humano se instala em submissão à ideologia cristã. Esta passa a subordinar as relações homem-mundo e homem-homem à teologia e a seus princípios de fé, considerando um ‘Deus’ onipotente e poderoso, que tudo sabe e tudo pode. É durante a Idade Média que as pessoas deficientes são consideradas criaturas de Deus, abrindo o espaço social como lugar de projeção da compaixão, tolerância e caridade. Assim, a pessoa deficiente é vista como predestinação divina, digna de boas ações por parte da sociedade, começa a ocupar o lugar da benevolência social, sendo permitido permanecer no mesmo espaço com as suas famílias. São autorizadas a perambular pelas cidades e campos, recebem alimentação e passam a ser objeto de diversão, conhecidos como os ‘bobos da corte’ da nobreza e da população. Também podem ser adotados por alguma aldeia, para que misticamente sirvam de receptores para maldições e pecados coletivos.

A Idade Média finda quando acontece a instalação de uma nova organização social. Inicia-se, então, a Idade Moderna orientada pelo liberalismo que, mais tarde, se configura na sociedade capitalista.

Há dois movimentos importantes para essa transição da Idade Média para a Idade Moderna. O primeiro direciona-se às descobertas científicas, que foram amplamente divulgadas, apesar das fogueiras da Santa Inquisição. O segundo movimento refere-se ao esgotamento do modelo de poder monárquico e à ascensão da burguesia por meio do comércio, dos investimentos e do capital excedente, que passou a movimentar a organização social da humanidade na direção de uma transformação da ordem social.

Neste momento surge uma época histórica denominada Renascimento, tendo como particularidade a busca do belo e do verdadeiro para as explicações da natureza e do ser humano. A centralidade estava na renovação e na reconstrução do conhecimento, buscava a libertação pelo uso da verdade através do homem livre e inteligente, fazendo uso da razão para conquistar e compreender o universo.

Na Idade Média a pessoa deficiente recebe a condição de indivíduo a ser estudado, como cobaias para a medicina, que começa a investir na observação do comportamento das pessoas deficientes, procurando revelar as influências das lesões e disfunções do organismo que poderiam ser as causas das deficiências. Embora o olhar sobre essas pessoas tome outro direcionamento, a discriminação e a representação social não sofreram modificações. No período do Renascimento, as pessoas deficientes permanecem segregadas, mas agora em asilos, hospitais e hospícios para serem atendidos pela medicina e, com isso, abrandar a família e a sociedade de sua presença incômoda e ameaçadora.

Figura 1: Representação do Deficiente na Idade Média, por meio da cena do filme corcunda de Notre Dame



Fonte: O Corcunda de Notre Dame. Disponível em: <https://luciointhesky.files.wordpress.com/2011/09/o-corcunda-de-notre-dame-2.jpg>

É do ambiente do Renascimento que surge o movimento da Modernidade, valorizando a cientificidade. Esse movimento foi influenciado pelos estudos de Darwin, que, ao realizar provocações sobre a origem das espécies (por volta de 1859), acaba produzindo uma intensa representação social em torno das diferenças humanas no contexto das organizações sociais. É neste período que a humanidade começa a refletir sobre as novas gerações não serem produções idênticas de seus genitores e que, a cada geração, há características que estão ligadas à condição de sobrevivência da espécie. A teoria Darwiniana influenciou e desafiou a sociedade a refletir sobre a evolução da espécie humana, ocasionando transformações nas representações sociais que estavam instauradas até aquele momento (crenças religiosas).

Neste período a lógica da sobrevivência do mais capaz começa a se expandir, fortalecendo o desenvolvimento capitalista, que tem como referência o individualismo. É importante destacar que as ideias da teoria de Darwin, ou seja, as ideias biológicas da evolução incitavam as explicações sobre a organização social e fortaleciam o imperialismo econômico, o nacionalismo, o racismo e a exclusão de determinadas pessoas do contexto social.

Assim, tendo como base a teoria da capacidade de sobrevivência da espécie, a pessoa deficiente começa a ser percebida como um ser em descontinuidade com a evolução da espécie, que vive uma situação de retrocesso. Esse período justifica que, biologicamente, o deficiente não corresponde à capacidade de sobrevivência e de individualismo produtivo que vai identificar o capitalismo moderno, pois o ser humano ideal do capitalismo é aquele ser livre e igual, sujeito dado ao trabalho, à propriedade e à acumulação de capital, capaz de produzir riquezas, ou seja, não combina com a imagem do deficiente incapaz, improdutivo, inativo, que vive no ócio, subvertendo aquela lógica.

Podemos observar que o capitalismo idealiza princípios distintos dos teológicos e das explicações místicas para o deficiente. Neste período, a incapacidade do deficiente é compreendida pelas leis naturais e por transcrições médicas. É por meio desta lógica capitalista que as pessoas deficientes representam uma ameaça, pois usam da riqueza para sobreviver sem retornar à sociedade como sujeito em potencial para o trabalho.

Em detrimento da representação social, a sociedade encaminha o deficiente como tutela do Estado para a filantropia, que os afasta do convívio social, realiza investimentos em instituições especializadas. O objetivo maior é a normalização dos comportamentos do deficiente, a fim de transformá-lo em ser produtivo.

Surge outra concepção de ser humano e sociedade ainda produzida na Idade Moderna, vinculada à teoria marxista que teve grande influência no que se refere à denúncia do abuso do ser humano e, nesse contexto, destaca-se a concepção de ser humano com direitos igualitários, promovidos pela solidariedade humana. A representação social de que o ser humano é um ser social e, por isso, a sua constituição como sujeito tem o caráter do movimento entre o ser humano que produz a sociedade e, ao mesmo tempo, é produzido por ela. Nesse sentido, grande parte da deficiência pode ser considerada uma produção social, pois os padrões e normas de eficiência são produtos dessa sociedade que a produziu.

Caros estudantes, é a partir dessa pequena interpretação da história da humanidade que lançamos o desafio de perceber os modelos ideológicos das diferentes

sociedades sobre a pessoa deficiente. Como vocês puderam perceber, a deficiência sempre foi considerada uma forma de inferioridade humana, que se consolida nas práticas de exclusão, discriminação e marginalização. As palavras de Fonseca (1995) nos ajudam a elucidar a concepção de pessoa deficiente naquela época:

Ao longo da história da humanidade, é frequente observar que muitas condições sociais têm sido consideradas como deficientes, refletindo normalmente este fato um julgamento, julgamento que vai se requintando e sofisticando à medida que as sociedades se vão desenvolvendo tecnologicamente, em função de valores e atitudes culturais específicas. [...] Em muitos aspectos, a problemática da deficiência reflete a maturidade humana e cultural de uma comunidade. [...] Esta realidade obscura, tênue, sutil e confusa procura, de alguma forma, afastar ou excluir os indesejáveis, cuja presença ofende, perturba e ameaça a ordem social (FONSECA, 1995, p. 9).

Considerando ainda a perspectiva histórica das concepções de sociedade e ser humano-deficiente, a área educacional e médica apropriaram-se da demanda das pessoas deficientes, pois estes sujeitos viviam em uma condição de incapacidade para atender individualmente as exigências de participação social. Primeiramente com o cunho médico/clínico e, a partir dos anos 1980, com uma perspectiva mais pedagógica, com o investimento na integração e, mais tarde, com a inclusão da pessoa deficiente, tanto no contexto das organizações como em outras instituições que compõem a nossa sociedade. Precisamos compreender que pertencer à sociedade implica ter direito ao trabalho, desafiando, assim, o contexto organizacional a promover mudanças.

1.2

RETROSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Com o objetivo de listar alguns registros históricos direcionados à pessoa surda, aqui teremos a sequência de fatos que encontramos em diversas bibliografias da área da surdez. A citação que segue nos ajuda a compreender as diferentes formas de perceber a pessoa surda ao longo dos tempos, inclusive um tempo histórico em que não era considerado humano:

Inicia a história na antigüidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar (BERTHIER, 1984, p.165).

Conforme Strobel (2009), podemos acompanhar fatos em diferentes tempos que marcam a comunidade surda:

1.2.1 Idade Antiga Escrita a 476 D.C.

Encontramos na Bíblia, em Marcos, 7:31-37 a seguinte escrita "E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente: e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E tirando-o à parte de entre multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspido, tocou-lhe na língua. E levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá; isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam. E admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem: faz ouvir os surdos e falar os mudos".

Nesse período:

- Em Roma, acreditavam que os surdos eram pessoas castigadas ou enfeitadas; assim, abandonavam ou eliminavam os surdos jogando-os no Rio Tiber. Alguns conseguiam sobreviver e viviam escondidos. Também havia aqueles surdos que os pais escondiam da sociedade – esses eram raros. Os surdos que sobreviviam eram obrigados a trabalhar trancados dentro de moinhos empurrando manivela.

- Na Grécia, os surdos eram condenados à morte, considerados inválidos e eram lançados do topo de rochedos de Taygété, nas águas de Barathere. Alguns sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados.

- No Egito e na Pérsia, acreditavam que as pessoas surdas eram enviadas dos deuses. Por este motivo, eram consideradas como criaturas privilegiadas, acreditavam que eles conseguiam manter uma comunicação em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e de respeito, protegiam e tributavam aos surdos a adoração; no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados.

500 anos a.C.

O filósofo Hipócrates associou a clareza da palavra com a mobilidade da língua, mas nada falou sobre a audição.

470 anos a.C.

Os surdos foram classificados pelo filósofo Heródoto como “Seres castigados pelos deuses”. Ainda, Sócrates (filósofo Grego) provocou Hermógenes, que era seu discípulo, com o seguinte questionamento: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Então, Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).

355 anos a.C.

Entre os anos 384 a.C. e 322 a.C. o filósofo Aristóteles acreditava que, quando a pessoa não falava oralmente, conseqüentemente não possuía linguagem e pensamento. Aristóteles afirmava que: “de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento, portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”, este filósofo acreditava que não deveriam ensinar o surdo a falar.

1.2.2 IDADE MÉDIA 476 – 1453

Ao longo do período da Idade Média, os surdos eram vistos como sujeitos estranhos e considerados objetos de curiosidade da sociedade. Eram colocados em imensas fogueiras com o objetivo de extermínio. Eram proibidos pela igreja Católica de receberem a comunhão, porque eram incapazes de confessar seus pecados. Também havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido àqueles que recebiam a aprovação do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e, enfim, de todos os direitos como cidadãos.

Ano 530 a.C.

Na Itália, os monges beneditinos buscavam criar sinais como um recurso de comunicação entre eles (surdos e monges), com a finalidade de não violar os votos de silêncio.

1.2.3 IDADE MODERNA 1453 – 1789

1500

Na Itália, o médico filósofo Girolamo Cardano (1501-1576), interessado em estudar a condição de surdez de seu filho, defendeu a importância da leitura e da escrita para os surdos. O filósofo reconhecia a habilidade do surdo para a consciência e afirmava que “[...] a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita”. Ainda afirmava que era um crime “não instruir um surdo-mudo.” Este médico filósofo defendia o uso de sinais e da escrita com os surdos.

Na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584) criou a primeira escola para surdos em um Mosteiro de San Salvador em Oña Burgos. Iniciou seu trabalho ensinando latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis. Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlanger e o seu irmão Pedro se tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia um alfabeto manual que utilizava as duas mãos, ou seja, bimanual. Também utilizava a escrita e oralização. Porém, ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento, porque a tradição na época era de guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos. Naquela época, só os surdos que conseguiam oralizar tinham direito à herança. Pedro Ponce de Leon é considerado o primeiro professor para surdos, marcando a história da educação dos surdos – foi capaz de promover uma nova perspectiva sobre as possibilidades de aprendizado das pessoas surdas, rompendo com o imaginário de incapacidade para o desenvolvimento da linguagem.

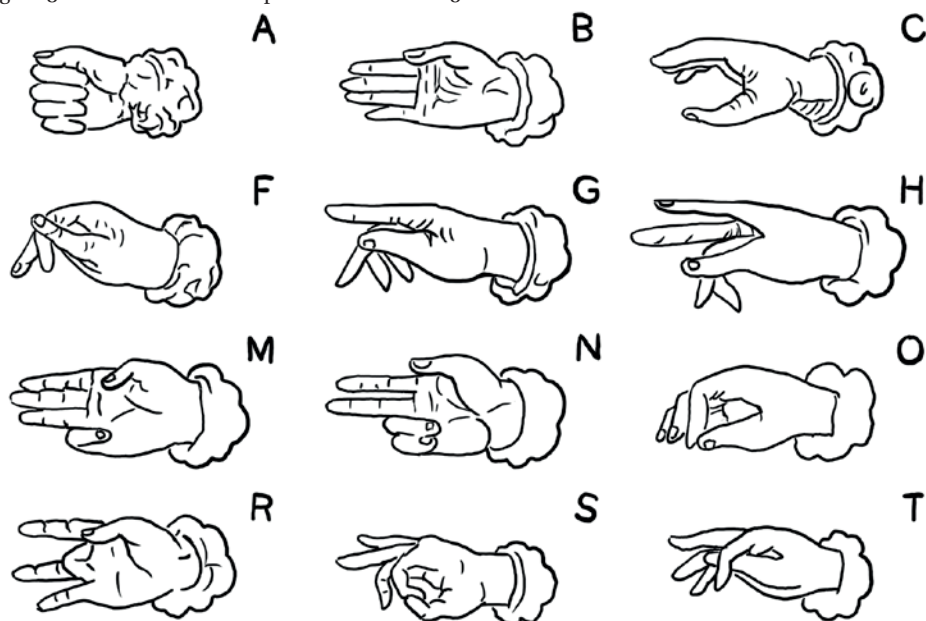
Figura 2 - Monumento em Madrid - Pedro Ponce de León ensinando um aluno



Fonte: Pedro Ponce de León. DISPONÍVEL: [HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/PEDRO_PONCE_DE_LE%-C3%B3N](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Ponce_de_Le%C3%B3n)

Fray de Melchor Yebra (1526-1586) escreveu o livro chamado *Refugium Infirmorum* (1593), publicado em Madrid sete anos após a sua morte. Esta obra descreve e ilustra o alfabeto manual criado por ele para auxiliar a confissão dos surdos da época.

Figura 3 – Alfabeto manual espanhol criado em 1586



Fonte: Neil Evans - NTE/UFSM.

1613

O padre espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação com membro surdo da família Velasco, Dom Luís, por meio do uso de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto manual. Obteve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como “Marquês de Frenzo”. Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos, no qual expunha o seu método oral, “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos”, no ano de 1620, em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

1644

John Bulwer (1614-1684), médico britânico, ficou famoso pelos estudos sobre os surdos. Ele publicou “*Chirologia e Natural Language of the Hand*”, onde defende a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial, ideia defendida pelo George Dalgarno anos mais tarde. John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos. No ano de 1648, John Bulwer publicou “*Philocopus*”, onde afirma que a língua de sinais é capaz de expressar os mesmos conceitos que a língua oral.

1700

O médico suíço Johan Conrad Ammon (1669-1724) publicou um método pedagógico para o treinamento da oralidade e da leitura labial: a publicação chama-se “*Surdus Laquens*”.

1741

Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780) oralizou a sua irmã surda e utilizou o ensino da oralidade e de exercícios auditivos com os surdos. A Academia Francesa de Ciências reconheceu o grande progresso alcançado por Pereira, que provavelmente é o primeiro professor de surdos na França.

1755

Samuel Heinicke (1729-1790) é considerado o “Pai do Método Alemão” – Oralismo puro. Iniciou as bases da filosofia oralista, na qual um grande valor era atribuído somente à oralidade, na Alemanha. Samuel Heinicke publicou a obra “Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra”. Em 1778, Samuel Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig. Inicialmente a sua escola tinha nove alunos surdos. Em carta escrita à L'Épée, Heinicke narra: “meus alunos são ensinados por meio de um processo fácil e lento de fala em sua língua pátria e língua estrangeira através da voz clara e com distintas entonações para as habitações e compreensão”.

1750

Charles-Michel de L'Épée estava voltado para ações de caridade numa região pobre em Paris quando conheceu duas irmãs surdas que se comunicavam por meio da língua de sinais. Decidiu assumir as causas da surdez e procurou aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada, denominada de “Sinais metódicos”. L'Épée foi fortemente criticado pelo seu trabalho, principalmente pelos educadores oralistas, entre eles, Samuel Heinicke. Em meados da década de 1750, com recursos próprios, criou um abrigo para os surdos. L'Épée acreditava e defendia os surdos como sujeitos de linguagem, capazes de se comunicar por meio dos sinais e assim receber os sacramentos da Igreja Católica. Desenvolveu um sistema de instrução para o ensino da língua francesa e da religião. Nos primeiros anos da década de 1760, o abrigo que era mantido com recursos particulares tornou-se a primeira escola de surdos, a nível mundial, aberta ao público, o “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” e treinou inúmeros professores para surdos. O abade Charles Michel de L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”. O abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado por Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard. A formação de L'Épée em direito ajudou a garantir aos surdos, pela primeira vez, defenderem-se em tribunal, legalmente. Dois anos após a morte de L'Épée (1789), a Assembléia Nacional reconheceu-o como “Benfeitor da Humanidade” e foi declarado que os surdos têm direitos, de acordo com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

1799

O Instituto Nacional de Surdos-mudos em Paris, fundado por L'Épée, começou a ser financiado pelo governo. Mais tarde, foi renomeado para Instituto St. Jacques. Os seus métodos de educação espalharam-se pelo mundo e o abade de L'Épée hoje é considerado como um dos fundadores da educação para os surdos.

1.2.4 IDADE CONTEMPORÂNEA 1789 ATÉ OS DIAS ATUAIS

1789

Em 23 de dezembro de 1789, o Abade Charles Michel de L'Épée morre em Paris, na França. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

1802

O médico francês Jean Marc Itard é considerado o pioneiro da Educação Especial. Foi o responsável pelo clássico trabalho com Victor, o “garoto selvagem” (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante a um animal por falta de socialização e educação. Apesar de não ter obtido sucesso com o “selvagem” em relação a língua francesa, influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente. Afirmava também que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.

1814

Nos Estados Unidos, na cidade de Hartford, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, que se chamava Alice Cogswell, não participava das brincadeiras por ser surda, sendo rejeitada pelas demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo de Alice e pelo fato dela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola de surdos nos Estados Unidos. Gallaudet tentou ensinar-lhe particularmente e juntamente com o pai da menina, o Dr. Masson Fitch Cogswell, pensou na possibilidade de criar uma escola para surdos. O americano Thomas Hopkins Gallaudet foi à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, Gallaudet foi conhecer o trabalho realizado por Braidwood, na escola “Watson's Asylum”. Essa era uma escola onde os métodos eram de alto custo e secretamente guardados e utilizavam a língua oral na educação dos surdos. Porém, Thomas Gallaudet foi impedido e recusaram-lhe a exposição de sua metodologia. Não tendo outra opção, Gallaudet partiu para a França, onde foi bem recebido e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard. Thomas Hopkins Gallaudet volta à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Durante a travessia de 52 dias, na viagem de volta aos Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais francesa para Gallaudet que, por sua vez, lhe ensinou o inglês.

Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc, fundaram em Hartford a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Com o sucesso imediato da escola, levou à abertura de outras escolas de surdos nos Estados Unidos. Quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais e muitos eram surdos também.

1846

Alexander Melville Bell, professor de surdos, o pai do célebre inventor do telefone Alexander Graham Bell, inventou um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor.

1855

Edward Harnest Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, chega ao Brasil sob consentimento do imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas.

1857

Foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” – hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criado pela Lei nº 939 no dia 26 de setembro de 1857. Foi nesta escola que surgiu, com a influência da raiz da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Em dezembro do mesmo ano, Edward Harnest Huet apresentou para um grupo de pessoas, na presença do imperador D. Pedro II, um relatório com os resultados de seu trabalho causando boa impressão.

1861

Edward Harnest Huet foi embora do Brasil para o México com o objetivo de lecionar com surdos. Neste período, o INES ficou sendo dirigido pelo Frei do Carmo, que logo abandonou o cargo alegando: “Não aguento as confusões” e com isto foi substituído por Ernesto do Prado Seixá.

1862

Foi contratado para cargo de diretor do INES, Rio de Janeiro, o Dr. Manoel Magalhães Couto, que não tinha experiência em educação com os surdos.

1864

É fundada a primeira universidade nacional para surdos “Universidade Gallaudet” em Washington – Estados Unidos, um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet realizado pelo filho do mesmo, Edward Miner Gallaudet (1837-1917).

1867

Alexander Graham Bell (1847-1922), nos Estados Unidos, dedicou-se aos estudos sobre acústica e fonética.

1868

Aconteceu uma inspeção governamental no INES e esta escola foi considerada um lugar de resguardo de surdos, então o Dr. Manoel Magalhães foi demitido e o sr. Tobias Leite assumiu a direção na tentativa de retornar aquele espaço com o objetivo educacional. Entre os anos 1870 e 1890, Alexander Graham Bell publicou

vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a especificidade das pessoas surdas e as escolas residenciais para surdos, alegando que estes eram os fatores do isolamento dos surdos com a sociedade de ouvintes. Ele era contra a língua de sinais, argumentando que a mesma não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos.

1872

Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou livreto com método “O pioneiro da fala visível”, dando continuidade ao trabalho do pai.

1873

Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hulbard, com quem se casou no ano 1877.

1875

Um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil.

1880

Este ano é marcador histórico na educação de surdos mundialmente.

Aconteceu, entre os dias 06 e 11 de setembro, o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado como o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua gestual foi proibida oficialmente, sob a alegação de que a mesma destruíria a capacidade da fala dos surdos. Nenhuma outra ocorrência na história da educação de surdos teve um grande impacto nas vidas e na educação dos surdos. Houve a tentativa de colocar as línguas de sinais existentes até esse período em extinção.

Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia se empenhado muito antes do congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso, a todos os professores surdos foi negado o direito de votar. Dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro.

A decisão pela metodologia oralista na educação dos surdos trouxe como resultado o fracasso escolar e a marginalização social das pessoas surdas naqueles países que assinaram esse documento proibindo a língua de sinais e realizando investimentos na língua oral. Nos Estados Unidos, alguns estados não aderiram à proposta do oralismo e permaneceram investindo na língua de sinais. Somente em 1960 acontece a primeira publicação (Willian Stokoe) comprovando que a língua de sinais é organizada com elementos linguísticos, recebendo o status de língua. Assim, somente após 1960 os países começam a rediscutir a proposta metodológica para as pessoas surdas, admitindo a língua de sinais como possibilidade de desenvolvimento linguístico e cognitivo das pessoas surdas.

Após o congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas para surdos, proibindo oficialmente a língua de sinais, e transformando as escolas em grandes espaços de terapia da fala. Como consequência do fracasso do oralismo, os surdos não conseguiram acesso a uma educação de qualidade, as crianças surdas não tiveram acesso a situações sociais de qualidade e começaram a ser percebidas como sujeitos patológicos, sujeitos da falta – o discurso da deficiência nasce nessa proposta metodológica do oralismo. Ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural, as associações dos surdos se uniram mais, os surdos se reuniam escondidos para não deixarem morrer a língua de sinais e fortalecer a cultura surda. Esses encontros entre os surdos aconteciam secretamente, pois os professores e os terapeutas da fala não admitiam o movimento das mãos.

Nasce a Hellen Keller em Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega e surda aos 2 anos de idade. Aos sete anos foi confiada à professora Anne Mansfield Sullivan, que lhe ensinou o alfabeto manual tátil (método empregado pelos surdos-cegos).

Hellen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos.

1932

O escultor surdo, Antônio Pitanga, pernambucano, formado pela escola de Belas Artes, foi vencedor dos prêmios: Medalha de prata (escultura Menino sorrindo), Medalha de ouro (Escultura Ícaro) e o prêmio viagem à Europa (com a escultura Paraguassú).

1951

Um surdo, Vicente de Paulo Penido Burnier, foi ordenado como padre no dia 22 de setembro. Ele esperou durante 3 anos uma liberação do Papa da Lei Direito Canônico que, na época, proibia surdo de se tornar padre.

1960

Neste ano foi publicado os estudos linguísticos onde Willian Stokoe apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana, revolucionando a linguística na época, pois, até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Pela primeira vez, um linguista estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais começaram a serem vistas como línguas de fato. Stokoe apresentou uma análise no nível fonológico e morfológico. Aos poucos, os próprios surdos começaram a participar como pesquisadores das línguas de sinais.

1969

A Universidade Gallaudet adotou a Comunicação Total. O padre americano Eugênio Oates publicou no Brasil “Linguagem das Mãos”, que contém 1258 sinais fotografados.

1977

Foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos), composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a

problemática da surdez. Foi lançado o livro de poemas: “Ansia de amar” do surdo Jorge Sérgio Guimarães, após a morte do mesmo.

1986

Ted Supalla é o primeiro linguista surdo que realiza pesquisas direcionados à língua de sinais americana.

1994

Foi fundada a CBDS - Confederação Brasileira de desportos de Surdos, na cidade de São Paulo.

1986

Estreou o filme “Filhos do Silêncio”, no qual, pela primeira vez, uma atriz surda, a Marlee Matlin, conquistou o Oscar de melhor atriz nos Estados Unidos.

1987

Foi fundada a FENEIS– Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, na cidade do Rio de Janeiro, sendo que a mesma é a reestruturação da FENEIDA. A FENEIS conquistou a sua sede própria no dia 8 de janeiro de 1993, na cidade do Rio de Janeiro.

1997

Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciado pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo, com o Jornal Nacional, no mês de setembro.

1998

A FENEIS, através de seu escritório regional do Rio Grande do Sul, promoveu nos anos de 1998 e 2000 as I e II Conferências Estaduais dos Direitos Humanos dos Surdos. Nesses eventos, várias temáticas foram discutidas, sendo que uma delas foi o Trabalho. As temáticas de discussões estiveram voltadas para a formação e qualificação profissional, oportunidades de trabalho, concursos públicos, atitudes no local de trabalho e a organização do trabalho. Essas duas Conferências ocorreram na cidade de Porto Alegre, reunindo lideranças do movimento surdo do Estado do Rio Grande do Sul, profissionais da área e familiares de surdos. Foram discutidos vários temas ligados aos Direitos Humanos, sendo que as conclusões dessas Conferências foram encaminhadas para as I e II Conferências Estaduais dos Direitos Humanos, realizadas também em Porto Alegre, reunindo representantes de diferentes segmentos da sociedade civil organizada deste estado.

1999

Foi lançada a primeira revista da FENEIS, com capa ilustrativa do desenhista surdo Silas Queirós

2002

No dia 24 de abril, foi sancionada a Lei nº 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão considerada a segunda língua oficial do Brasil.

2005

No dia 22 de dezembro, o Decreto nº 5.626 insere a disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de formação de professores e fonoaudiologia e coloca como optativa nos cursos de bacharelado. A partir deste decreto, todas as Instituições de Ensino Superior começam a rever as matrizes curriculares para a inclusão da disciplina de Libras.

Ana Regina Campello é a primeira surda brasileira a estudar a origem da Libras, por meio de sua pesquisa de âmbito de mestrado. Atualmente, Ana Regina é professora Adjunta do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES, no Rio de Janeiro, e professora colaboradora na Universidade Federal de Santa Catarina.

2006

Iniciou a primeira turma do curso de Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), objetivando formar professores para atuar na área de ensino de Libras.

2010

A lei 12.319 regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras. Acontece a primeira prova de seleção de vestibular realizada em Libras (vídeo gravado) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sendo a pioneira nessa modalidade no território nacional.

2017

O tema da redação do Enem 2017 é "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil". O tema foi divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) no dia 5 de novembro. A educação de surdos é destacada em âmbito nacional e colocada em discussão em diferentes [contextos](#).



INTERATIVIDADE:

Para saber mais, acesse:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

1.3

ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS (SIGNWRITING)

Vimos anteriormente, na retrospectiva histórica, que aqui no Brasil a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão entre os cidadãos, conforme a Lei nº 10.436, de 22 de abril de 2002 (BRASIL, 2002).



INTERATIVIDADE:

Acesse a Lei nº 10.436, de 22 de abril de 2002, no link abaixo:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/10436.htm#massets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf

É nesse sentido que entendemos a Libras como a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-gestual, com estrutura gramatical própria (a divulgação desses estudos começaram em 1960, com a publicação da obra de Willian Stokoe, confirmando o status de língua para as línguas de sinais), constitui um sistema linguístico completo para a efetiva comunicação, transmitindo ideias complexas e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002, p. 1). Porém, sabemos que somente no ano de 2005, o Decreto nº 5.626 regulamentou a Lei nº 10.436/02, que define como “pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Brasil, 2005, p. 1).

Assim, a Língua de Sinais é considerada a primeira língua utilizada pelo surdo. O uso dessa língua representa a palavra da língua falada, ou seja, uma resposta apresentada a estímulos do meio, sejam eles verbais ou não (PEREIRA; VERDU, 2012). A sua importância pode ser exemplificada pelo fato de ela permitir que o surdo se comunique com indivíduos em condições semelhantes à sua e com os demais que utilizam a língua portuguesa.

Precisamos considerar que a criança surda apresenta uma organização diferenciada para a produção da escrita, da língua portuguesa, à qual está submetida pela via da oralidade, ou correlacionando aspectos da oralidade com outros da escrita (ARAÚJO; LACERDA, 2008). Sendo assim, a segunda língua utilizada pela pessoa surda é a língua portuguesa, e ela é essencial para que o surdo se comunique com os ouvintes que não sabem Libras. Portanto, o Surdo acaba tornando-se bilíngue para que possa interagir com todos à sua volta.

Há alguns sistemas de escrita que marcam a história da educação de surdos. A primeira obra publicada é de 1825, de autoria de Bebian, chamada Mimographie de Bébian. O sistema de Bébian é composto de 190 símbolos, todos escritos em uma determinada ordem, da esquerda para a direita, a maioria deles icônicos para que fossem facilmente recordados e baseados em quatro componentes principais das

LS: Forma e Orientação da Mão, Movimento, Lugar e Expressão Facial. Tal sistema foi usado para representar graficamente os sinais, da mesma forma que a escrita representa as palavras das línguas orais.




















Figura 4 – Capa do livro de Bébian



Fonte: (OVIDEO, 2008, p. 3).

Em 1965 o linguista estadunidense William Stokoe, como parte de um movimento para inserir a Língua de Sinais Americana nas escolas de surdos, publicou uma pesquisa sobre esta língua. Essa tentativa de registro de escrita é conhecido como “sistema de notações de Stokoe”.

Figura 5 – Configuração de mãos no sistema de notação de Stokoe

	A	Punho Fechado		I	Como "I"
	À	Punho Fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão Plana		3	Como "3"
	B̂	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos com "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice Curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e Indicador Estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e Polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			



















Fonte: (STUMPF, 2005, p. 25).

Derivada da proposta de Stokoe, a notação de François Xavier Neve foi publicada em 1996 com o intuito de possibilitar numeração e elaboração de sinais para a informática. Tal sistema foi elaborado na Universidade de Liège, Bélgica, e é mais completa que o sistema que lhe deu origem.

A escrita é feita na vertical, de cima para baixo. Quando o sinal é unimanual (feito apenas com uma mão), ele é escrito em apenas uma coluna. Quando é bimanual (feito com duas mãos), ele é escrito em duas colunas.

Os signos são sempre escritos na seguinte ordem: Configuração (CO), Localização (LO), Orientação (ORI) e Ação (ACT).



















































Figura 6 – Sistema de notações de François Neves

1-2-3-4-5-20			
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O		Como em datilologia	
P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z			
	Bico de Pardal		Asas de Águia
	Cabeça de elefante		Garra de Urso
	Pinça		Colher
	Chave		Piano
	Prego		Colina
	Pistola		Cabrito
	Cornos		Percevejo
	Lhama		Bico de Pato
	Duplo Colchete		Guela de Crocodilo

Fonte: (STUMPF, 2005, p. 26).

O Hamburg Sign Language Notation System – HamNoSys foi criado na Universidade de Hamburgo, Alemanha, por Prillwitz e seus colaboradores em 1987 (HANKE, 2004). Esse sistema foi objeto de diversas versões para a informática e é muito usado neste país. O Hamnosys é um sistema de transcrição fonética, também baseado na proposta de Stokoe.

Figura 7 – Quadro com símbolos de locação da cabeça

		left to	left side of	center of	right side	right to
	head					
	above the head					
	forehead					
	nose					
	below nose					
	mouth					
	chin					
	below chin					
	neck					

Fonte: (HANKE, 2007, p. 26).

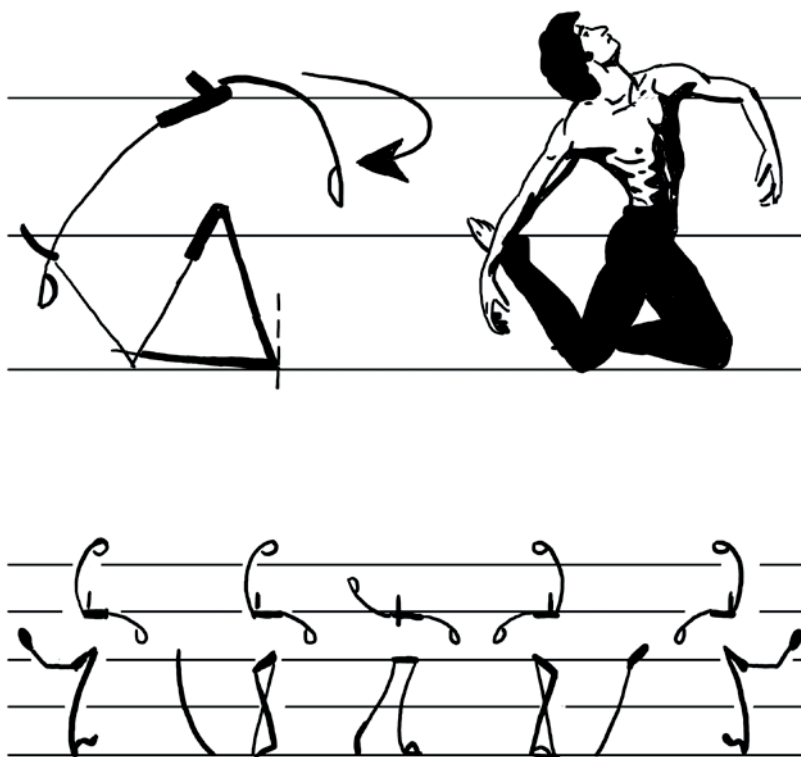
As línguas de sinais podem ser representadas por diferentes sistemas – o sistema de escrita SignWriting é um deles. A escrita destes sinais expressa os parâmetros fonológicos da Libras, ou seja, as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e a locação em que os sinais das línguas de sinais se efetivam. O SignWriting é um dos sistemas de escrita dos sinais que podemos efetivar o registro de qualquer língua de sinais do mundo sem precisar perpassar pela tradução da língua oral. Cada língua de sinais poderá adaptar a representação escrita dos sinais para sua organização gramatical. Para conseguirmos efetivar a escrita por meio do sistema SignWrting, primeiramente, é necessário ser conhecedor de uma língua de sinais, no nosso caso, a Língua de Sinais Brasileira (Libras).

Atualmente há 35 países utilizando esse sistema oficialmente em escolas, universidades, associações e áreas ligadas à comunidade surda. Nesta subunidade, vamos conhecer um pouco sobre o sistema de escrita das línguas de sinais e ampliar um pouco os saberes sobre o sistema SignWriting. As pessoas surdas tem mostrado militância sobre o direito de representar a sua língua, que é efetivada em uma modalidade gestual e visual por meio da escrita. Hautrive (2016) afirma que as pessoas surdas tem “direito cultural de um sistema de escrita que os legitime como usuários de uma língua na sua plenitude, neste caso, a escrita do sistema SignWriting [...] que estão relacionadas às vivências pessoais com o processo de

aprender um sistema de língua escrita que não representa a sua língua, no caso, a língua portuguesa”. Os surdos elegem o sistema de escrita SignWriting como uma possibilidade de reciprocidade entre a sinalização dos sinais e a escrita, pois a experiência visual é considerada nesse sistema. Pesquisa de Hautrive (2016) evidencia que, ao escreverem no sistema SignWriting, os surdos sentem-se livres, pois elaboram relações com a língua de sinais e as experiências vividas no processo de aprendizagem desta língua, demonstrando que é o sistema potencial para aprender que garante acesso à cultura escrita.

O SignWriting foi criado em 1974, por Valerie Sutton. Valerie criou uma representação gráfica para a dança, para notar os movimentos de dança. Essas anotações, que serviram inicialmente para lembrar os movimentos da dança, despertaram a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. Foi registrada, na Dinamarca, a criação de um sistema de escrita de línguas de sinais. Conforme os registros feitos pela Valerie Sutton no site do SignWriting, em 1974, a Universidade de Copenhagen solicitou à Sutton que registrasse os sinais gravados em vídeo. As primeiras formas foram inspiradas no sistema escrito de danças. A década de 1970 caracterizou um período de transição de DanceWriting para SignWriting, isto é, da escrita de danças para a escrita de sinais das línguas de sinais. Segue abaixo, os exemplos de escrita de danças que encontramos em várias obras destinadas ao estudo desse sistema:

Figura 8 – Imagens que inspiraram Valerie Sutton para a criação do sistema SignWriting



Fonte: Lições sobre Signwriting. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAhUbQAK/licoes-sobre-signwriting-sistema-escrita-lingua-sinais>

A partir do ano de 1996, a escrita dos sinais começa a ser temática de discussões em nosso país e a comunidade de surdos mostra interesse nessa representação escrita. Nesse sentido, a escrita ganha relevância por permitir pensar na possibilidade de expressar suas ideias para além da sinalização no espaço. A primeira obra publicada no sistema SignWriting aqui no Brasil é a obra “uma menina chamada Kauana”.

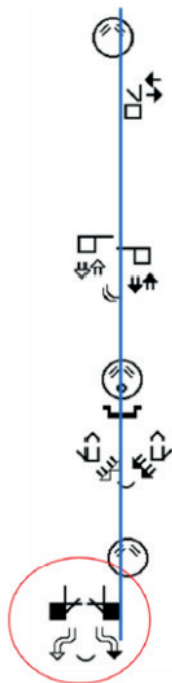
Figura 9 – Capa da primeira publicação brasileira com a escrita da língua de sinais: Uma menina chamada Kauana.



Fonte: Karin L. Strobel. Disponível em: <http://signwriting.org/library/children/uma/uma.html>

Nesta publicação, em 1996, a forma de escrita aconteceu na vertical. No ano de 2005, um grupo de surdos adultos formado por professores e líderes surdos decidiram que a escrita da forma horizontal (empilhada) é a melhor representação espacial da escrita dos sinais. Na escrita de sinais – SignWriting, todos os gestos com as mãos (posição das mãos, rotações, posição dos dedos e movimentos), faciais (olhos e boca) e a rotação da cabeça, ombros e demais partes do corpo utilizadas na comunicação possuem símbolos próprios que, combinados, promovem a formação da linguagem escrita.

Figura 10 - Representação da sinalização e espacialização da escrita dos sinais em colunas



Fonte: (STUMPF, 2008, p. 8).


Atualmente, encontramos várias obras bilíngues: muitas delas são livros de literatura infantil do Brasil escritos em língua de sinais (SignWriting), além de versões dos contos tradicionais que inserem elementos da cultura e identidade surda. Essas releituras inéditas das histórias são acompanhadas da escrita de sinais, ilustrações e uma versão em português. Algumas obras, como *O feijãozinho surdo*, ainda acompanham o CD. Voltadas para o público surdo infantil e também para quem deseja aprender a língua de sinais, as obras são o resultado de pesquisas desenvolvidas na área. O objetivo principal das edições é divulgar a língua escrita de sinais e incentivar as escolas a implantar esse sistema de escrita.

Figura 11 - Capa dos livros Cinderela Surda e Rapunzel Surda



Fonte: Autora.

Vocês podem acessar a obra *Cinderela surda* em arquivo digital e conferir a escrita dos sinais no sistema SignWriting.

 INTERATIVIDADE:
Acesse a obra Cinderela surda:
<https://bit.ly/2IjpZOy>

A obra *Rapunzel surda* poderá ser acessada em arquivo digital.


 INTERATIVIDADE:
Acesse a obra Rapunzel surda:
<https://bit.ly/2Q9MB73>

Figura 12 – Capa da obra O feijãozinho Surdo, que vem acompanhado de um DVD.



Fonte: Autora.

Para a ampliação dos estudos sobre a escrita dos sinais, vocês poderão acessar sites públicos com informações, artigos acadêmicos, materiais didáticos, etc. Para a escrita dos sinais no sistema [SignWriting](#), vocês podem acessar pesquisas de mestrado e teses de doutoramento.

Para a edição de textos em português para a escrita em SignWriting, há alguns lugares virtuais que poderão explorar o programa [SW Edit](#).

Também temos o sistema [Elis](#), um sistema criado por uma pesquisadora brasileira para a representação escrita da Língua de Sinais Brasileira.



INTERATIVIDADE:

Acesse pesquisas sobre o sistema SignWriting:

<http://www.signbank.org/signpuddle/index3.html#sgn-BR>

Para saber mais, acesse:

<http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/06/sw-editor-de-textos-para-linguas-de-sinais/>

Para saber mais, acesse:

<http://elislibras.wix.com/home>

1.4

CULTURA SURDA E SEUS ARTEFATOS

Entendemos que os surdos, ao longo do tempo, foram produzindo cultura, elementos próprios e específicos da sua condição visual, pois é esse canal visual e gestual que possibilita aos surdos perceberem o mundo ao seu redor. E estas experiências culturais pautadas pelas visualidades favorecem aos surdos desenvolverem culturalmente vários artefatos que refletem as peculiaridades da cultura surda (STROBEL, 2008).

O conceito de artefatos não se refere apenas a materialismos culturais, mas a tudo aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Nesse sentido, entendemos que as pessoas surdas percebem o mundo por meio do olhar. A experiência visual que as pessoas surdas possuem como característica maior significa a utilização da visão em substituição total à audição, como forma de comunicação. É dessa experiência visual que emerge a cultura surda representada pela língua de sinais.

A língua de sinais é a representação cultural dos surdos com maior relevância. Nesse sentido os surdos buscam essa característica nos seus pares, pois entendem que ser surdo é uma condição cultural, ou seja, se é usuário da língua de sinais, então, é considerado culturalmente surdo. É nesse sentido que os estudos de Strobel (2009) nos ajudam na compreensão do que é cultura surda:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2009, p. 22).

A sociedade é organizada para as pessoas ouvintes – por esse motivo, ainda faltam muitas informações visuais, o que, muitas vezes, impede o surdo de ter acesso a informações ou espaços públicos. Temos alguns investimentos de recursos visuais que promovem a **acessibilidade visual** para os surdos, mas há muito ainda para produzir.



INTERATIVIDADE:

Acesse o link e conheça mais sobre tecnologia em Libras:

<https://www.youtube.com/watch?v=twQWFppeqNg>

Aqui vamos nos referir aos estudos de Strobel (2008, p. 37) para conceituar “artefato cultural”. A autora caracteriza como “objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais”, incluindo-se aí “tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual

um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.” (STROBEL, 2008, p. 37). Nesse sentido, entendemos que não se restringe a materiais ou produtos produzidos, mas também abrange as representações de atitudes, tradições, valores sociais, convenções e normas.

Strobel (2008) apresenta nove artefatos culturais que compõem a cultura surda, conforme listado a seguir:

- 1) Experiência visual: possibilita aos surdos se constituírem enquanto sujeitos que percebem o mundo por meio da visão;
- 2) Linguístico: faz referência à utilização das línguas de sinais enquanto meio de comunicação do povo surdo;
- 3) Familiar: refere-se ao fato de mais de 90% das crianças surdas nascerem em lares ouvintes, o que traz implicações negativas tanto para a construção da identidade surda de tais sujeitos quanto para a aquisição da língua de sinais;
- 4) Literatura surda: compreende a criação de obras literárias por surdos utilizando a língua de sinais e a escrita de sinais;
- 5) Vida social: faz referência aos diversos processos interacionais desenvolvidos pelos surdos por meio de associações e organizações institucionais diversas;
- 6) Vida esportiva: refere-se às práticas desportivas e competitivas organizadas e desenvolvidas somente por sujeitos surdos que, por muitos séculos, foram excluídos das práticas desportivas desenvolvidas por ouvintes;
- 7) Artes visuais: compreende a produção artística do povo surdo;
- 8) Política: compreende os movimentos políticos desenvolvidos pelos surdos pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos, culturais, educacionais e identitários;
- 9) Materiais: referem-se às diversas tecnologias desenvolvidas com o objetivo de proporcionar a acessibilidade ao povo surdo. Percebemos, deste modo, que a cultura surda se constitui a partir da relação com/entre diversos artefatos que possibilitam aos surdos se reconhecerem como sujeitos pertencentes a uma comunidade que partilha valores, modos de ser, comportamentos e visões de mundo.

Nesse sentido, entendemos que a comunidade surda está produzindo artefatos que caracterizam as suas especificidades visuais e, com isso, fortalecendo sua cultura.

1.5

COMUNIDADES SURDAS

As comunidades surdas são constituídas por pessoas surdas e ouvintes que compartilham dos mesmos espaços de partilha linguística e cultural, das mesmas lutas e intenções, em busca de melhores condições sociais para as pessoas surdas, pelo reconhecimento e divulgação da Língua de Sinais.

São as pessoas surdas e ouvintes que estão mobilizadas em prol das questões da surdez. Efetivando vínculos e agregando interesses em comum, as comunidades surdas são encontradas em inúmeros lugares/cidades do mundo. Podemos citar as escolas para surdos ou escolas em que surdos estão incluídos, professores da área da educação de surdos, igrejas em que há intérpretes e participação de surdos, empresas em que surdos são profissionais, familiares e amigos de pessoas surdas, as associações de surdos em que pessoas ouvintes e surdos participam das atividades. Podemos afirmar que o uso da Libras é o fator que caracteriza a comunidade de surdos e o fator aglutinante das pessoas que compõem essa comunidade. Sendo o elemento central, sem o uso efetivo da Língua de Sinais, não conseguiremos caracterizar o grupo de pessoas como comunidade surda.

A Libras se constitui naturalmente nessa comunidade, pois para os surdos ela é a primeira língua e para as pessoas ouvintes é o canal de comunicação que respeita a condição linguística destes sujeitos. Os ambientes em que a comunidade de surdos se reúne, como as festas, os jogos esportivos, as associações de surdos, em todos estes espaços a comunidade de surdos utiliza a língua de sinais como primeira língua – independentemente de serem surdos ou ouvintes, é por meio da Língua de Sinais que acontece a garantia da interação social.

Nas cidades em que a comunidade de surdos consegue se estabelecer, as pessoas compartilham dos mesmos objetivos, trabalham para conquistar espaços de respeito linguístico, compartilhando as mesmas metas. Em meio a essa comunidade, encontramos pessoas com interesses diversos, como algumas pessoas que desenvolvem atividades vinculadas a igrejas com interesse religioso, pessoas que procuram desenvolver atividades de projetos sociais, intérpretes que buscam aprimorar o uso da língua imersos nestes contextos, pais, irmãos, cônjuges. Também amigos e professores de surdos participam destas atividades como membros ativos. É nestes espaços que os filhos ouvintes de surdos interagem desde a infância, sendo que muitos filhos de surdos escolhem a atividade profissional como intérpretes de Libras, pois estão imersos nesse contexto desde a primeira infância.

1.6

IDENTIDADE SURDA E SEUS TIPOS

A identidade surda é sempre a experiência visual desse sujeito, assim, conseguimos identificar com mais clareza as identidades surdas diferentemente das identidades ouvintes. Aqui estudaremos brevemente as identidades surdas com base em estudos de Perlin (2010), Skliar (2010), Hall (2006) e Strobel (2008), compreendendo que a identidade surda está relacionada a questões culturais e rompe com a lógica biológica. O olhar sobre as pessoas surdas esteve vinculado às questões de “falta” durante algumas centenas de anos, conforme foi possível acompanhar no início dessa unidade. É no sentido de olhar para as especificidades culturais que os estudos de Hall (2006), ao referir-se à identidade, afirmam que a identidade é “definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

As pesquisas em torno da surdez evidenciam que as identidades surdas rompem com a lógica da medicalização da surdez e a busca pela falta, no caso, a audição, que aconteceu durante o período em que a metodologia oralista esteve em vigor. Compreendemos que essa ruptura de concepção não acontece imediatamente; por este motivo, a busca pelo olhar como sujeito linguística, política, cultural e visualmente constituído precisa tomar lugar nos discursos que envolvem as pessoas surdas.

Estudaremos algumas categorias para as diferentes identidades surdas. A descrição das identidades está embasada conforme os estudos de Perlin (2010). No que se refere à (1) **identidade política**, a autora trata de uma identidade que é marcada por meio da militância política surda, a qual está presente nas pessoas surdas que participam de associações de surdos. Trata-se de surdos adultos líderes que conquistaram as seguintes características culturais: - são constituídos por meio da experiência visual, que determina formas de comportamento, sua cultura, a sua língua. são aqueles surdos que trazem consigo a língua de sinais, sendo usuários desta em todas as situações do cotidiano – é a sua forma de expressão. Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Constituem-se sujeitos políticos nas lutas sociais e defendem a sua identidade surda para a conquista de Tradutores e Intérpretes de Libras, por uma educação bilíngue de qualidade com a presença efetiva de professores surdos ou ouvintes proficientes em Libras. Esses surdos com a identidade política transmitem aos outros surdos sua cultura, suas especificidades, assumem posição de resistência com relação ao ouvintismo, a escrita no sistema da língua portuguesa obedece a estrutura gramatical da língua de sinais, participam ativamente de suas comunidades, associações de surdos e órgãos representativos. Esses surdos com identidade política organizam situações sociais para compartilhar dificuldades, aspirações, utopias e fortalecer suas lutas. Eles usam a tecnologia a seu favor, fazem uso da legenda na televisão, utilizam aplicativos de vídeo chamada em telefones celulares, campanha luminosa em suas residências.

A (2) **identidade híbrida** refere-se às pessoas surdas que nasceram ouvintes e por algum motivo (doença, acidente ou uso de medicamentos) perderam a audição. Considerando a idade e a experiência que tiveram com a língua portuguesa na modalidade oral, já conhecem a estrutura da língua e mantêm uma memória auditiva, fazendo uso da oralidade em determinadas situações, principalmente com a família e amigos ouvintes. Esse sujeito que ficou surdo (depois da experiência ouvinte) aprende a língua de sinais e a utiliza na comunidade de surdos, muitos destes surdos deixam de usar a língua oral e utilizam somente a Língua de Sinais, assumindo o comportamento de pessoa surda, utilizando as tecnologias para surdos e convivendo em harmonia com os demais surdos. Na situação em que esta pessoa surda com identidade híbrida teve experiência com a língua oral por um período significativo, a sua escrita da língua portuguesa respeita a organização gramatical dessa língua; por este motivo, muitas vezes, ao comparar a escrita de pessoas surdas, encontramos alguns surdos que representam o sistema de escrita do português com mais sucesso. O surdo com Identidade Híbrida exige tradutor e intérprete de língua de sinais, utiliza a legenda na televisão, utiliza os aplicativos nos telefones celulares, faz uso da campainha luminosa e de outros artefatos da cultura surda.

A (3) **identidade flutuante** é formada por aqueles surdos que não usam a língua de sinais, rejeitam a presença do tradutor e intérprete de língua de sinais e não têm contato com outros surdos. Possuem características particulares por participarem exclusivamente da comunidade ouvinte, orgulham-se por saber oralizar, realizam investimentos em treinamento fonoarticulatório, usam próteses auditivas, vivem na busca pela medicalização da surdez e no desejo de tornarem-se ouvintes, participam exclusivamente da escola comum, consideram a cultura da comunidade ouvinte sua referência, por isso negam a cultura surda, não participam da comunidade surda, não participam das associações e negam as lutas políticas.

Os surdos que são identificados com a (4) **identidade surda embaçada** apresentam alto índice de desinformação por não conhecerem a língua de sinais nem a língua portuguesa escrita. Esses surdos vivem isoladamente, pois há severa restrição de comunicação. As identidades surdas embaçadas são encontradas nos surdos que estão inseridos num contexto em que a representação da surdez é desconhecida ou estereotipada. Esse surdo é considerado deficiente, incapacitado para a aprendizagem e profissionalização.

As (5) **identidades surdas de transição** são identificadas naqueles surdos que vivem em ambientes afastados de comunidades surdas, em cidades interioranas, ou então, aquele sujeito surdo que decidiu se afastar da comunidade surda e vivencia situações de trânsito entre a identidade surda e a identidade ouvinte. Os surdos filhos de ouvintes vivenciam esse momento da identidade de transição, pois nascem em famílias de ouvintes, nas quais a língua oral é a primeira língua; assim, quando começam a participar da comunidade de surdos (escola bilíngue, associação de surdos) inicia-se o processo de aquisição da cultura surda. No momento em que essas crianças ou jovens surdos começam o contato com a comunidade surda, a situação identitária deles também sofre mudanças, passando pela des-ouvintização, ou seja, a rejeição da representação da identidade ouvinte em prol da constituição da identidade surda. As pessoas surdas nesse período de transição realizam a

passagem da comunicação que se efetuava pelo canal visual/oral para o canal da comunicação visual/sinalizada.

A (6) **identidade surda de diáspora** é identificada nas pessoas surdas que mudam de cidades, estados, regiões ou país. Esse surdo é identificado pelo jeito regional de sinalizar, com uso de sinais regionais. É uma identidade que carrega o dialeto e o regionalismo na sua sinalização.

Ainda temos a (7) **identidade intermediária**, que é geralmente identificada naquelas pessoas que possuem uma porcentagem de surdez, o que caracterizamos como sendo deficientes auditivos e que fazem uso de próteses auditivas e conseguem transitar no mundo ouvinte por meio da oralização. Para estes sujeitos, as próteses (aparelhos auditivos, Implante Coclear, Sistema F.M.) são muito importantes. Ainda, realizam treinamento fonoarticulatório e exercícios de memória auditiva para qualificar a sua emissão do som. Esse sujeito que vive essa identidade intermediária se posiciona contra o uso de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, considera o surdo usuário da língua de sinais com menos valor social, se posiciona contra a cultura surda e realiza manifestações públicas contra a militância surda e suas conquistas. Esse sujeito tem dificuldades de definição de uma identidade, visto que não é surdo nem ouvinte.

As identidades que constituem as pessoas surdas são diversificadas e bastante complexas, apresentam movimento e podem se modificar conforme as relações sociais estabelecidas. É preciso compreender que entre as identidades distingue-se a identidade cultural, ou seja, aquela identidade surda que toma como ponto de partida a identidade política que está no centro das produções culturais.

1.7

QUE É SINAL? ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE LIBRAS. PARÂMETROS DE LIBRAS

As pessoas ouvintes, de forma geral, acreditam que as Línguas de Sinais nasceram como uma adaptação da oralidade, mas isso é um equívoco, pois a relação entre a palavra e o sinal não é direta, a constituição dos sinais não tem nenhuma relação com a representação sonora das palavras, os sinais nasceram a partir da representação gestual no espaço. Os estudos da área comprovam que as Línguas de Sinais são línguas naturais criadas por seus usuários sinalizantes, ou seja, produzida pelos surdos por meio das especificidades visuais desses sujeitos; portanto, a comunicação e língua de sinais não é formada por simples gestos ou mímica. As línguas de sinais conquistaram o status de língua a partir das publicações de Stokoe em 1960, como pudemos ver no início dessa unidade quando estudamos o resgate histórico da área. A Libras é uma língua de modalidade visual gestual que permite às pessoas surdas usuárias dessa língua desenvolver qualquer ideia, concepção e participar de qualquer atividade discursiva, seja ela de fatos que acontecem no cotidiano, seja nas áreas de filosofia, ciências, tecnologias – sem ter nenhum prejuízo de compreensão. Aqui no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais, conhecida como Libras, tem influência da língua de sinais francesa, assim, podemos considerar que a Libras tem raiz linguística Francesa. Sabemos que foi no início do século XIX, precisamente no dia 26 de setembro de 1857, na cidade do Rio de Janeiro, que aconteceu a inauguração da primeira escola para surdos no Brasil, chamada na época de Instituto dos Surdos-Mudos, atualmente conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Para o ensino da Língua de Sinais, o professor E. Huet veio diretamente da França e, por este motivo, há uma influência significativa da Língua de Sinais Francesa na Língua de Sinais Brasileira. Assim, cada língua de sinais tem origens em outras línguas de sinais, considerando a modalidade visual-gestual em que essa língua se efetiva. Os estudos linguísticos de Stokoe, publicados em 1960, comprovam que os sinais são formados por parâmetros e contemplam propriedades das línguas naturais. Os estudos de Quadros e Karnopp (2004) descrevem as seguintes propriedades das línguas naturais e que fazem parte das línguas de sinais: flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade/produtividade, dupla articulação e padrão. Essas propriedades são elementos de qualquer língua humana, portanto, da língua de sinais também. As línguas de sinais são formadas por sinais icônicos e sinais arbitrários.

Nas línguas de sinais encontramos sinais icônicos: aqueles sinais que apresentam iconicidade com o objeto, lembram o objeto na sua sinalização, imitam as suas características visuais. Exemplos: carro, casa, telefone.

Figura 13 – Carro, casa, telefone.



Fonte: NTE/UFSM.

Sinais arbitrários: são sinais que não representam as características da visualidade. A grande maioria dos sinais na Libras são arbitrários. As pessoas ouvintes que estão aprendendo a Libras como segunda língua declaram que os sinais arbitrários são os mais difíceis de internalizar. Exemplo: ontem, desculpas, frio.

Figura 14 – Ontem, desculpas, frio.





Fonte: NTE/UFSM.

Para a formação de um sinal (palavra em Libras), é preciso respeitar determinadas regras, como acontece com qualquer língua. Os sinais são formados por parâmetros. Estes parâmetros envolvem a fonologia que é o estudo das unidades mínimas que fazem diferença na construção de uma palavra. Para ilustrar, utilizaremos exemplos da língua portuguesa e da Libras. Na língua portuguesa: mala/pala/bala - nesses exemplos é o som das letras “m” “p” “b” que formam um par mínimo. O par mínimo nos mostra que a mudança de apenas uma mínima unidade da palavra determinará a mudança de significado. Na língua de sinais, isso acontece quando os parâmetros que formam o sinal mudam. Para compreender a organização dos sinais e o valor de respeitar os parâmetros na formação dos sinais, primeiramente precisamos estudar esses parâmetros.

Esse conjunto de unidades menores são compostos por:

Configuração de Mãos (CM)

Locação (L)

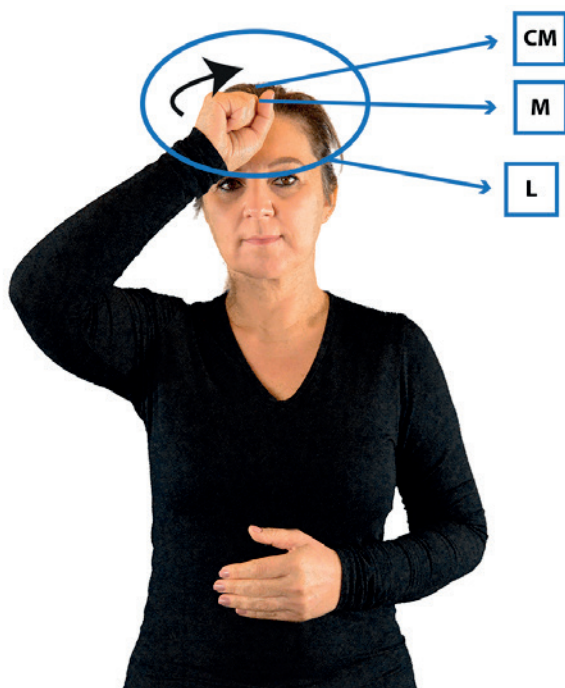
Movimento (M)

Orientação (O)

Expressões não manuais (ENM)

Vamos conhecer os parâmetros para compreender como se forma um sinal na língua de sinais.

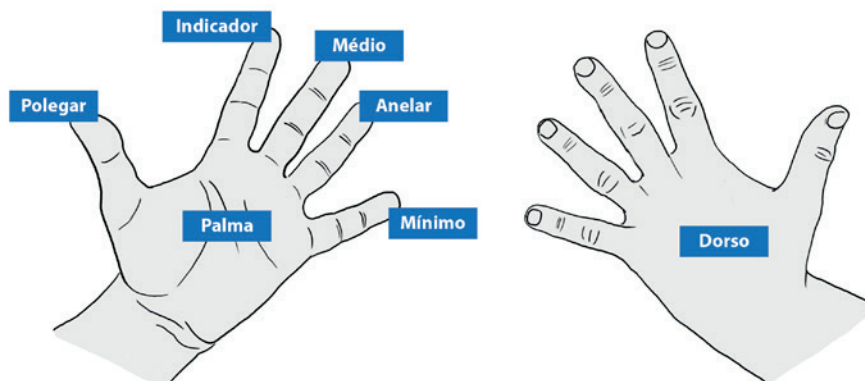
Figura 15 – Parâmetros da Língua de sinais



Fonte: NTE/UFSM.

Configuração De Mãos: A língua de sinais é uma língua que acontece no espaço por meio do movimento das mãos – portanto, as mãos são as articuladoras das línguas de sinais. Ao nos referirmos às Configurações de mãos (CM), estamos direcionando nosso olhar exclusivamente para as formas que as mãos irão assumir na produção de um sinal. Por este motivo, é importante relembrarmos o conhecimento sobre as nossas mãos, para que, quando realizarmos as orientações sobre a produção de um sinal, tenhamos clareza na compreensão da descrição.

Figura 16 – Representa as mãos e a nomenclatura de suas partes



Fonte: NTE/UFSM.

Configuração de mão (C.M) é a forma que a mão assume para emitir um sinal. Esse formato da mão poderá ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros e mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais ADORAR, APRENDER e SÁBADO tem a mesma CM.

Figura 17 – Representa as mãos e a nomenclatura de suas partes



Fonte: NTE/UFSM.

As pesquisas realizadas na língua de sinais americana (ASL) apontam 118 configurações de mãos diferentes, aqui apresentamos o quadro com 61 configurações de mãos, as mais utilizadas na formação dos sinais da Libras.

Figura 18 – Configuração de mãos



Fonte: NTE/UFSM.

Cabe lembrar que as letras do alfabeto manual fazem parte do grupo de configurações de mãos.

Locação: Para cada sinal realizado há um local para a sua execução, podendo ser realizado desde a linha da cintura até o alto da cabeça, no espaço da frente do corpo, sem tocar ou tocando o corpo.

A locação reservada para a realização dos sinais é limitada. Os sinais precisam respeitar o local exato para a sua realização, pois, com a mudança desse local, o sinal poderá assumir novo sentido, novo significado ou, ainda, não ter nenhum

sentido ou significado na Libras. Por este motivo, a Locação é um dos parâmetros da Libras que precisa ser respeitado para a produção correta do sinal.

Este parâmetro também pode ser nomeado como Ponto de Articulação (PA), mas atualmente é denominado como Locação (L).

Figura 19 - LOCAÇÃO (ou PA = Ponto de Articulação)



Fonte: NTE/UFSM.

Precisamos sempre respeitar o espaço destinado para a sinalização dos sinais das línguas de sinais. Observe na imagem a seguir qual o espaço de sinalização que as línguas de sinais acontecem efetivamente:

Figura 20 – O espaço em que acontece a língua de sinais



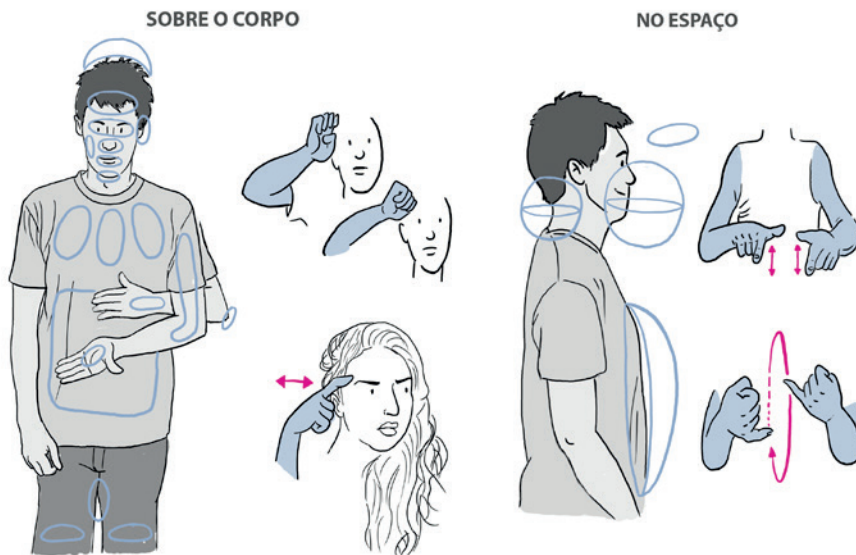
Fonte: NTE/UFSM.

A Locação do sinal é o lugar onde incide a mão predominante do sinal. Essa mão

estará configurada, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço sem tocar no corpo, denominado espaço neutro (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor).

A imagem que segue representa os lugares em que os sinais podem ser realizados:

Figura 21 – Lugares em que os sinais são realizados



Fonte: NTE/UFSM.

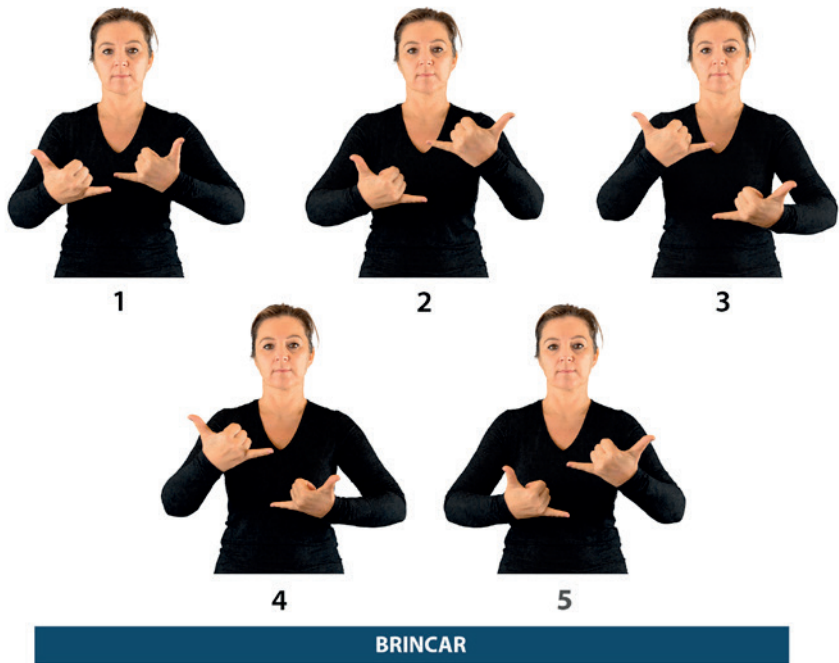
Como exemplo, temos os sinais: trabalhar, brincar e arrumar, que são realizados no espaço neutro. E os sinais: esquecer, aprender e pensar são feitos na testa (BRITO, 1995).

Figura 22 a – Arrumar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 22 b – Brincar



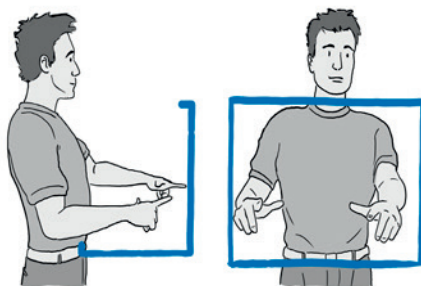
Fonte: NTE/UFSM.

Figura 22 c – Trabalhar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 23 – Espaço neutro: na frente do tórax até a cabeça e na frente do sinalizador.



Fonte: NTE/UFSM.

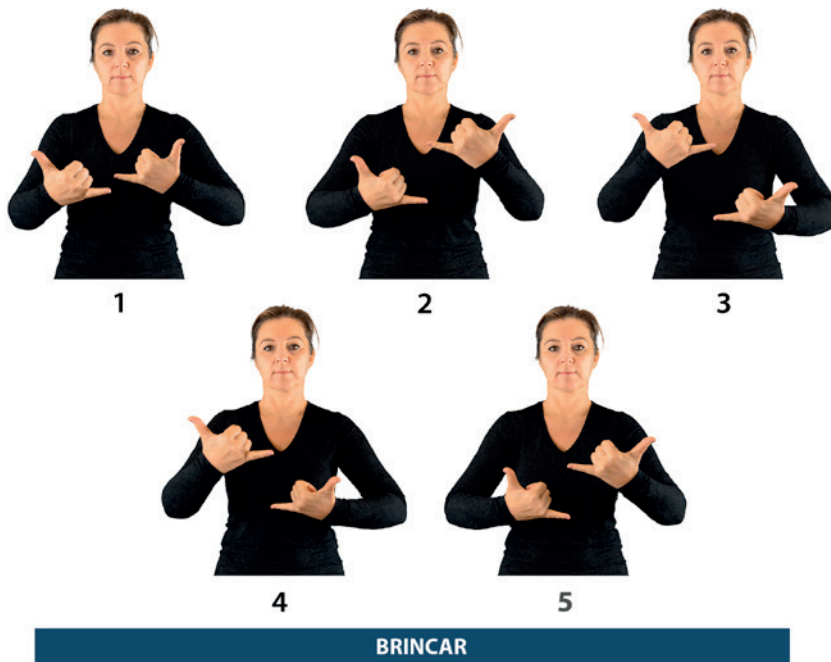
Os seguintes sinais são realizados em Locação diferente:

Figura 24 – Educado (no braço)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 25 – Brincar (no espaço neutro)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 26 – Primo (abaixo da cintura)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 27 – Conseguir (na bochecha)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 28 – Amarelo (no nariz)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 29 – Esquecer (na testa)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 30 – Água (no queixo)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 31 –Saber (na frente)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 32 –Paciência/Suportar (no alto da cabeça)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 33 – Sujar (no pescoço)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 34 – Amigo (peito)



Fonte: NTE/UFSM.

Movimento: Os sinais das Línguas de Sinais podem ter movimento ou não. É um parâmetro complexo, pode ter uma vasta rede de formas e direções de mão, pulso, no espaço, linhas retas, curvas, circulares em várias direções e posições (QUADROS; KARNOPP, 2004). Consideramos o movimento o parâmetro que é um par mínimo que, ao ser alterado, poderá modificar o sentido e significado do sinal. Por este motivo, os aprendizes de Libras como segunda língua precisam ficar atentos a este parâmetro.

Figura 35 – Representação do parâmetro Movimento



Fonte: NTE/UFSM.

O movimento dos sinais pode variar conforme a “direção”, a “forma”, a “frequência”, a “velocidade” e a “intensidade”. No que se refere à direção, alguns sinais são realizados para frente ou para trás, para baixo ou para cima, para a direita ou para a esquerda. O movimento do sinal poderá ter uma ou mais direções, ou seja, poderá ser unidirecional (movimento com uma direção no espaço), como no caso dos sinais: “educação, comportamento, Brasil, surdo”. Os sinais também poderão ser bidirecionais (podem ser realizados por uma ou as duas mãos em direções diferentes), como no caso dos sinais: “professor, trabalhar, justiça, conhecer, curso”. Ou, ainda, multidirecionais (é o sinal que tem várias direções no espaço), como nos sinais de “sapo, zebra, incomodar, pesquisar”. Considerando a forma do sinal, estamos nos referindo ao modo pelo qual os dedos e as mãos percorrem um trajeto para a execução do sinal. O movimento poderá ser longo ou curto, em linha curva no espaço ou linha reta no espaço. Muitos sinais com esses movimentos lembram a ação ou o uso que fizemos com o próprio objeto, como no sinal de “varrer”. A frequência do movimento refere-se à repetição na realização do sinal – essa característica aparece em poucos sinais, como “sexta-feira”, “professor”, esfregar”. No que se refere à velocidade e à intensidade do movimento dos sinais, isso se dá porque alguns sinais são realizados mais rapidamente e outros mais suaves e lentos. No sinal de “acusar” é preciso fazer o movimento com mais velocidade, no sinal de “conhecer” o movimento é mais lento.

Também temos alguns sinais sem movimento: “triste, disciplina, sentar”.

Figura 36 – Triste/Disciplina/Sentar



Fonte: NTE/UFSM.

Orientação: O parâmetro da Orientação refere-se à posição da palma das mãos na realização do sinal. No momento da realização do sinal, as mãos podem ter uma forma, que é a configuração de mãos (C.M), uma orientação (O) – é esse segundo parâmetro que vai indicar a posição da palma da mão para a realização do sinal. O corpo do sinalizador é a referência para a execução da orientação (O) da mão. A orientação pode sofrer alterações ao realizar o próprio sinal. Conseguimos identificar os seguintes tipos de orientação (O) da palma da mão: para a direita ou esquerda, para cima ou para baixo, para frente ou em direção ao corpo e em diagonal.

Exemplos:

Figura 37 - O sinal de “Mostrar” a orientação da palma da mão é para frente.

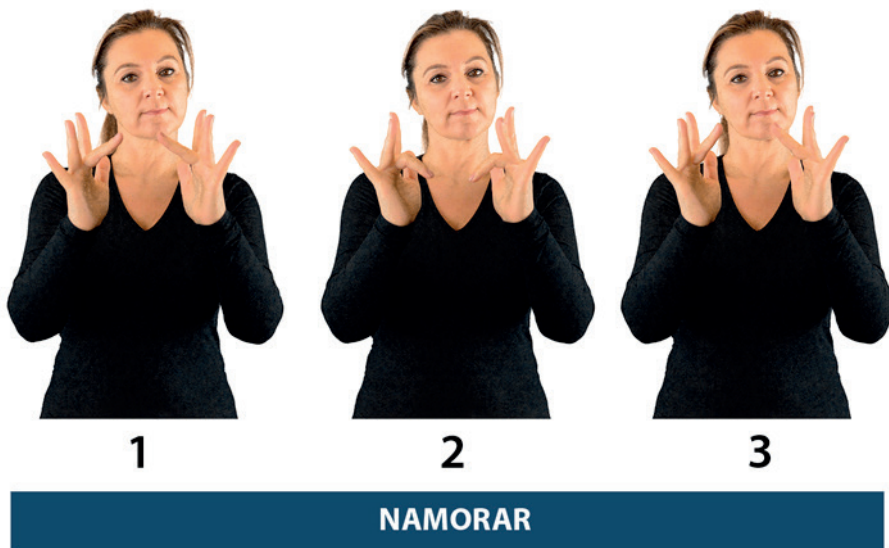


Fonte: NTE/UFSM.

No sinal “Namorar”, as mãos são espelhadas – uma das mãos com a palma virada para a direita e a outra para a esquerda.

Exemplos:

Figura 38 – Namorar



Fonte: NTE/UFSM.

No sinal “trabalhar”, a Orientação da palma da mão é para baixo.

Figura 39 – Trabalhar



Fonte: NTE/UFSM.

No sinal “Passado”, a Orientação da mão é para trás do sinalizador.

Figura 40 - Passado



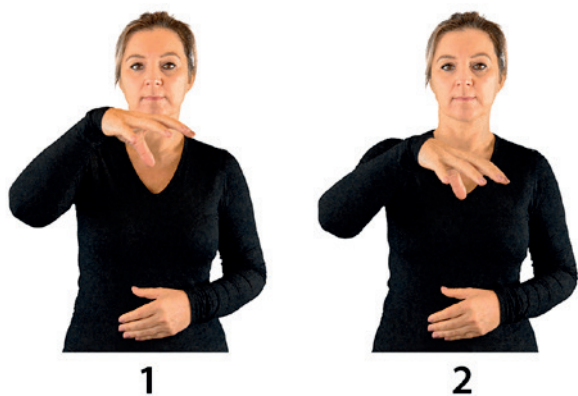
Fonte: NTE/UFSM.

Expressões Não Manuais: Muitos sinais, além dos parâmetros mencionados, em sua configuração, têm como traço diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, como os sinais “alegre” e “triste”, que precisam ser acompanhados de uma expressão correspondente. As línguas de sinais são expressas pelo canal gestual visual, assim, a expressão facial e corporal são essenciais para referenciar o que o sinalizador pretende expressar. Os aprendizes das línguas de sinais conseguem incorporar as expressões não manuais na sua sinalização por meio da experiência com a língua, pois com o uso regular as expressões naturalmente começam a fazer parte da sinalização.

Alguns sinais da língua de sinais são semelhantes. Nesse caso, conseguimos realizar a distinção de seu significado modificando a expressão - muitos sinais precisarão da intensidade vigorosa do movimento ou de tranquilidade, como no caso do sinal de “chuva”, para representar a garoa (chuva calma) ou então a chuva mais forte (a diferença estará na expressão do sinalizador).

Figura 41 - Chuva/ Muita Chuva/ Triste/ Alegre





1

2

CHUVA



1

2

3

4

5

MUITA CHUVA



TRISTE

Fonte: NTE/UFMS.

Assim, é preciso compreender que um sinal precisa respeitar os parâmetros para ser compreendido na língua de sinais. Se acontecer de um dos parâmetros (Configuração de mãos, Locação, Movimento, Expressões Não Manuais) estar modificado no momento de realizar o sinal, este poderá ter outro significado ou nenhum significado. Por este motivo, precisamos compreender quais os parâmetros que formam cada sinal para realizá-lo corretamente.

1.8

SURDOS: COMO POLÍTICA DA DIFERENÇA, COMO EXPERIÊNCIA VISUAL

A visão é o sentido que dá existência para o povo surdo, eles fazem uso de suas potencialidades, daquilo que tem de melhor a ser desenvolvido. É por meio da visualidade que a compreensão do mundo acontece. O povo surdo produz a cultura surda por meio da visualidade, ela dá condições para a conquista de lugares, produzir concepções e se constituir como sujeito que sinaliza a própria história. A experiência visual é elemento constituinte da cultura surda, sendo que os “sujeitos surdos perceberem o mundo de maneira diferente, a qual provoca reflexões de suas subjetividades” (STROBEL, 2008, p.38). A experiência visual é considerada elemento fundamental entre os pares surdos, pois é por meio dessa experiência que a língua desse povo é produzida. Pesquisadores surdos afirmam que a experiência visual é o “meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

1.9

ORGANIZAÇÕES DE SURDOS / O QUE É FENEIS? ASSOCIAÇÕES DE SURDOS?

Historicamente, os movimentos da comunidade surda têm suas origens nas atividades relacionadas ao esporte. Como vimos no início desta unidade, a primeira escola para surdos fundada no Brasil foi em 1857 na cidade do Rio de Janeiro, hoje nomeada como INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). A faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro estava situada ao lado do prédio do INES, por esse motivo, os alunos do INES eram convidados a participar de jogos e disputas com os alunos da faculdade de Educação Física. Mas essa característica não se deu apenas com os surdos do Rio de Janeiro – é uma proximidade que faz parte de muitos grupos de surdos de todos os lugares do mundo.

A Federação Desportiva de Surdos do Rio de Janeiro tem data de inauguração em 20 de janeiro de 1959. A fundação do INES na cidade do Rio de Janeiro é elemento que fomentou a formação de uma comunidade surda articulada politicamente. No ano de 1930, foi fundada a Associação Brasileira de Surdos-Mudos por ex-alunos do INES, essa associação ficou desativada por alguns anos até que em 1971, na cidade de São Paulo, um grupo de surdos retomou a associação e filiou-a à WFD (World Federation of the Deaf). No entanto, essa instituição foi desativada.

A associação de surdos de São Paulo foi fundada em 1954 e está ativa até os dias de hoje. Foi em 1977 que um grupo de ouvintes (profissionais ligados à área da surdez) junto a alguns surdos fundaram a FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

As pessoas surdas buscaram fortalecer os movimentos vinculados a FENEIDA e no dia 16 de maio de 1987 um grupo de surdos adultos colocaram em votação o fechamento da FENEIDA em detrimento da criação da FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, com a iniciativa de apenas pessoas surdas pertencerem à gestão dessa federação. A FENEIS consegue se manter até os dias atuais e consagra uma das referências de representações políticas e conquistas vinculadas ao povo surdo.

Alguns fatos sobre a associação de surdos no Rio Grande do Sul:

A professora Louise Schmidt, que veio da Alemanha, criou uma escola para surdos em Porto Alegre, no ano de 1927. Louise e seu marido contaram com a colaboração da imprensa para a divulgação da escola nas cidades interioranas e conseguiram reunir alguns surdos (no máximo 18 alunos, conforme os estudos históricos realizados) na sua escola, que se chamava Instituto Ipiranga e utilizava exclusivamente a oralidade na educação dos surdos. Ao reunir os surdos, a professora Louise proporciona a eles a possibilidade de criação de sinais básicos para a comunicação visual entre eles, pois é na reunião entre os pares que se faz a convenção destes

gestos que logo são oficializados como língua de sinais. Naquele período histórico, a professora Louise não aceitava os sinais criados pelos surdos alunos do Instituto e era banida qualquer forma de expressão com as mãos, inclusive eram vigiados nos intervalos e nos banheiros para não usarem as mãos para se comunicarem. Um dos alunos do Instituto Ipiranga, Ney Olmedo, foi estudar no Rio de Janeiro no INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos, onde aprendeu a Língua de Sinais. Ao retornar para o Rio Grande do Sul, tornou-se um líder surdo para a divulgação e a propagação dos sinais. Ney Olmedo é o grande idealizador da primeira Associação de Surdos no estado do Rio Grande do Sul, a qual foi fundada em 5 de outubro de 1955 como Associação de Surdos Mudos do Rio Grande do Sul.

No ano de 1962, em Porto Alegre, é criada a Escola Especial de Surdos, na qual predominavam o oralismo e o ensino de práticas, como marcenaria, corte e costura, pintura e desenho. No ano de 1956, foi fundado o Instituto Frei Pacífico, uma escola para meninas surdas. Relatos de vida de surdos mais velhos contam que eles saíam das escolas e encontravam-se na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, para fazer uso da língua de sinais. O endereço da Rua da Praia transformou-se em ponto de encontro de surdos de diferentes lugares de Porto Alegre e até mesmo de cidades vizinhas ou de países vizinhos quando estavam de passagem pela capital gaúcha. Esses encontros informais dos surdos serviam para usarem a língua de sinais, a qual era proibida e perseguida nas escolas. Justamente nesses encontros os sinais eram aperfeiçoados. Nesse local, os surdos encontram não somente a possibilidade de pensar e criar sinais para a sua comunicação visual, mas, sim, a produção da identidade e da cultura surda. Estudos de resgate histórico nos evidenciam que esses momentos de encontros informais para o uso da língua de sinais eram também situações em que os surdos vivenciavam o preconceito dos ouvintes que passavam pelo centro de Porto Alegre. Então, nessas situações, aprenderam a encarar o preconceito, fomentar a cultura, dar vida à língua e fazer nascer a certeza de que eram um povo diferente, um povo sinalizante, um povo que tem a visualidade como ponto central na sua constituição.

Os estudos historicistas nos evidenciam que os surdos precisaram sair do espaço educacional formal na busca por espaços não formais para conseguirem reunir forças para fortalecer a sua língua, fortalecer a sua identidade como sujeito visual, para a conquista de uma concepção social que parte das suas potencialidades, que são a visualidade e a gestualidade, sujeitos linguisticamente diferentes.

No ano de 1966, é inaugurada a Escola Especial Concórdia, centrada na metodologia oralista, mas, devido à luta dos alunos surdos, no ano de 1985 a escola começa a admitir o uso da sinalização na metodologia educacional. Essa escola é a pioneira em permitir o uso da língua de sinais associada à língua oral, chamada de Comunicação Total.

A escola Concórdia oferece o ensino médio para os alunos surdos (na época chamado de segundo grau). Assim, alguns surdos conseguiram acesso à universidade.

Outro fato histórico importante na organização das comunidades surdas é a fundação da Colônia de férias na praia de Capão da Canoa, fundada no dia 24 de janeiro de 1967. Este local desenvolve atividades anuais de encontro da comunidade surda durante o verão. As atividades acontecem até os dias atuais.

No ano de 1987, é criada a FENEIS-RS, fundação de valor fundamental para a expansão de surdos politizados. As discussões na FENEIS-RS estiveram voltadas para mobilizar o povo surdo na luta pelo reconhecimento da língua de sinais, educação bilíngue, a profissionalização de intérpretes... A FENEIS é referência na militância da comunidade surda e lugar de constituição de sujeitos politizados.

Com base em dados da Confederação Brasileira de Surdos, atualmente no Brasil temos as seguintes associações municipais de surdos:

Associações e Entidades de Surdos no Brasil:

NORDESTE:

PERNAMBUCO

Associação dos surdos de Pernambuco
Associação dos surdos de Olinda
Associação dos surdos de Vitória
Associação dos surdos de Gravatá
Associação dos surdos de Caruaru
Associação dos surdos de Petrolina
Associação dos surdos de Arco Verde
Associação dos surdos de Cabo
Associação dos surdos de Garanhuns

PARAÍBA

Associação dos surdos de João Pessoa
Associação dos surdos de Campina Grande
Associação dos surdos de Patos
Associação dos surdos de Bayeux
Associação dos surdos de Pombal
Liga Nordestina de Desportivo dos surdos

CEARÁ

Associação dos surdos da Região Metropolitana do Cariri
Associação dos surdos de Fortaleza

RIO GRANDE DO NORTE

Associação dos surdos de Natal
Associação dos surdos de Mossoró

PIAUÍ

Associação dos surdos de Teresina

MARANHÃO

Associação dos surdos de São Luiz

SERGIPE

Associação dos surdos de Aracajú

ALAGOAS

Associação dos surdos de Maceió

BAHIA

Centro dos Surdos de Bahia

NORTE:

AMAZONAS

Associação dos surdos de Manaus

PARÁ

Associação dos surdos de Belém

CENTRO-OESTE:

GOIÁS

Associação dos surdos de Goiana

Associação dos surdos de Anápolis

Associação dos surdos de Rio Verde

Associação dos surdos de Itumbiana

Federação Desportiva dos Surdos de Goiás

MATO GROSSO

Associação dos surdos de Cuiabá

Associação dos Surdos de Várzea Grande

Associação dos surdos de Rondonópolis

MATO GROSSO DO SUL

Associação dos surdos de Mato Grosso do Sul – Campo Grande

DISTRITO FEDERAL

FBDS – Federação Brasiliense Desportiva dos Surdos

ASSURP – Associação Sociocultural dos Surdos de Planaltina – DF

ASSURS/ Associação Sócio cultural dos Surdos de Sobradinho - DF

Associação dos surdos de Brasília

Associação dos surdos de Plantina

Associação dos surdos de Santa Maria e Entorno/ASSME

Associação Desportivo dos Surdos de Brasília

SUDESTE:

MINAS GERAIS

Associação dos surdos de Minas Gerais
Associação dos surdos de Governador Valadares
Associação dos surdos de Ipatinga
Associação dos surdos de Teófilo Otoni
Associação dos surdos de Ituiutaba
Associação dos surdos de Uberaba
Associação dos surdos de Uberlândia
Associação dos surdos de Prata
Associação dos surdos de Frutal
Associação dos surdos de Montes Claros
Associação dos surdos de Juiz de Fora
Associação dos surdos de Divinópolis
Associação dos surdos de Betim
Associação dos surdos de Contagem
Associação dos surdos de Araxá
Associação dos surdos de Varginha
Associação dos surdos de Araguari
Associação dos surdos de Conselheiro Lafaiete
Associação dos surdos de Patos de Minas
Associação dos surdos de Belo Horizonte
Federação Mineira Desportiva dos Surdos
Congregação dos Deficientes Auditivos de Beaga
Federação Entidade de Estado de MG de Surdos
Associação dos surdos de Araguari
Associação dos surdos de Passos
Associação dos surdos de Lavras
Associação dos surdos de Pará de Minas

SÃO PAULO

IST- Instituto Santa Teresinha
DERDIC- Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação
APAS- Associação de Pais e Amigos de Surdos
ASUS- Associação dos Surdos de Sorocaba
ADAVIDA- Associação dos Deficientes Auditivos – Visuais e Deficientes Auditivos
Associação dos surdos de São Paulo
Associação dos surdos de Campinas
Associação dos surdos de Ribeirão Preto
Associação dos surdos de Franca
Associação dos surdos de São Bernardo do Campo
Associação dos surdos de Susano
Associação dos surdos de Rio Preto de Campos
Associação dos surdos de Piracaba
Associação dos surdos de Botucatu
Associação Araquarense pro Surdos
Associação dos surdos de Presidente Prudente
Associação Comunidade surdos de São José dos Campos

Associação Paulista Desportiva e Cultural de deficientes Auditivos
Associação Desportiva de Surdos de Guarulhos
Associação Atlética dos surdos de Guarulhos
Clube Social Paulista de Surdos
Congregação Santista de Surdos
Clube Social dos Surdos de Bauru
Associação e Clube Social dos Surdos de Jundiaí
Clube Social dos Surdos de Piracicaba
Federação Paulista Desportiva dos Surdos
Confederação Brasileira Desportivo de Surdos

RIO DE JANEIRO

FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
Associação dos Surdos do Rio de Janeiro
Associação dos surdos de Niterói
Associação Serrana de surdos
Associação Alvorada Congregadora de surdos
Associação dos surdos de Petrópolis
Associação dos surdos de Nilópolis
Associação Fluminense de Surdos
Associação dos surdos de Angra dos Reis
Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro

ESPÍRITO SANTO

Associação de Integração dos Surdos de Vitoria
Associação dos Surdos de Colatina

SUL:

PARANÁ

Associação dos surdos de Curitiba
Associação dos surdos de Londrina
Associação dos surdos de Maringá
Associação dos surdos de São José dos Pinhais
Associação dos surdos de Colombo
Associação dos surdos de Foz do Iguaçu
Associação dos surdos de Paranaguá
Associação dos surdos de Cascavel
Federação Desportiva dos Surdos de Paraná

SANTA CATARINA

CEFET- Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina
Associação dos Surdos de Florianópolis
Associação dos surdos de Camboriú
Associação dos surdos de São José
Associação dos surdos de Blumenau

Associação dos surdos de Chapecó
Associação dos surdos de Joinville
Associação dos surdos do Vale do Itaju
Associação dos surdos de Timbó
Federação Catarinense Desportivo de Surdos

RIO GRANDE DO SUL

Associação dos surdos de Venâncio Aires
Associação dos surdos de Santa Maria
Associação dos surdos de Passo Fundo
Associação dos surdos de Pelotas
Associação dos surdos de Guaíba
Associação dos surdos de Santo Ângelo
Associação dos surdos de Lajeado
Associação dos surdos de Caxias do Sul
Associação dos surdos de Esteio
Sociedade dos Surdos de Esteio
Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul
Federação Desportiva dos Surdos do Rio Grande do Sul

1.10

POLÍTICA EDUCACIONAL DOS SURDOS: PEDAGOGIA DA DIFERENÇA / EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Pesquisadores da área da educação de surdos (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 1997; SKLIAR, 1997) indicam em suas pesquisas que o processo educacional para as pessoas surdas precisa acontecer na perspectiva bilíngue, pois a aprendizagem desses sujeitos acontece por meio da língua de sinais, que é considerada a primeira língua (L1) das pessoas surdas, e também por meio da aprendizagem da língua portuguesa (L2) na modalidade escrita, considerada a segunda língua das pessoas surdas. Nesse sentido, a educação bilíngue para surdos está contemplada, considerando principalmente os primeiros anos escolares, ou seja, nas etapas da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Acompanhando os aspectos históricos, sabemos que a idealização da escola inclusiva para as pessoas deficientes ganhou força na década de 90, influenciando as políticas educacionais de nosso país. No que se refere à educação de surdos, temos o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais por meio da Lei Federal nº 10.436/02, do dia 24 de abril de 2002. Essa Lei tem em seu art. 1º o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio legal de comunicação e expressão, um “sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). O reconhecimento da Libras por meio da Lei representa uma conquista significativa da militância da comunidade de surdos. No dia 22 de dezembro de 2005, é promulgado o Decreto Federal nº 5.626/05, que regulamenta a Lei Federal nº 10.436/02, destacando a inclusão da Libras – Língua Brasileira de Sinais - como disciplina obrigatória em cursos de licenciatura, educação especial e fonoaudiologia, destacando também sobre a disciplina ser ofertada como optativa nos cursos de bacharelado. Ainda neste mesmo decreto, no Art. 22, inciso I, propõe-se que os espaços educacionais precisam garantir a organização de escolas e classes de educação bilíngue, com professores bilíngues, nas etapas da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Nestes espaços educacionais, a Libras precisa ser considerada a primeira língua para os surdos e a língua portuguesa na modalidade escrita seja considerada a língua de instrução. No decreto 4526/05 há diferenciações sobre a escolarização das crianças surdas nos anos iniciais e anos finais, colocando em destaque as especificidades encontradas em cada uma destas etapas escolares. A preocupação em diferenciar essas etapas respeita o processo de aquisição da língua, o desenvolvimento das crianças e a formação específica dos professores. No espaço da sala de aula, a Libras é a língua de interlocução entre os envolvidos no processo educacional (professores e alunos) e também deve ser a língua de instru-

ção, pois por meio das relações estabelecidas com a primeira língua serão capazes de elaborar situações de aprendizagem para a escrita da língua portuguesa, que é a segunda língua. Aprender a língua portuguesa na modalidade escrita é essencial para garantir acesso ao conteúdo dos livros didáticos e de textos complementares, garantindo o status de língua de instrução.

O decreto nº 5626/05 menciona que a criança surda, após vivenciar a primeira etapa da educação formal na escola ou classe bilíngue, estará com a língua de sinais adquirida e poderá ser incluída na escola comum nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio com a garantia da presença de um tradutor e intérprete de Libras (Tils) na sala de aula. O Art. 23 do decreto federal nº 5626/05 salienta sobre a atividade de tradução e interpretação da língua de sinais em sala de aula: “As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação” (BRASIL, 2005). É importante destacar também o decreto de 17 de novembro de 2011, Decreto nº 7611, que dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento educacional especializado (AEE) e dá outras providências. No que se refere à educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, este decreto (7611) destaca a relevância do espaço pedagógico para surdos ser bilíngue, ainda faz referência às diretrizes e princípios que estão dispostos no Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.

Outro elemento relevante é a formação de professores para atuar no contexto da educação bilíngue, indicando a formação continuada e a distribuição de materiais didáticos em Libras. No Art. 5º “§ 4º a produção e a distribuição de recursos educacionais para a acessibilidade e aprendizagem incluem materiais didáticos e paradidáticos em Braille, áudio e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, laptops com sintetizador de voz, softwares para comunicação alternativa e outras ajudas técnicas que possibilitam o acesso ao currículo” (BRASIL, 2011).

No que se refere à educação bilíngue para surdos, na perspectiva da Educação Inclusiva, em que os surdos participam da escola comum, a educação bilíngue precisa contemplar a língua de sinais-Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, contemplando também o contexto da sala de aula com a presença do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais(Tils). Nesta perspectiva, o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita está assegurado, garantindo, assim, o direito do aluno surdo de ter acesso aos saberes escolares na sua primeira e segunda língua. Compreendemos que o espaço educacional bilíngue reconhece as duas línguas como elementos fundamentais para a formação da pessoa surda. Sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para os alunos surdos, no texto da Política Nacional de Educação Especial, o AEE precisa ser desenvolvido por profissionais conhecedores da Libras e que sejam capazes de ensiná-la para as crianças surdas, além de ensino da língua portuguesa na modalidade escrita. A nota técnica nº 55, do dia 10 de maio de 2013, indica que o AEE (Atendimento Educacional Especializado) precisa ser garantido prioritariamente na própria escola ou em outra escola, podendo, ainda, ser ofertado em centros de atendimento educacional especializado, prioritariamente nas salas de

recursos multifuncionais.

No ano de 2014, foi instituído o Plano Nacional de Educação, para o decênio 2011-2020, por meio da Lei nº 13.005, de 25 de junho. Na Meta 4, é proposto universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014). Na referida meta, a estratégia 4.7 prevê:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2014).

Dados publicados pelo Censo Escolar MEC/INEP (BRASIL, 2016) evidenciam que houve um número crescente de matrículas de alunos surdos na escola comum na Educação Básica. Isso se deu após a implementação da política na perspectiva inclusiva. Os números anunciam um aumento de 15% entre os anos de 2003 a 2015.

Autores da área de educação de surdos afirmam que o espaço educacional bilíngue para os surdos precisa ser contemplado com a presença de professor surdo nas primeiras etapas da escolarização (educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental; assim, tem a garantia da oferta dos conteúdos escolares na primeira língua dos surdos, sendo que nesta etapa as crianças surdas estão adquirindo a Língua de Sinais, favorecendo a construção da identidade surda. Esse elemento ultrapassa as orientações da política inclusiva que está restrita à presença do intérprete e tradutor da Libras em sala de aula. As pesquisas de Quadros (2006) ampliam essa proposição afirmando que a escola bilíngue precisa contemplar professores ouvintes bilíngues e professores surdos compartilhando o espaço educacional na formação das crianças surdas, respeitando as especificidades linguísticas dos alunos surdos e considerando a modalidade espaço visual da língua de sinais, sendo por meio desta que se dá o desenvolvimento linguístico cognitivo do surdo.

1.11

LIBRAS X GESTUNO E SINAIS INTERNACIONAIS (SIGN INTERNATIONAL)

A língua de sinais: As línguas de sinais dos diferentes países são línguas naturais que surgiram por meio das interações entre as pessoas surdas que utilizam o canal visual gestual como potencial para a comunicação. É nesse sentido que os estudos linguísticos confirmam a existência de gramática em todas as línguas de sinais e, por meio da sua estrutura gramatical, é possível expressar qualquer conceito abstrato, concreto, metafórico, descritivo, emotivo, literal, exatamente como acontece em qualquer língua humana. Por meio da língua de sinais, somos capazes de expressar todos os significados que necessitamos para sermos compreendidos. As línguas de sinais são articuladas espacialmente e percebidas visualmente. É no espaço que a língua de sinais se organiza fonologicamente, gramaticalmente e morfologicamente. Percebemos no uso do espaço da sinalização a sintaxe e a semântica da língua de sinais. Muitos sinais da Língua de sinais apresentam formas icônicas, ou seja, representações reais do objeto que está sendo sinalizado, com suas características visuais. Cada língua de sinais utiliza as formas icônicas que retratam a sua realidade, sua perspectiva – não são universais os sinais icônicos devido à sua perspectiva cultural sobre aquele objeto. Torna-se relevante enfatizar que, assim como todas as línguas, a Língua de Sinais também é natural. É nesse sentido que as Línguas de sinais se opõem a sistemas artificiais como o Esperanto e o Gestuno. A Libras é a Língua de Sinais Brasileira, os surdos brasileiros são usuários da Libras e em cada país há sua própria língua de sinais; portanto, ela não é universal.

O gestuno: No ano de 1951, a Federação mundial de Surdos divulgou o Gestuno, que é um sistema de comunicação artificial inventado para a comunicação internacional em eventos que reúnem diferentes países. No ano de 1973, foi criado o sistema Standard de sinais internacionais que avaliou e selecionou sinais de diferentes línguas de melhor entendimento visual, objetivando a criação de sinais de fácil aprendizagem. A comissão responsável pelo levantamento destes sinais fez uma publicação com material ilustrativo de mil e quinhentos sinais. Esses sinais não estão vinculados a uma gramática e por este motivo é caracterizada como uma língua artificial, inventada para facilitar a comunicação em eventos internacionais, pois é difícil contemplar a presença de intérpretes de diferentes línguas em eventos internacionais. O nome Gestuno (pronuncia-se guestuno) significa “união das línguas de sinais” do mundo, e é de origem italiana. Seu uso é reduzido para eventos como jogos mundiais ou conferências e festivais internacionais de surdos. Por ser uma língua artificial, as pessoas não mostraram interesse em aprender esses sinais – o mesmo processo aconteceu também com a língua oral inventada artificialmente, o esperanto.

1.12

DIREITOS E MOVIMENTOS SURDOS. LITERATURA SURDA

Ao longo da história da humanidade, os surdos tentam romper com o imaginário social de que são pessoas descapacitadas, pessoas deficientes e com limitações para desenvolver atividades sociais. Os movimentos surdos ao longo do tempo têm conquistado o respeito e a cidadania como sujeitos linguisticamente diferentes, pois foi justamente por não se comunicarem oralmente que a concepção de deficiência foi produzida. Como vimos no início desta unidade, na pré-história, na Antiguidade e na Idade Média, encontramos apenas registros de extermínio destes sujeitos. Havia investimento para a exclusão social, pois não eram reconhecidos como seres humanos. Ao nos depararmos com as diferentes formas de narrar o surdo nos contextos das civilizações, conferimos que a forma de considerar os sujeitos surdos no Egito e na Pérsia era como privilegiados, seres enviados pelos deuses. Os gregos realizaram investimentos para a eliminação de recém-nascidos aparentemente diferentes, elemento que poderia sugerir alguma deficiência. O povo romano matava, abandonava nos rios, e mantinha alguns como escravos. Na Idade Média, a discriminação ganhou força devido à influência da Igreja Católica e somente na Idade Moderna começaram as primeiras iniciativas de institucionalização de propostas educacionais para os surdos. Conferimos, então, que é somente na Modernidade que a sociedade começa a pensar na educação das pessoas surdas como elemento de participação social. Atualmente, o povo surdo segue na busca por espaços sociais de reconhecimento de sua cultura e língua. Estudos de Strobel (2008) afirmam que o povo surdo são os sujeitos que compartilham as mesmas histórias, as mesmas tradições, os mesmos costumes e se identificam nas especificidades culturais.

A cultura surda é desrespeitada pelo simples fato de que vivemos em uma sociedade que é produzida e constituída num modelo ouvinte, em que são criadas limitações sociais para os surdos em detrimento do privilégio da comunicação oral auditiva.

A comunidade surda está envolvida em práticas sociais que vão desde o desenvolvimento de práticas políticas, até atividades que envolvem a cultura e o esporte promovidos pelos surdos, ainda na criação de associações de surdos.

Podemos afirmar que o Movimento Surdo atua no contexto sociopolítico de nosso país, sendo representado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), a qual tem o objetivo de manter a defesa e a luta pelos direitos da comunidade surda brasileira. Como vimos no item anterior, a Feneis é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com finalidade sociocultural, educacional e assistencial da comunidade surda. A FENEIS é filiada à Federação Mundial dos Surdos e reconhecida como de Utilidade Pública Federal.

Os participantes do Movimento Surdo são militantes que utilizam as redes sociais, os meios de comunicação e os diversos recursos multimídia para promover a

organização e divulgação de passeatas, reuniões, mobilizações, cursos e encontros em que o surdo é a centralidade. Como exemplo, temos o dia do surdo, que no Brasil é o dia 26 de Setembro – nesta data, todos os anos, acontecem passeatas, protestos, encontros e discussões, sendo considerado pelo Movimento Surdo como um dia de luta em busca de reconhecimento social.

O Movimento Surdo está em constante busca por espaços de reconhecimento social, em que a identidade surda seja respeitada. Deseja romper com as restrições de oportunidades, quer mudanças políticas, e ocupar o espaço de cidadania. É preciso destacar que as lutas disputadas com furor pelo movimento surdo conquistaram espaços importantes. Podemos destacar aqui o direito à acessibilidade comunicativa e os demais direitos ligados à cidadania, os quais foram incluídos na Constituição Brasileira. O movimento surdo está lutando para a conquista efetiva de acessibilidade linguística em hospitais, com o direito de intérpretes de Libras, lutam pelo direito de informações visuais por meio de painéis eletrônicos e presença de Intérpretes em locais públicos como rodoviárias, aeroportos, bancos, casas lotéricas, laboratórios. Lutam pelo direito a legendas em filmes nacionais por meio de uma campanha nacional que se chama “legenda para quem não ouve, mas se emociona”.

Figura 42 - Campanha para legenda em filmes nacionais



Fonte: Cultura Surda. Disponível em: [HTTPS://CULTURASURDA.NET/2011/12/14/CAMPANHA-LEGENDA-NACIONAL/](https://culturasurda.net/2011/12/14/campanha-legendas-nacional/)

Na questão educacional, o movimento surdo tem direcionado suas lutas para a garantia da escola bilíngue e da cultura surda. Suas reivindicações contemplam questões identitárias, culturais, sociais, históricas e políticas. O movimento surdo em todo o território nacional tem o mês de setembro como marca oficial. Setembro Azul é marcado por datas que lembram as lutas e as conquistas do movimento surdo, utilizando a cor azul para fazer essa representação. No mês de setembro, o movimento surdo realiza diferentes atividades, buscando mobilizar a sociedade e as autoridades para a garantia de seus direitos linguísticos e culturais. A organização de seminários, palestras, cursos, passeatas, apresentações teatrais, agenda com audiências públicas, festas e exposições fazem parte do movimento surdo no mês

de setembro, objetivando discutir a garantia de seus direitos.

O Movimento Surdo considera como prioridade a Educação Bilíngue para surdos, conquistando o reconhecimento social da surdez. O direito humano de ter acesso aos conhecimentos escolares na sua primeira língua e utilizar a escrita da língua portuguesa como segunda língua é a maior reivindicação do movimento surdo. Somado a isso, o movimento surdo busca acessibilidade comunicacional e de informações em locais públicos, em hospitais e unidades de saúde, apoio e incentivo para a prática de esportes, passe livre em transportes urbanos intermunicipais, trabalho para os surdos, divulgação e valorização da cultura surda e da Libras.

Autores da área da educação de surdos compreendem a educação bilíngue por meio da perspectiva política, linguística e cultural dos surdos. Consideram que essa proposta precisa partir das demandas da própria comunidade surda, em que os projetos políticos pedagógico favoreçam condições de acesso à identidade pessoal e social destes sujeitos, acesso ao trabalho e à cultura surda.

Atualmente, no território nacional, o movimento surdo está lutando pela inclusão da disciplina de Libras nas escolas de educação básica. A FENEIS propõe a criação de escolas bilíngues para a educação básica (desde a educação infantil até o ensino médio), além da criação de cursos que visam a formação de professores surdos, professores ouvintes bilíngues e de tradutores e Intérpretes de Libras (Tils), no âmbito de graduação e pós-graduação, em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas. A comunidade surda, junto à FENEIS, procura criar estratégias para fortalecer a cultura surda, reivindicando ações como a criação de cursos de Libras para a comunidade, estabelecimento de cotas para surdos no ingresso e também para a permanência destes nas universidades, estímulo à criação de recursos didáticos em Libras para apoio na educação bilíngue.

LITERATURA SURDA

A literatura surda é constituída pelas histórias narradas, produzidas e criadas em língua de sinais de diferentes países pelas pessoas surdas. As histórias de vida dessas pessoas fazem parte, assim como as piadas sinalizadas, os poemas, os contos, as fábulas, as lendas, os jogos de linguagens, as anedotas, toda essa materialidade de dados, na maioria das vezes têm como personagem central a pessoa surda e a sua experiência visual de compreender o mundo e se fazer pertencer como sujeito social. Também são abordadas as relações estabelecidas entre as pessoas surdas e ouvintes, as relações de afeto e conflituosas produzidas na família, entre os amigos e nos espaços sociais, além das discriminações linguísticas e a opressão vivida. Há uma escassez de literatura que destaca como protagonista o surdo, as experiências da cultura surda ou as especificidades desse povo; assim, eles são os criadores da literatura surda, contando suas histórias e fazendo circular, repassando de uma geração à outra a sua forma de ver e estar no mundo, as relações estabelecidas, o orgulho de ser um sujeito visual, a importância da liderança surda, as histórias do movimento surdo, os enfrentamentos, as dificuldades e a exclusão social por serem sujeitos linguisticamente diferentes, com uma cultura visual que os definem.

O povo surdo faz seus registros da literatura surda por meio de recursos visuais como vídeos e filmes, mas também contam com a tradução para a escrita da língua

portuguesa, utilizando imagens para representar a sinalização. É nesse sentido que a literatura surda refere-se a todas as produções em que a língua de sinais está em destaque, também as questões da cultura surda e da identidade desse povo sinalizante.

A partir dos anos 2000, conseguimos encontrar mais materiais produzidos na área da literatura infantil, poesia surda, narrativas, entre outras.

Como acontece em qualquer outra língua, a língua de sinais também faz uso e explora diferentes recursos linguísticos, mas a centralidade está na produção de expressões faciais e corporais, a produção de sinais icônicos, o uso de classificadores objetivando obter efeitos estéticos e com clareza visual. As pessoas surdas organizam os poemas sinalizados muitas vezes rompendo com a forma em que a linguagem é utilizada no cotidiano, ou seja, rompendo com a regularidade do cotidiano e produzindo formas linguísticas repletas de criatividade com novos recursos visuais sinalizados. É possível observar o **uso criativo** de diferentes movimentos, configurações de mãos, locações e expressões. Nesse sentido, o poema nos abre diferentes possibilidades de interpretações e construções de sentidos.



INTERATIVIDADE: Temos poetas surdos brasileiros que produzem materialidade em Libras. Alguns poemas são encontrados em DVDs ou vídeos no YouTube de forma pública. Destaco aqui alguns endereços que vocês poderão acessar para explorar as produções de literatura surda:

<https://youtu.be/hD48RQLQurg>

<http://www.lsbvideo.com.br/>

<http://www.youtube.com/watch?v=Rdqf-czXLYw>

<https://www.youtube.com/watch?v=UjbxJl5OD98>

<https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>

Após explorar os poemas em língua de sinais, é importante realizar a leitura do seguinte **texto**: “Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda”, de Quadros e Sutton-Spence (2006).



INTERATIVIDADE:

<http://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>

ATIVIDADES – UNIDADE 1

Sugestões de filmes que abordam a questão da surdez:

1. A Família Bélier (2014)
2. The hammer (2010)
3. Nada que eu ouça (2008)
4. Babel (2006)
5. Mr. Holland – Adorável Professor (1995)
6. Filhos do silêncio (1986)
7. O Milagre de Anne Sullivan (2000)
8. Tamara (Curta metragem)
9. Switched at Birth (2011- Série)
10. A música e o silêncio
 11. O piano
 12. O país dos surdos
 13. The Dancer
 14. Black
 15. O filme surdo de Beethoven
 16. O segredo de Beethoven
 17. Los amigos
 18. Querido Frankie
 19. Tortura silenciosa
 20. And Now Tomorrow
 21. Cop Land
 22. And Your Name Is Jonah
 23. Sweet nothing in my ear
 24. Personal Effects



ESTUDO LINGUÍSTICO
DE LIBRAS

INTRODUÇÃO

Todas as Línguas de Sinais são expressas por meio do canal visual e gestual; logo, o espaço é o lugar em que a comunicação se efetiva. Por meio do uso deste espaço, o sinalizador respeita os parâmetros para a formação de um sinal, como vimos anteriormente, ou seja, a configuração de mãos, a locação, o movimento e as expressões não manuais. Com base nesses critérios para a formação de um sinal, o sinalizador é produtor de sentido por meio da comunicação estabelecida. No ato comunicativo, é possível elaborar narrativas, diálogos e discursos por meio de frases e textos que representam as nossas ideias e concepções sobre tudo o que nos pertence como humanos. As línguas de sinais são consideradas como línguas naturais por surgirem da interação espontânea entre as pessoas surdas. A partir de 1960, as Línguas de Sinais começaram a receber o status de língua por meio da divulgação de pesquisas que comprovam a existência de níveis linguísticos, fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e pragmáticos que constituem as línguas de sinais, assim como qualquer outra língua. Nesta unidade, serão estudados vocabulários da Libras como uma ferramenta para a produção de frases e diálogos. É nesse sentido que o vocabulário aqui apresentado está relacionado ao uso funcional do cotidiano, às saudações e sinais para a reparação de um diálogo. Também é preciso aprender o alfabeto datilológico em Libras, pois este é utilizado em situações específicas em que não se sabe o sinal ou para representar o nome de uma pessoa ou cidade. Observem que para cada país há um alfabeto diferente. Nesse sentido, esta unidade está organizada para a aprendizagem efetiva dos sinais da Libras.

2.1

SAUDAÇÕES, NOME PRÓPRIO EM ALFABETO E BATISMO DO SINAL PESSOAL

Figura 43 - Saudações



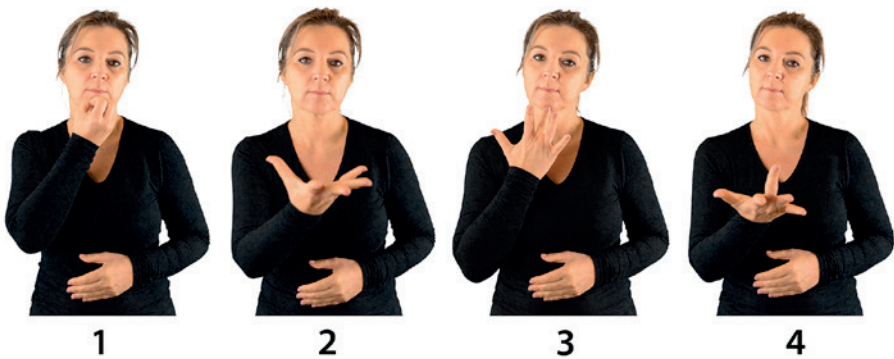
SAUDAÇÕES

Fonte: NTE/UFSM.

O ritual de saudação entre as pessoas é característica de todas as sociedades e não seria diferente para a comunidade surda. Vamos conhecer alguns sinais que são utilizados para saudar, cumprimentar e reparar o diálogo.

Figura 44 - Boa Noite / Boa Tarde / Com Licença / Bom Dia / Conversar / Desculpar / Obrigado / De Nada

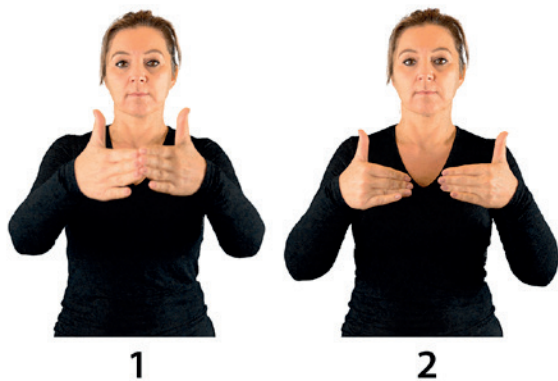




BOA TARDE



BOM DIA



COM LICENÇA



1



2



3

CONVERSAR



1



2



3

DE NADA



1

DESCULPAR



1

OBRIGADO



2

Fonte: NTE/UFSM.



INTERATIVIDADE: https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950850?fbclid=IwAR2PRGGJ5Ym3QhIk_owebCC_Mht1tNuXMZ3j8Rquy5FLkATaTXLBv9Ip8Yk

APRESENTAÇÕES

Figura 45 - Meu nome é



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 46 - Meu sinal é



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 47 - Seu sinal é?



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 48 - Seu nome?



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 49 - Até amanhã



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 50 - Bem-vindo



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 51 - Boa viagem



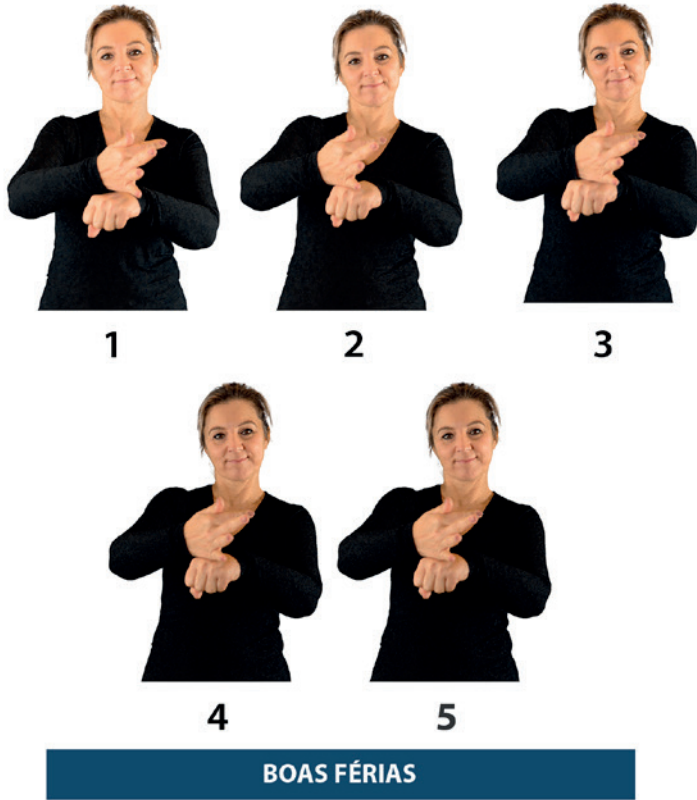
Fonte: NTE/UFSM.

Figura 52 - Bom almoço



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 53 - Boas Férias



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 54 - Bom Passeio



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 55 - Feliz Aniversário



Figura 56 - Feliz Ano Novo



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 57 - Feliz Natal



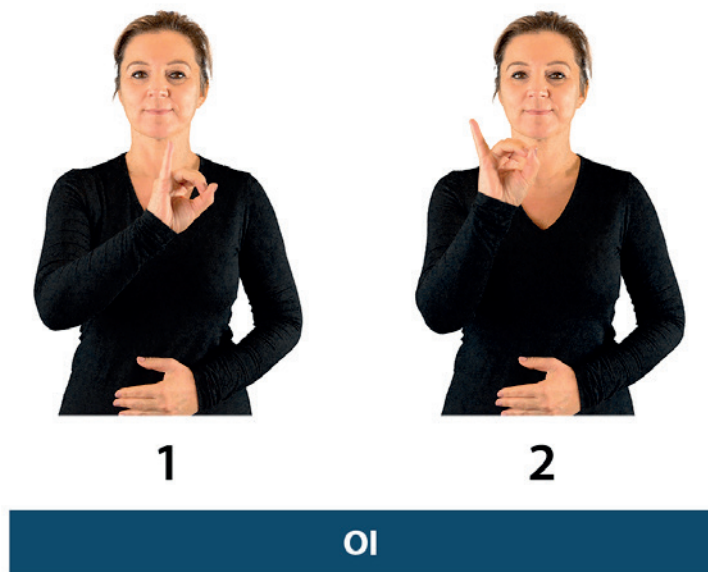
Fonte: NTE/UFSM.

Figura 58 - Que Legal



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 59 - Oi



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 60 - Tudo bem?



Fonte: NTE/UFMS.

Nome próprio em alfabeto e batismo do sinal pessoal: Assim como na comunidade ouvinte as pessoas têm um nome, na comunidade surda elas têm um sinal que é criado a partir de uma característica física, um jeito de ser ou algo que faz lembrar a pessoa. A recomendação é que este sinal não seja mudado, exceto em circunstâncias que precisam ser analisadas, exatamente como acontece com o nome em língua portuguesa.

2.2

SOLETRAÇÃO OU ALFABETIZAÇÃO MANUAL

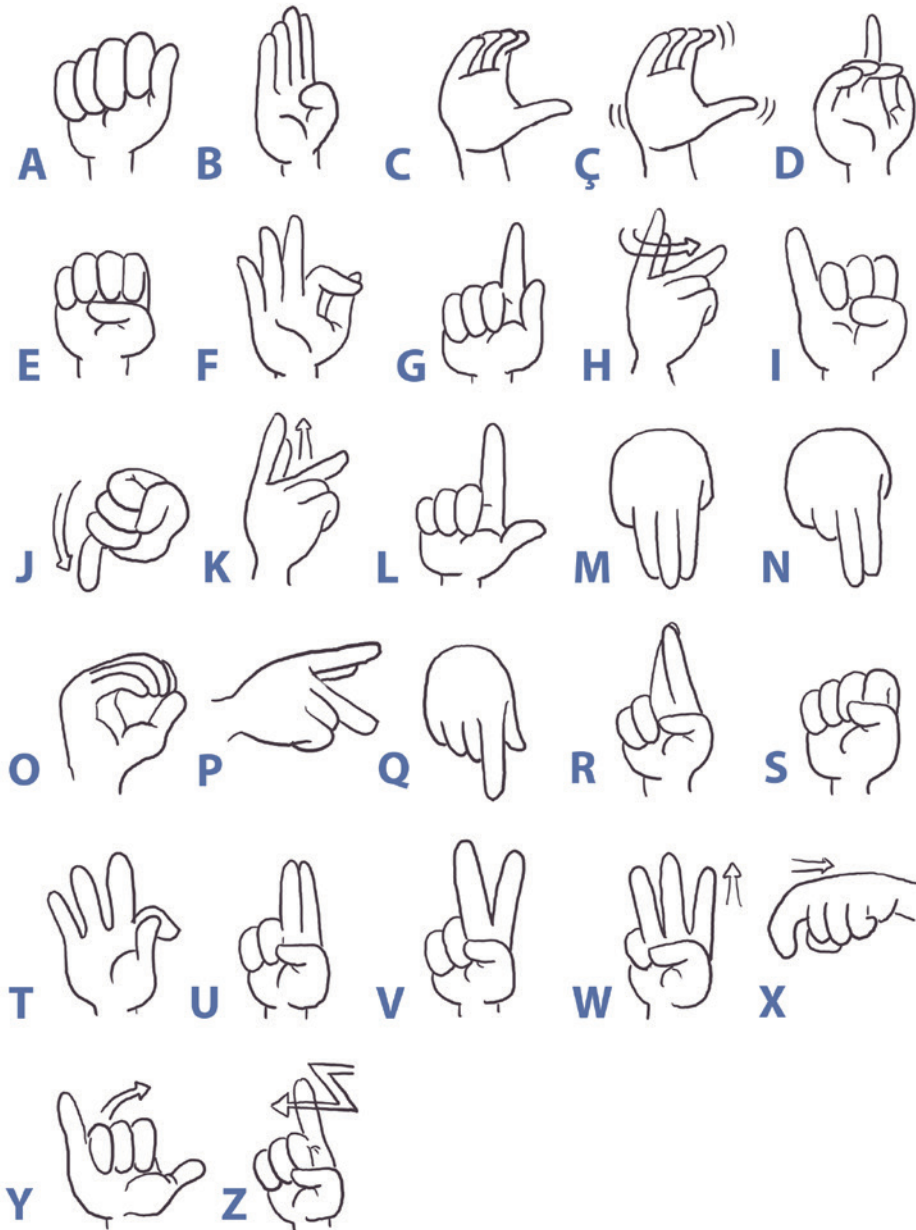
O alfabeto manual não é Libras, mas sim a representação das letras da língua portuguesa, sendo que cabe aqui lembrar que a língua portuguesa é a segunda língua da pessoa surda. As letras do alfabeto fazem parte das configurações de mãos e são utilizadas em situações para nomear pessoas, cidades, ruas em que não se sabe ou não se conhece os sinais.

A soletração do alfabeto manual é utilizada em poucas situações, pois, após conhecer o sinal, estas letras são substituídas pela sinalização do sinal que representa aquela palavra. O uso das letras deve acontecer com nitidez e devagar, formando as palavras no ar.

É dentro de uma linha imaginária criada no espaço à frente do sinalizador que será digitada a palavra com as letras uma ao lado da outra ou uma letra sobreposta à outra, respeitando o espaço de sinalização da língua de sinais. Os acentos das palavras são representados por gestos que indicam a sua forma, para isso, devemos primeiramente digitar a letra e logo após a acentuação acima dessa letra acentuada, retornando imediatamente para o espaço da linha imaginária que está utilizando para a digitação. Assim, respeita-se o espaço e a escrita que deve ser da esquerda para a direita ou uma letra sobre a outra. No caso de palavras compostas ou o uso de duas palavras, a melhor maneira é fazer uma pequena pausa entre elas ou mover a mão que está digitando para o lado, como se estivesse empurrando as letras já soletradas para o lado. No caso de soletrar com a mão direita, esse movimento é realizado para a esquerda, no caso de digitar com a mão esquerda, esse movimento que empurra as letras já soletradas é para a direita.

Cada país tem uma representação diferente para as suas letras. No caso do Brasil, as letras do alfabeto são unimanuais (todas realizadas com uma única mão). No entanto, em alguns países são realizadas com as duas mãos (bimanuais).

Figura 61 - Alfabeto da Língua de Sinais brasileira



Fonte: ADAPTADO DE MYLIBRAS POR NTE/UFSM.


 INTERATIVIDADE: Assista o vídeo com as letras do alfabeto.

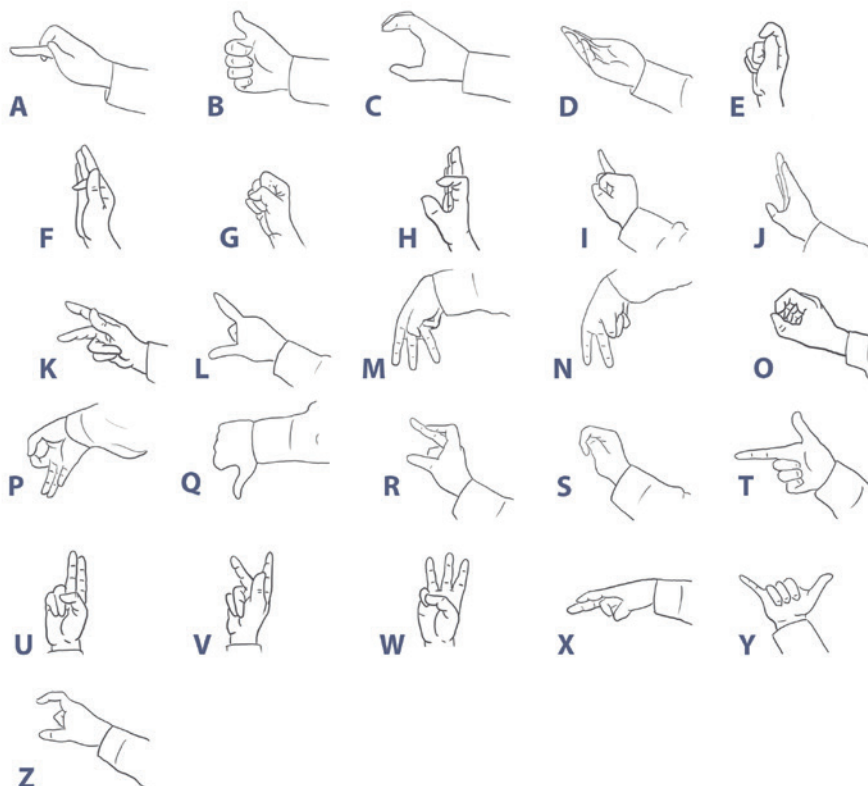
Figura 62 - Alfabeto na Língua de Sinais de Nova Zelândia (realizado com as duas mãos)



Fonte: ADAPTADO DE DEAF NEW ZELAND POR NTE/UFMS.

Observem a seguir as letras do alfabeto da língua de sinais portuguesa – é completamente diferente da língua de sinais brasileira, pois existem raízes linguísticas distintas.

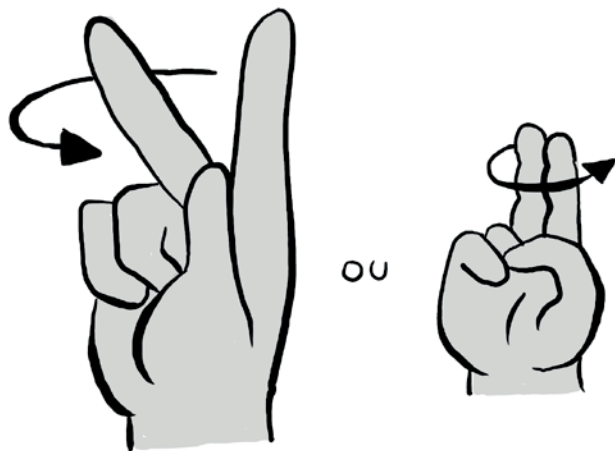
Figura 63 - Alfabeto na Língua de Sinais Portuguesa



Fonte: NTE/UFMS.

Considerando as especificidades das línguas de sinais e seus regionalismos, cabe destacar que o sinal da letra “H” tem diferença na Configuração de mãos em algumas regiões brasileiras, mas esse elemento não impede de compreendermos o sinal. A letra “H” pode ser utilizada de duas maneiras:

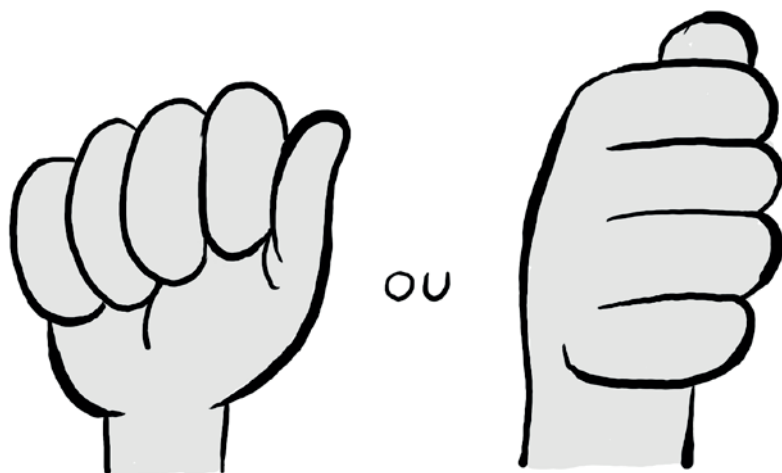
Figura 64 - Letra “H”



Fonte: NTE/UFSM.

Ainda, com relação à letra “A”, esta pode ser realizada com o braço em posicionamento para o chão ou posicionamento para a parede.

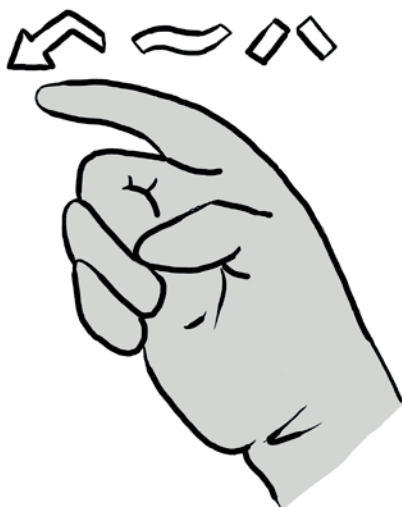
Figura 65 - Letra “A”



Fonte: NTE/UFSM.

Cabe ainda destacar que a acentuação deve ser realizada logo após a digitação da letra no espaço, sendo que pode subir sutilmente esse movimento representando o acento acima da letra digitada e logo descer esse movimento para seguir respeitando o espaço da linha imaginária que está digitando a palavra.

Figura 66 - Acentuação



Fonte: NTE/UFSM.

É importante destacar que a digitação das palavras usando as letras do alfabeto são utilizadas somente quando não se conhece o sinal ou então para nomes de pessoas, cidades ou ruas quando não têm sinais criados para representá-los.

Alguns sinais são realizados com o uso de algumas letras da língua portuguesa, elemento que é chamado de empréstimo linguístico. Isso se dá porque a língua de sinais brasileira e a língua portuguesa escrita são consideradas línguas de contato por compartilharem o mesmo país. Alguns sinais são realizados por meio da digitação de algumas letras daquela palavra ou usando a letra inicial da palavra em português. Temos o exemplo do sinal da cor “azul”, da palavra “nunca”, “sol”, “curso”.

Figura 67 - Azul



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 68 - Nunca



NUNCA

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 69 - Sol



SOL

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 70 - Curso



CURSO

Fonte: NTE/UFSM.

2.3

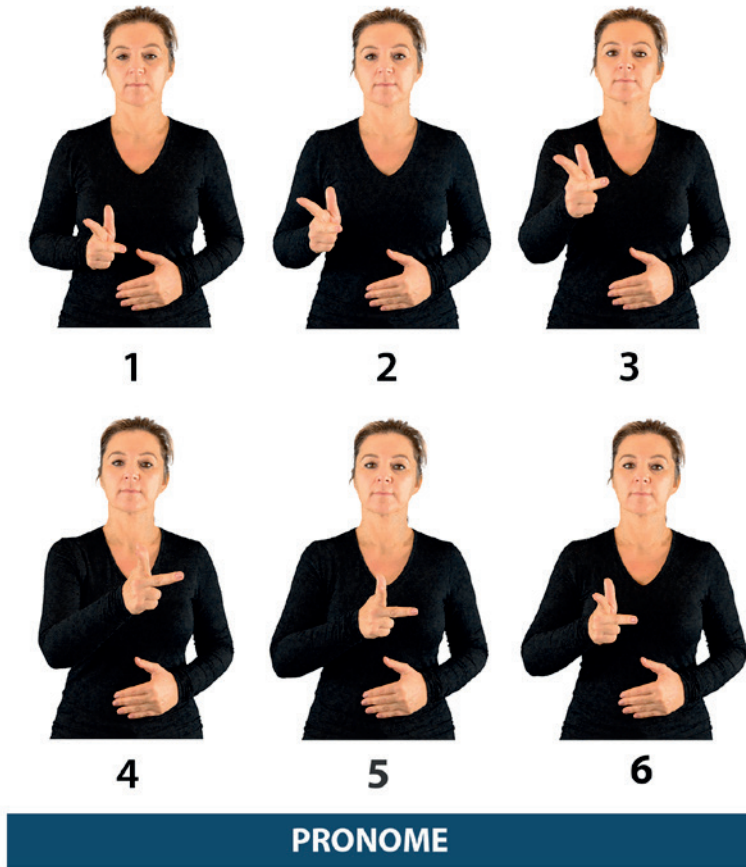
PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, INTERROGATIVOS E INDEFINIDOS

A Libras possui um sistema pronominal para representar as pessoas no discurso, os pronomes pessoais singular e plural. Na Libras usamos a forma singular com o sinal “Eu”, “Você”, “Ele”. Para representar a forma dual: “Nós dois” ou então “eles dois” ou “aqueles dois”, “eles três”, “aqueles três”, “nós três”. Também existem sinais diferentes para dizer “nós” ou então “vocês”, no caso de “nosso grupo” ou “aquele grupo”.

Para os sinais que se referem ao singular, a configuração de mãos é a mesma para todas as pessoas (eu, tu, ele, aquele). A diferença estará na orientação do movimento, pois para representar “eu” a mão em configuração da letra “d” estará apontada para o peito do emissor, o sinal de “ele” e “você” o dedo indicador estará apontando para o receptor, que poderá estar presente no momento do diálogo ou ser representado em um espaço de sinalização criado para esse sujeito, que está sendo mencionado na conversa.

No caso da representação dos sinais para representar a forma dual (eles dois, nós dois, aqueles dois), a mão ficará na configuração de mãos do número “dois” ou letra “V”. No caso do plural (nós três, eles três, aqueles três), a mão terá a configuração de mãos do número “três” ou da letra “w”. Na forma plural, a configuração de mãos será do número quatro.

Figura 71 - Pronome



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 72 - Eu



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 73 - Você e Ele/Ela



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 74 - Eles Dois



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 75 - Eles Três



Fonte: NTE/UFMS

Figura 76 - Nós



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 77 - Nós dois



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 78 - Nós três



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 79 - Todos nós



Fonte: NTE/UFMS.

Assim como na oralidade na língua portuguesa podemos omitir a primeira e a segunda pessoa (pois, pelo contexto é possível identificar as pessoas a que estamos se referindo), quando desejamos nos referir a uma terceira pessoa na conversa e essa pessoa está presente no mesmo local, mas desejamos uma certa reserva, então, por questão disciplinar e de educação, não devemos fazer o apontamento diretamente para aquele sujeito. Nesse caso, o emissor deve realizar um discreto sinal com o movimento dos olhos associados a um leve movimento da cabeça para a direção em que a pessoa mencionada se encontra ou, ainda, pode utilizar a palma da mão para disfarçar e esconder o dedo indicador que aponta para a pessoa referida no discurso.

Figura 80 - Aquele Ali (Escondido)



Fonte: NTE/UFMS.

Para os pronomes demonstrativos e advérbios de lugar, utilizamos os mesmos sinais. A diferença está no contexto e na expressão facial que acompanha o sinal: estão relacionados aos sujeitos do discurso e representam na perspectiva do sinalizador aquilo ou aquele que está bem próximo, perto ou distante.

Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais, mas a locação e as orientações do olhar são diferentes.

OBSERVE OS SINAIS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS EM LIBRAS:

Figura 81 - Estx



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 82 - Eu



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 83 - Aqui



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 84 - Esse



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 85 - Você



VOCÊ

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 86 - Aí



AÍ

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 87 - Aquele



AQUELE

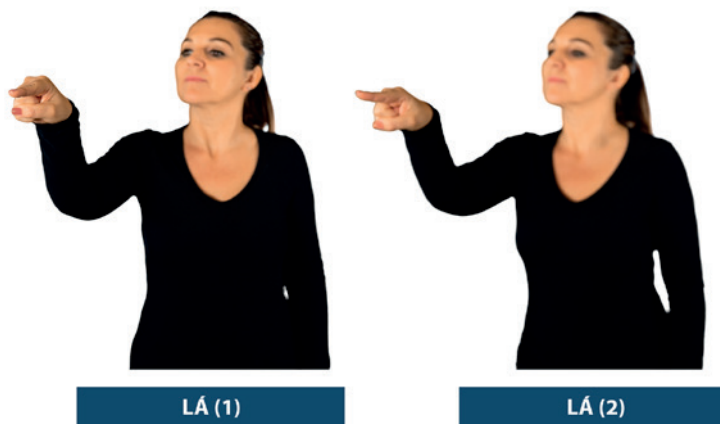
Fonte: NTE/UFMS.

Figura 88 - Ele/Ela



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 89 - Lá



Fonte: NTE/UFSM.

Os pronomes pessoais e os pronomes demonstrativos não possuem marca de gênero feminino e masculino, por isso está sendo marcada com o símbolo “x”.

Observamos que o sinal de “Estx/essx/aquelx” é o dedo indicador apontando para o lugar perto em frente ao sinalizador – é preciso acompanhar com o olhar para o ponto. Nos sinais de “Essx aí”, é preciso fazer o apontamento do dedo indicador para o lugar perto e em frente ao sinalizador, acrescentando o olhar direcionado para o lugar apontado. Para o sinal de “Aquele lá”, o sinalizador precisa apontar para o lugar mais distante.

PRONOME INTERROGATIVO

Na sinalização da Libras, utilizamos os pronomes interrogativos “QUEM” e “QUE” no início do enunciado na maioria das vezes. Os pronomes “QUEM” e “ONDE”, se estiverem relacionados no sentido de “quem é” e “de quem é”, geralmente são mais utilizados no final da frase.

É importante destacar que a expressão facial levantando levemente o queixo, franzindo as sobrancelhas e com suave movimento para frente indica a interrogação e deve ser realizada simultaneamente a sinalização do pronome interrogativo.

No uso da sinalização dos pronomes interrogativos “QUAL”, “PARA QUE”, “COMO”, encontramos uma tendência dos sinalizadores em utilizar esses sinais no final da frase. Já no uso do pronome interrogativo “POR-QUE” observamos no início da frase, mas também utilizam ao final da frase sem prejudicar a função gramatical da mesma. Na sinalização do pronome interrogativo POR QUE, não há diferenças como encontramos na escrita da língua portuguesa – o sinal segue sendo o mesmo e a diferença está no acréscimo das expressões faciais para distinguir uma frase interrogativa de uma frase explicativa.

Figura 90a - Como?



Fonte: NTE/UFSM.

PRONOME INDEFINIDO

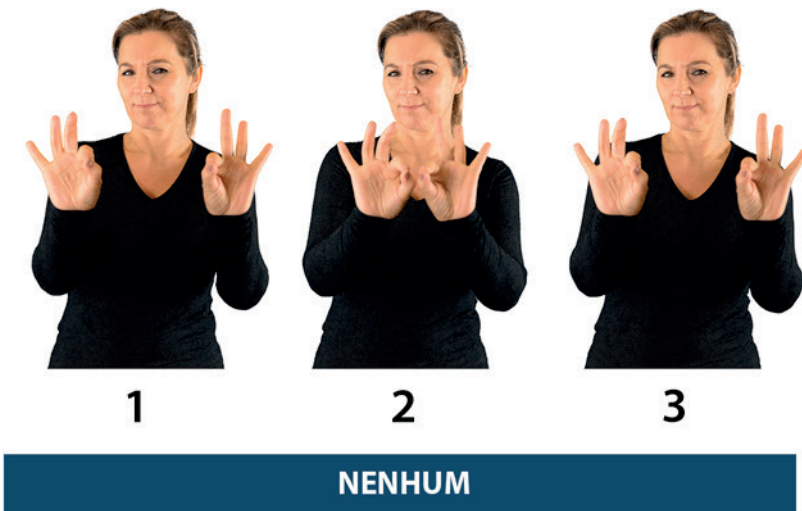
A sinalização dos pronomes indefinidos NINGUÉM/NADA/NENHUM, sinalizados no discurso para pessoas, coisas e animais, é realizada com as mãos abertas esfregando uma sobre a outra.

Figura 90b - Nada



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 90c - Nenhum



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 90d - Ninguém



Fonte: NTE/UFSM.

Os pronomes indefinidos NENHUM/NADA são sinalizados com o dedo polegar e indicador no formato oval e os outros dedos estendidos, mão com movimento balançando. Esse sinal pode ser usado em alguns contextos, tendo o sentido de "não ter".

2.4

ADVÉRBIOS DE TEMPO, ADVÉRBIOS DE LUGAR

Não há marca de tempo nas formas verbais na Libras. Podemos dizer que os verbos permanecem no infinitivo.

O tempo é marcado sintaticamente por meio da sinalização de advérbios de tempo que indicarão se a ação está acontecendo no tempo presente: HOJE, AGORA; ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ou irá ocorrer no futuro: AMANHÃ. É no começo da frase que os advérbios são sinalizados, indicando desde o início do discurso o tempo verbal. Esse elemento gramatical não descarta a possibilidade de sinalizar o advérbio de tempo também ao final da frase. Para indicar o tempo verbal indefinido, sinalizamos os sinais de “HOJE” sempre que a intenção é trazer a ideia do tempo presente, para a ideia de tempo futuro sinaliza o sinal de FUTURO, e para a ideia de passado o sinal sinalizado é de PASSADO.

Figura 91 - Hoje



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 92 - Agora



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 93 - Ontem



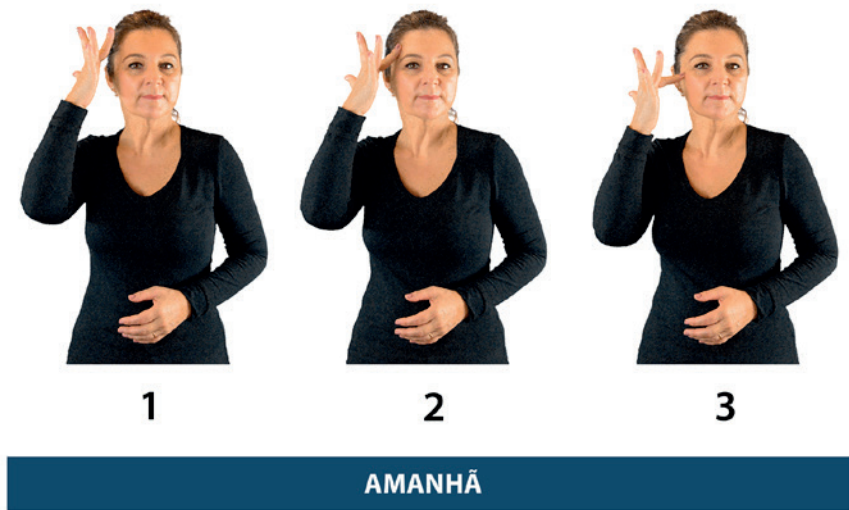
Fonte: NTE/UFSM.

Figura 94 - Anteontem



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 95 - Amanhã



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 96 - Futuro



FUTURO

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 97 - Passado



PASSADO

Fonte: NTE/UFSM.

2.5

CLASSIFICADORES SIMPLES E COM SÍMBOLOS / CLASSIFICADORES E SEUS TIPOS

Os Classificadores (CLs) fazem parte da morfologia das Línguas de Sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Um número significativo de sinais das línguas de sinais é proveniente de classificadores, assim como os classificadores ajudam a pensar na criação de novos sinais. A maioria dos Classificadores são icônicos, lembram, de alguma forma, o objeto ou a ação representada no espaço.

O uso do Classificador é uma forma que estabelece um tipo de concordância, relacionada ao humano, animais, coisas ou objetos. Na maioria das vezes, esse elemento fornece vida ao diálogo para ser entendido na sua plenitude, abarcando a complexidade envolvida no discurso. O uso do movimento do corpo e das expressões faciais e corporais evidenciam como uma ação acontece. Assim, os CLs são formas representadas por diferentes configurações de mãos, movimentos, expressões faciais e corporais e podem vir associados a verbos de movimento e de localização para qualificar o lugar do sujeito ou do objeto a que se refere a ação do verbo.

Nas bibliografias, encontramos alguns tipos de classificadores:

Os classificadores descritivos são realizados na Libras para referir-se à aparência de um objeto, sua forma, desenho, textura e tamanho. Para representar o objeto na sua forma simétrica ou assimétrica, é preciso utilizar as duas mãos. Como exemplo, podemos pensar na representação de um vaso, uma caixa que precisa representar a altura e a sua largura, a descrição de uma camisa com botões ou mangas curtas ou longa, se ela é listrada ou xadrez. Dependendo da situação, poderá utilizar uma ou duas mãos para o classificador descritivo.

Os classificadores especificadores são utilizados nas línguas de sinais quando é preciso representar especificamente a forma, a textura e o tamanho de uma parte do corpo de pessoas ou animais. Como exemplos, podemos pensar no uso desse classificador para representar o penteado de uma pessoa, os pelos de um animal, as orelhas de um coelho, o nariz de uma pessoa.

Os classificadores de plural são usados quando configuração de mão substitui o objeto em si sendo repetido várias vezes. Como exemplo, podemos pensar em vários carros no estacionamento, várias árvores no bosque, várias maçãs na cesta, quadros espalhados na parede.

Temos também os classificadores instrumentais, que fazem a incorporação do instrumento descrevendo a ação gerada por ele. Como exemplo, podemos pensar na representação de pintar uma parede com rolo, escrever no teclado, escrever no papel, escovar os cabelos, escovar os dentes.

Os classificadores de corpo referem-se àqueles que descreve como acontece uma ação no contexto da realidade – para isso, utilizamos a expressão corporal de seres animados. Como exemplos, podemos pensar no andar de um pato, andar de

um elefante, cabelos ondulados e longos, um cachorro furioso.

Os classificadores assumem diferentes papéis na língua de sinais, podem assumir questões relacionadas à semântica, nesse caso são denominados como classificadores semânticos. Podemos pensar nas diferentes situações: “o carro está passando”, “a moto passou”. Também nas seguintes situações: “a pessoa está deitada”, “a pessoa caiu”, “a pessoa dormiu mal”, “a pessoa trocou de lugar na cama”. Para essas situações, há diferentes formas de representar o classificador, pois a mudança do movimento do classificador indicará a compreensão semântica do enunciado.

Os classificadores assumem papéis relacionados à sintaxe quando acontece a incorporação de argumento ou complemento. Esse processo é visualmente identificado devido às línguas de sinais usarem as características espaciais e icônicas nos sinais. Podemos pensar nos seguintes exemplos na incorporação de classificadores relacionados à sintaxe:

verbo lavar:

lavar o cabelo
lavar a roupa
lavar o rosto
lavar os pratos
lavar carro

verbo escrever:

escrever no smartphone
escrever no papel
escrever no quadro
escrever na areia

verbo comer:

comer milho
comer sanduíche
comer arroz

verbo andar:

andar devagar
andar correndo
andar subindo
andar descendo

2.6

EXPRESSÕES FACIAIS E CORPORAIS

As línguas de sinais são línguas que se efetivam pelo canal visual/espacial - por este motivo, o estudo das expressões torna-se fundamental. A expressão corporal desempenha um papel de grande importância no contexto da Língua de Sinais, em muitas situações comunicativas o uso das expressões qualifica a comunicação, reforçando a ideia do que está sendo transmitido no diálogo. A expressão visual-corporal na Língua de Sinais é um fator necessário e muitas vezes essencial, principalmente quando é preciso transmitir uma mensagem e demonstrar harmonia entre a informação sinalizada e sua linguagem corporal, uma vez que somente assim a comunicação se efetivará de forma eficiente e satisfatória.

A linguagem corporal é um dos elementos da Língua de Sinais que informa relações relacionadas às emoções. O uso das expressões faciais e Corporais transmite informações que podem alterar a sintaxe do discurso. Quadros e Karnopp (2004) explicam que existem dois tipos diferentes de expressões faciais: as afetivas e as gramaticais (lexicais e sentenciais). As afetivas são as expressões ligadas a sentimentos / emoções.

Veja os exemplos:

Figura 98 - Expressões Não manuais



Fonte: NTE/UFMS.

Expressões faciais gramaticais são aquelas expressões utilizadas para informações gramaticais do enunciado. Essas expressões faciais passam informações de sintaxe, gramaticais e morfológicas. Em algumas situações, a realização dessas expressões é obrigatória. Essas estruturas envolvem a direção do olhar, a elevação da sobrancelha, o movimento da cabeça, o franzir da testa, a realização de movimento dos lábios, podendo indicar se o enunciado sinalizado é uma negativa, afirmativa ou uma sentença negativa.

As expressões faciais pertencem a um conjunto de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas que possuem intenções definidas. No nível morfológico, estão relacionadas ao grau e mostram a intencionalidade do sinal que se produz. Nos adjetivos, associam-se ao grau de intensidade.

Figura 99 - Bonito / Bonitão



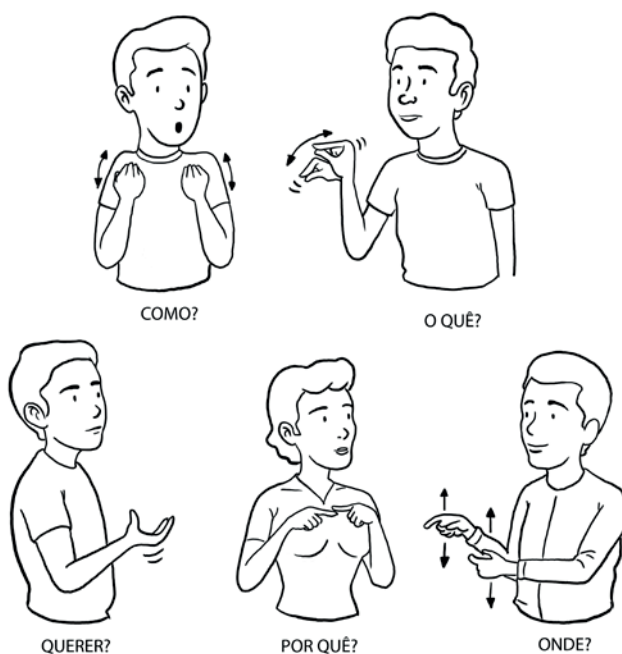
Fonte: NTE/UFSM.

As línguas de sinais utilizam as expressões para garantir determinadas informações, como os tipos de enunciados na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa. Nestes casos, precisa-se estar atento às expressões faciais e corporais que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase.

FORMA AFIRMATIVA: a expressão facial é neutra, os ombros na posição normal.

FORMA INTERROGATIVA: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima, ombros ligeiramente para frente.

Figura 100 - Forma interrogativa



Fonte: NTE/UFSM.

FORMA NEGATIVA: a negação pode ser feita por diferentes ações:

- com a incorporação do sinal “não” à frase afirmativa: “irei”, “não irei”
- com a incorporação de um movimento contrário ou diferente ao do sinal negado: “posso”, “não posso”.

FORMA NEGATIVA/INTERROGATIVA: Sobrancelhas franzidas e aceno da cabeça negando.

Figura 101 - Sim / Não



Fonte: NTE/UFSM.

É importante o desenvolvimento das expressões faciais e corporais para o uso da Língua de Sinais, pois, assim como os parâmetros de configuração de mão, locação e movimento são importantes, a expressão é o parâmetro que dá vida e sentido para o diálogo. Para a pessoa surda que está recebendo as informações em Língua de Sinais, sem expressão facial, é o mesmo que não ter dito nada, ou pior, ele pode não entender nada e interpretar de forma incorreta o que você estava tentando dizer, ou seja, compromete o diálogo. A expressão facial/corporal é o parâmetro mais desafiador para os ouvintes aprendizes da Libras. Minha experiência como professora da língua tem mostrado que alguns aprendizes são mais desinibidos em relação a outros. Mas isso não é empecilho: todos podem aprender, basta começar!

2.7

INCORPORAÇÃO DA NEGAÇÃO E INCORPORAÇÃO DO INTENSIFICADOR

Na Libras, encontramos duas formas de incorporar a negação no discurso. Uma delas é realizar o movimento da cabeça para os lados realizando a indicação da negação – mas é importante destacar que esse movimento não é obrigatório, pois há sinais específicos que indicam a negação e mesmo não acompanhados do movimento da cabeça indicam a negação. A outra forma de indicar a incorporação da negação é utilizar as expressões faciais como o abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios sempre associado ao abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça. Diferentemente do movimento de cabeça, as expressões faciais são obrigatórias para marcar a negação, estando relacionadas a questões sintáticas.

A incorporação do intensificador acontece por meio das expressões não manuais, ou seja, as expressões faciais e corporais. Podemos pensar em adjetivos que estão associados ao grau de intensidade, como exemplo: Bonito, a intensidade acrescentada por meio das expressões faciais indicará a mudança deste adjetivo, que poderá sofrer modificações indicando que se refere a “bonitinho” ou “bonitão”. As expressões faciais têm função adjetiva, pois podem ser incorporadas ao substantivo independente da produção de um adjetivo. Nesse caso, os substantivos incorporam o grau de tamanho. Para exemplificar, pensamos no sinal de “casa”, “casinha”, “mansão”, “carro”, “carrinho”, “carrão”. Os graus de intensidade são representados pelas expressões faciais.

2.8

COMPARATIVO DE IGUALDADE, SUPERIORIDADE E INFERIORIDADE

Na Libras encontramos em situações de seu uso a qualidade de igualdade, superioridade e inferioridade. Para a sinalização de referentes para indicar tais elementos, podemos utilizar para os comparativos de superioridade e inferioridade os sinais de “menos” ou “mais” antes do elemento a ser comparado, sinalizando a conjunção comparativa “do que”. Nas situações em que há necessidade de utilizar o comparativo de igualdade, podemos utilizar o sinal de “igual”, geralmente no final da frase.

GRAU COMPARATIVO

Figura 102 - Igualdade



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 103 - Superioridade



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 104 - Inferioridade



Fonte: NTE/UFSM.

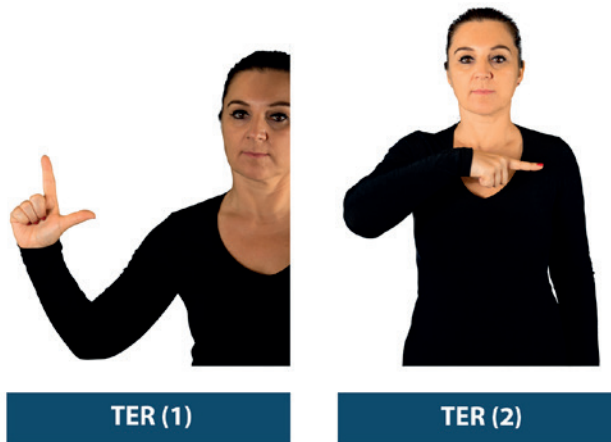
2.9

VERBOS COM CONCORDÂNCIA E VERBOS SEM CONCORDÂNCIA / OUTROS VERBOS

Na Língua Brasileira de Sinais encontramos dois tipos de verbos: verbos com marca de concordância e verbos que não possuem marca de concordância, sendo que estes podem ter flexão para o aspecto verbal.

Para os verbos que não possuem marca de concordância, é como se ficassem no infinitivo, como exemplo temos os seguintes verbos: “ter, trabalhar, amar, brincar, aprender, saber”.

Figura 105 - Ter



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 106 - Trabalhar



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 107 - Amar



AMAR

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 108 - Brincar



1

2

3



4



5

BRINCAR

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 109 - Aprender



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 110 - Saber



Fonte: NTE/UFSM.

Esse grupo de verbos não incorpora instrumentos nem argumentos e não apresenta flexão quanto à pessoa. São considerados os verbos mais simples na sinalização da Libras. Uma característica destes verbos é a locação próximo ao corpo.

Os verbos com concordância são aqueles que flexionam concordando com as pessoas na sentença, possuem direcionalidade e orientação. A orientação da mão voltada para o objeto da sentença está relacionada à sintaxe e a direcionalidade está relacionada às relações semânticas. Uma característica é que essa concordância irá representar no espaço da sinalização o movimento para indicar a posição das pessoas envolvidas no discurso. Como exemplo, temos os sinais dos seguintes verbos “avisar, perguntar, dar, ajudar”.

Figura 111 - Avisar



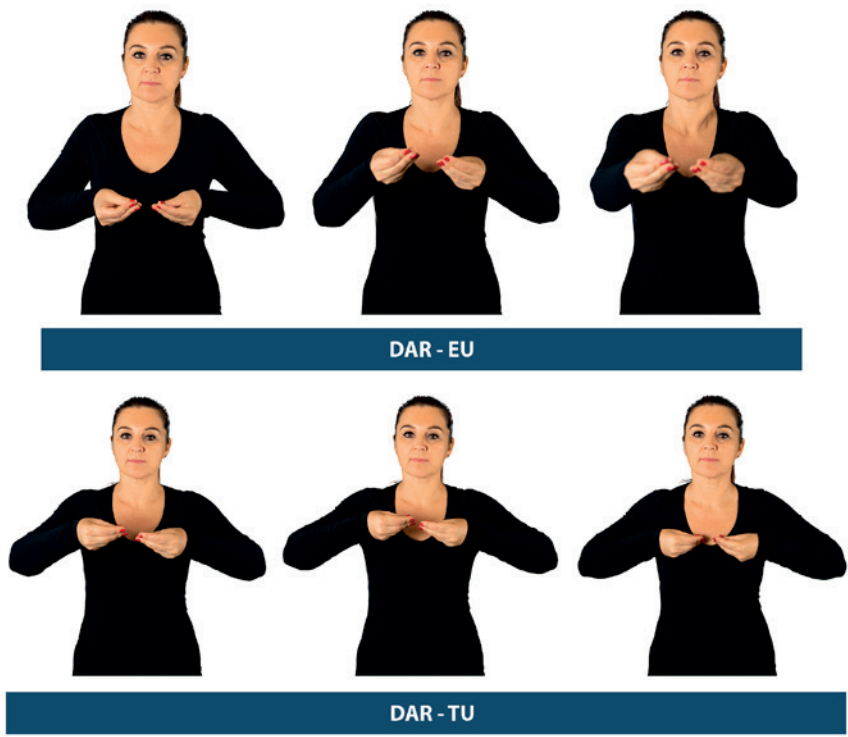
Fonte: NTE/UFSM.

Figura 112 - Perguntar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 113 - Dar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 114 - Ajudar



Fonte: NTE/UFSM.

Os verbos espaciais são caracterizados pela existência de afixos locativos, sempre relacionados a existência de um lugar no discurso. Exemplos de verbos espaciais: “colocar, chegar”.

Na sinalização da Libras também encontramos os verbos manuais, também conhecidos como verbos classificadores. Estes utilizam os classificadores e incorporam a ação. Temos como exemplos os verbos: sentar (no sofá/ na cadeira/ no muro), colocar (bolo no forno/ carta no correio), cortar (cabelo /tecido/cabelo/unhas).

2.10

TIPOS DE FRASES NAS LIBRAS

Para estabelecer diferentes tipos de frases na Libras, utilizamos as expressões faciais e corporais. Por este motivo, para diferenciar uma frase na forma exclamativa, interrogativa, afirmativa, imperativa ou negativa, é preciso fazer uso e estar com a atenção direcionada às expressões faciais e corporais que são realizadas simultaneamente aos sinais ou no decorrer de toda a frase.

Na frase na forma afirmativa, a expressão facial deve estar neutra. Na forma interrogativa, as sobrancelhas precisam estar franzidas e deve-se realizar um ligeiro movimento da cabeça inclinando para cima. Na forma exclamativa, as sobrancelhas precisam estar levantadas e realizar um ligeiro movimento com a cabeça inclinando-a para cima e para baixo. Esse tipo de frase poderá, ainda, estar acompanhado com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo. Nas frases negativas poderá acrescentar o sinal “não” à frase, ou com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado ou, ainda, por meio de um aceno de cabeça que pode ser realizado simultaneamente com a ação que está sendo negada.

2.11

TIPOS DE FRASES NA LIBRAS

As expressões interrogativas são seguidas sempre de uma expressão facial. Essa expressão indicará a expressão interrogativa. As sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima, indicam a expressão interrogativa.

Figura 115 - Como?



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 116 - Quer?



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 117 - O que?



O QUÊ?

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 118 - Pode?



PODE?

Fonte: NTE/UFSM.

2.12

DIREÇÃO PERSPECTIVA

A modalidade gestual-visual das línguas de sinais é favorecida para a utilização da tridimensionalidade do espaço para a comunicação. É nesse sentido que as pessoas que estão começando a aprender a Libras precisam ficar atentas para a visualização das informações que são efetivamente produzidas no espaço.

A representação dos advérbios “longe” e “perto” na Libras acontece por meio de sinais distintos com relação a essa perspectiva, medida e ponto específico, podendo-se incorporar, ao advérbio “longe”, um movimento e expressões facial e corporal que acrescentam a ideia de perspectiva e de intensificação da distância. Nesse sentido, encontramos na Libras três formas diferentes para representar “longe”, “muito longe”, “longe de um determinado lugar”. Da mesma forma, os sinais de “perto” variam dessa mesma maneira.

2.13

ADJETIVOS DE LIBRAS

Na Libras os adjetivos são os sinais que formam uma classe específica e estão sempre na forma neutra, não há forma de gênero (masculino ou feminino), assim como não há para número (singular ou plural). Muitos adjetivos, pela característica de serem descritivos e classificadores, apresentam iconicidade, dando uma qualidade ao objeto. Muitas vezes são desenhados no ar ou mostrados a partir do objeto ou do corpo de quem está sinalizando.

2.14

SINAIS EM CONTEXTOS

Assim como em outras línguas, na Libras há um processo de formação de palavras que são denominadas de derivação zero, ou seja, são invariáveis e somente com o contexto em que são sinalizadas seremos capazes de compreender a sua função, que pode ser de verbo ou nome. Podemos pensar nos exemplos das seguintes frases: “irei de avião até o nordeste”, o sinal de avião é mais alongado representando o verbo “ir”, diferentemente do substantivo “avião” que é realizado com o movimento mais curto. Assim, também podemos conferir na sinalização da frase “passei a ferro a minha camisa”: nesta situação o movimento mais alongado e repetido acontece para a sinalização de “ferro”, que representará o verbo “passar”, sendo que para a sinalização do substantivo “ferro” o movimento é mais curto. Também encontramos na Libras sinais compostos que são formados a partir de dois sinais que se combinam e dão origem a um outro sinal com outro significado. É preciso ficar atento para o uso adequado dos sinais em contextos.

Figura 119 - Mais (Acréscimo)



Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: Tenho 3 Livros Mais 2 Lápis.

Figura 120 - Mais (Soma)

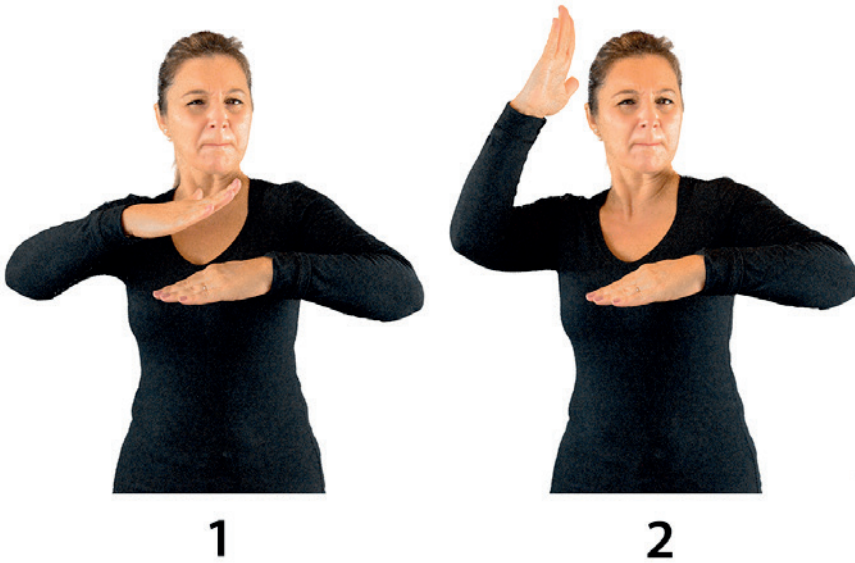


MAIS (SOMA)

Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: 30 reais mais 20 reais.

Figura 121 - Mais (Exagero)



1

2

MAIS (EXAGERO)

Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: Escolhi o livro mais grosso.
Você está mais chique.

Figura 122 - Mais (Quantidade)



Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: Precisa treinar mais libras.

Figura 123 - Mais (Superlativo)



Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: Prédio que eu moro é o mais alto de todos.

Figura 124 - Mais para lá / Falta mais



Fonte: NTE/UFSM.

Exemplo: Você precisa ir mais para trás.

2.15

OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS

A formação dos sinais acontece por meio dos parâmetros que já foram estudados anteriormente, sendo que cada um destes parâmetros é uma parte que forma a totalidade de um sinal. A expressão facial e corporal que poderá representar um intensificador ou um advérbio de modo, a alternância de um movimento que poderá indicar a realização da ação ou a concordância de um verbo, a configuração de mãos que poderá ser um classificador, a locação do sinal que poderá ser uma marca de concordância verbal com o locativo, a orientação das mãos que poderá indicar um advérbio de tempo ou a concordância verbal-numeral do enunciado. É justamente na sinalização do enunciado que os marcadores de concordância verbal ou na intenção do nível sintático que os sinais se modificam devido às regras de combinação.

2.16

INTENSIFICADOR E ADVÉRBIO DE MODO

Figura 125 - Demorar



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 126 - Demorar Muito



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 127 - Rápido



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 128 - Muito Rápido



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 129 - Alegre



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 130 - Muito Alegre



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 131 - Triste



1

TRISTE

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 132 - Muito Triste



MUITO TRISTE

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 133 - Olhar para mim



OLHAR PARA MIM?

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 134 - Olhar atenção



OLHAR (ATENÇÃO)

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 135- Bonito



1

2

3

4

BONITO

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 136- Muito Bonito



1

2

MUITO BONITO

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 137 - Cansado



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 138 - Muito Cansado



Fonte: NTE/UFSM.

2.17

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS

A língua de sinais utilizada no Brasil é a Libras, o vocabulário que a compõe é característico apenas para o nosso país, sendo que em outros países se utilizam outras línguas de sinais. No caso dos Estados Unidos, chama-se American Sign Language (ASL), na França é a French Sign Language (Língua de Sinais Francesa). A Língua de Sinais não é universal, cada país possui uma língua de sinais própria. Assim como acontece com as línguas orais, elas também pertencem a raízes linguísticas – no caso da Libras há influência da Língua de Sinais Francesa devido à chegada de um professor surdo francês ao país, o qual trouxe os sinais franceses para o ensino aqui no Brasil. Alguns destes sinais permanecem até os dias atuais, fazendo parte do repertório linguístico da Libras; outros, sofreram modificações e muitos outros foram criados pela própria comunidade surda brasileira.

Muitas pessoas que não conhecem a Libras acreditam que ela está resumida às letras do alfabeto datilológico – isso é um equívoco que permeia os contextos em que não se tem contato com a comunidade surda. O alfabeto manual, ou alfabeto datilológico, é parte da Libras e serve para escrever nomes de pessoas, de objetos, de cidades, de países, além de sinais desconhecidos durante a conversa, pois, ao saber o sinal referente àquele objeto, cidade ou nome de rua, logo se faz a substituição das letras do alfabeto pelo sinal correspondente.

Muitas pessoas acreditam que a língua de sinais é a representação icônica do objeto que está sendo sinalizado, ou seja, a representação fiel do objeto sendo realizada no espaço, mas isso é um equívoco, pois, assim como todas as línguas, a língua de sinais também é arbitrária, não tendo ligação com o objeto em questão.

Esses e outros equívocos podem ser conferidos nas pesquisas realizadas em diversos países, a partir dos estudos de Stokoe (1961) que tentam descrever, demonstrar e analisar o status linguístico das línguas de sinais, desmitificando concepções inadequadas em relação a essa modalidade de língua. Estudos de Quadros e Karnopp (2004) e também de Gesser (2009) trazem os mitos direcionados à língua de sinais. São alguns deles:

- Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas do mundo;
- A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos concretos e abstratos;
- Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, sem uma estrutura própria, subordinada e inferior às línguas orais;
- A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação das línguas orais;

- As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

- A língua de sinais restringe-se ao uso do alfabeto manual, como se fosse um código de representação das letras do alfabeto.

- A língua de sinais é uma língua ágrafa, sem uma escrita para a representação de seu sistema;

- O surdo precisa ser oralizado para se integrar na sociedade ouvinte;

- A surdez é uma deficiência. O uso da língua de sinais atrapalha a aprendizagem da língua oral. A surdez é vista negativamente pela sociedade.

- O implante coclear e o uso de aparelhos amplificadores recuperam a audição do surdo,

- A surdez compromete o desenvolvimento cognitivo-linguístico do surdo.

Estes mitos precisam ser rompidos para a produção de um sujeito que é linguisticamente competente na sua língua que é gestual-visual, que é produzida por características de sua cultura que é visual.

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida em 24 de abril de 2002 por meio da lei nº 10.436 pelo governo brasileiro. A Lei de Libras é o registro de uma grande conquista da comunidade de surdos que há décadas lutava por esse reconhecimento, pois até aquele momento, os surdos eram considerados minoria linguística e viviam em desvantagem social. A Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Veremos o texto da referida Lei a seguir:

Quadro 1- Texto da Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO Paulo Renato Souza

Fonte: SITE DO PLANALTO. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.PLANALTO.GOV.BR/CCIVIL_03/LEIS/2002/110436.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)

Do ponto de vista sociolinguístico, as pessoas surdas começam a ser percebidas como usuárias de uma língua, a Libras. Nesse sentido, a política linguística instaurada por meio do Decreto 5.626/2005 ao regulamentar a Lei 10.436/2002 tem como consequência um planejamento linguístico de status, pois reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua nacional usada pela comunidade surda brasileira e de intervenção, pois desdobra uma série de ações de implantação e implementação da Libras no Brasil. A regulamentação dessa lei apresenta uma série de intervenções que promovem a Libras no país e determinam a educação bilíngue de Surdos.

Os instrumentos instaurados para a promoção da Libras envolvem, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de Libras para todas as licenciaturas e curso de fonoaudiologia; o compromisso dos órgãos públicos em garantir o acesso às informações na Libras para os Surdos; a criação dos cursos de formação de professores de Libras; professores de Português como segunda língua para Surdos e formação de tradutores e intérpretes de Libras e Português. O capítulo IV do Decreto 5626/2005 prevê um planejamento linguístico para a difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação.

Fica claro neste documento legal, uma política que instaura um processo para o reconhecimento da Libras e a sua promoção por meio da educação. Essa educação caracteriza-se por uma perspectiva bilíngue, pois reconhece a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua das pessoas surdas, encaminhando o reconhecimento desse status no âmbito educacional. As instituições educacionais devem oferecer o ensino da Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua, contar com professores regentes que conheçam a situação bilíngue dos estudantes Surdos, além de contar com intérpretes de língua de sinais. Neste capítulo, o Decreto inclui a recomendação quanto à criação de um ambiente bilíngue, uma vez que orienta a difusão da Libras entre todos os professores e funcionários, direção da escola e familiares. Ainda orienta quanto ao reconhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua, no sentido de adequar o ensino e as avaliações relativas à escrita observando-se esse aspecto, inclusive adotando avaliações em Libras.

Ainda assim, quanto mais tarde tiverem esse acesso, e quanto mais precárias forem a qualidade e a quantidade do estímulo, tanto mais poderá ser comprometido o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e cultural.

Um dos elementos de base do planejamento linguístico para essas línguas de sinais consideradas em risco é a educação bilíngue (prevista pelo Decreto 5.626/2002 e pelo Plano Nacional de Educação/2013). No contexto da educação bilíngue de surdos destaca-se o fato de a maior parte das crianças surdas terem acesso tardio à Libras, o que exige um programa na educação infantil no qual as crianças sejam expostas a interações na Libras precocemente.

A partir disso, instaura-se a educação bilíngue contando com a língua de sinais como a língua de instrução, além de compreender disciplina específica de ensino, na qualidade de L1 (ensino de língua materna).

É preciso compreender que a escola precisa buscar alternativas para garantir a criança surda acesso aos conhecimentos escolares na sua língua, a Libras e construir condições para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua.

A língua portuguesa tem estrutura linguística e gramatical diferente da Libras, por este motivo precisa ser considerada língua estrangeira para os surdos brasileiros. Os surdos estão em constante processo de alfabetização na escrita da língua portuguesa.

3

INTERTEXTUALIDADE - SINAIS
BÁSICOS E EXPANSÃO DO
VOCABULÁRIO DE SINAIS
E CLASSIFICADORES

3.1

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS RELACIONADAS AO ANO SIDERAL / O TEMPO

Neste item, aprenderemos os sinais relacionados às horas, aos dias, aos meses e aos anos, além das formas de sua representação sinalizada.

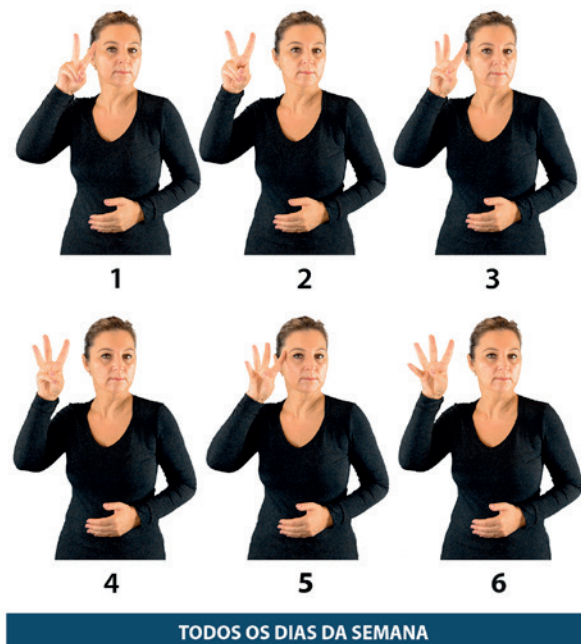
Na Libras temos os seguintes sinais:

Figura 139 - Todo Dia / Cotidianamente



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 140 - Todos os dias da semana



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 141 - Dia Inteiro



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 142 - 1 Dia



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 143 - 2 Dias



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 144 - 3 Dias



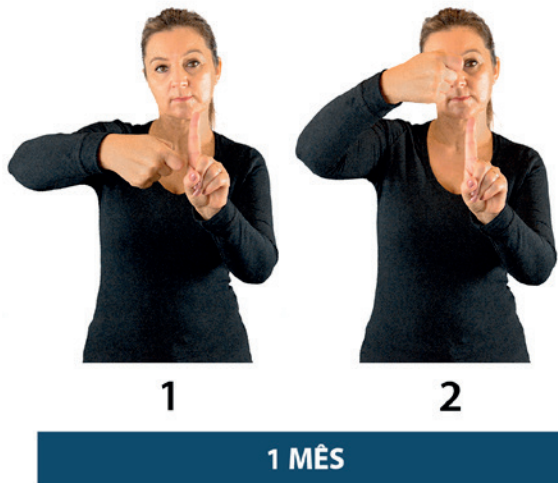
Fonte: NTE/UFMS.

Figura 145 - 4 Dias



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 146 - 1 Mês



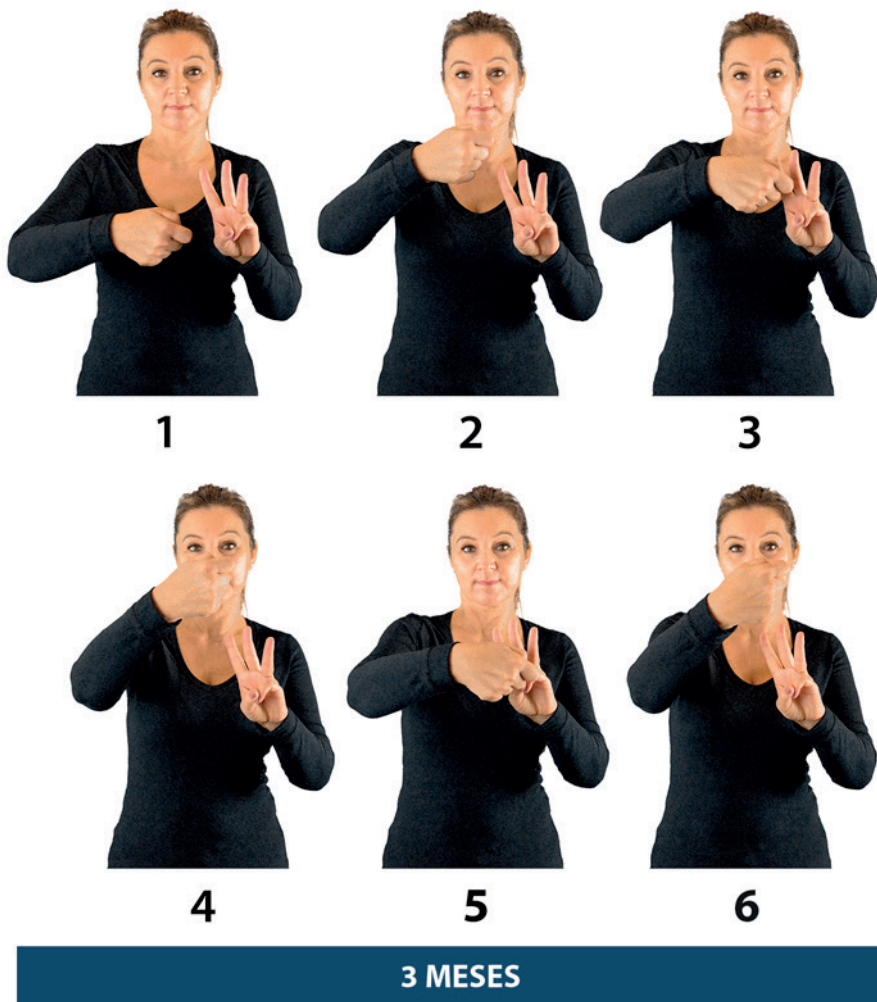
Fonte: NTE/UFMS.

Figura 147 - 2 Meses



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 148 - 3 Meses



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 149 - 4 Meses



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 150 - 1 Vez



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 151 - 2 Vezes



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 152 - 3 Vezes



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 153 - 4 Vezes



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 154 - 5 Dias



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 155 - 10 Dias



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 156 - 5 Meses



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 157 - 10 Meses



Fonte: NTE/UFSM.

3.2

AS PROFISSÕES E SINAIS RELACIONADOS A MEIOS DE COMUNICAÇÃO E TRABALHO

VERBOS RELACIONADOS A MEIOS DE COMUNICAÇÃO E TRABALHO

Figura 158 - Enviar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 159 - Procurar





1

2

3

PROCURAR PESSOA

Fonte: NTE/UFSM.

OBSERVE OS SINAIS REFERENTES À PROFISSÃO

Figura 160 - Estágio



1

2

ESTÁGIO

Fonte: NTE/UFSM.

Figura 161 - Carteira de Trabalho



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 162 - Salário



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 163 - Trabalho



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 164 - Desempregado



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 165 - Avisar

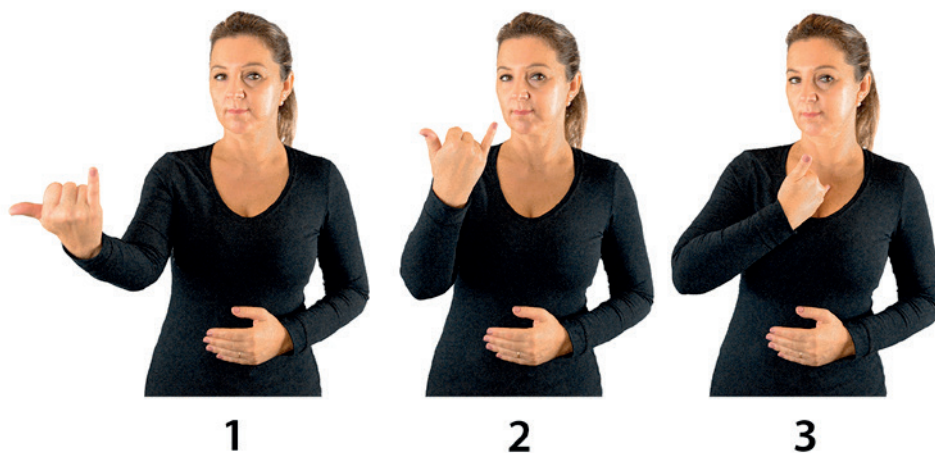


1

2

3

AVISAR (EU AVISEI)



1

2

3

AVISAR (ME AVISOU)

Fonte: NTE/UFMS.

Figura 165 - Divulgar



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 166 - Esperar



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 167 - Terminar



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 168 - Admitir (Aprovar/Entrar)



Fonte: NTE/UFSM.

Figura 169- Ficar



1



2

FICAR



FICAR QUIETO



1



2



3

FICAR LÁ SENTADO

Fonte: NTE/UFSC.

Figura 170- Pedir



Fonte: NTE/UFMS.

Figura 171- Começar



Fonte: NTE/UFMS.

3.3

NÚMEROS ORDINAIS, CARDINAIS, DE QUANTIDADE, E DE VALORES MONETÁRIOS

Para a sinalização dos números, há formas diferentes para quantidades, cardinais, ordinais, dias da semana, horas, valores monetários. O sinalizador precisa compreender que essa diferença, caso não seja respeitada, poderá tornar o enunciado agramatical. Na Libras há formas diferentes para sinalizar quantidade, exemplo: “preciso de 3 cadeiras” é diferente de sinalizar “eu preciso da terceira cadeira” .

Para os números cardinais, a idade e as quantidades após o número 11 não há mais distinções, os números ordinais são acrescentados de movimento enquanto os números cardinais não possuem. Após o número dez não há mais movimento para os números ordinais e, assim, não há mais diferenças entre eles.

Na utilização dos numerais para valores monetários, pesos e medidas em Libras usamos para representar de um (1) até nove (9) reais o sinal do numeral correspondente ao valor, incorporando a este a sinalização da vírgula realizada logo após o número. Logo após acrescenta-se o sinal de reais que é a letra “R” com movimentos curtos para os lados. Realizamos a incorporação do sinal de VÍRGULA para os valores de um mil até nove mil – nesta situação o movimento é mais alongado do que os valores de 1 até 9 reais.



INTERATIVIDADE:

NÚMEROS ORDINAIS

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950669>

NÚMEROS CARDINAIS

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950577>

3.4

DIFERENTES ESTRUTURAS ENTRE LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA DE SINAIS

A Língua Portuguesa e a Libras são formadas por núcleos e complementos, mas, por serem línguas diferentes, também possuem estruturas diferentes. Na Libras os enunciados são produzidos simultaneamente com as expressões não manuais, que são as expressões faciais e corporais, elementos constituintes da Língua de sinais. Este elemento torna a Língua de sinais tão complexa quanto qualquer língua oral.

A maioria das pessoas quando estão começando a aprender a língua de sinais pensam em realizar a tradução da ordem das palavras em língua portuguesa para a Língua de Sinais. Nesse caso, a pessoa não estará utilizando a língua de sinais, mas, sim, português sinalizado, algo que poderá tornar a organização da língua de sinais agramatical, ou seja, a pessoa surda não conseguirá compreender o que se pretende anunciar.

A pessoa surda que é usuária da língua de sinais construiu sua organização linguística por meio da organização da língua de sinais. Assim, a língua portuguesa para esses surdos é considerada língua estrangeira, pois possui uma estrutura gramatical diferenciada, além da sua modalidade, que é visual espacial. Devemos lembrar que a língua de sinais é considerada a língua natural das pessoas surdas, é por meio dela que os surdos têm a garantia da organização do pensamento e função cognitiva.

Podemos afirmar as diferenças básicas entre as línguas, no nosso caso, a língua portuguesa e a língua de sinais, pois a língua portuguesa utiliza do meio sonoro e a língua de sinais usa o espaço para estruturar seus significados gramaticais e lexicais. Ambas as línguas são formadas por regras e combinações de elementos estruturais, seguindo princípios básicos na organização de uma língua natural. As línguas de sinais utilizam de mecanismos espaciais, uso das expressões faciais e corporais, repetição. A língua portuguesa é organizada e emitida por meio do canal oral auditivo e organiza suas regras de sentenças e ideias por meio dessa modalidade.

4

SINAIS BÁSICOS E EXPANSÃO
DO VOCABULÁRIO, NARRAÇÕES
E CONTOS, JOGOS,
CONVERSAÇÕES E ATIVIDADES
DIDÁTICAS E RECREATIVAS

Esta unidade está organizada com os conteúdos de vocabulário em Libras em um quadro com as temáticas específicas que contemplam o programa da disciplina. Ao acessar o link vocês terão acesso à sinalização dos sinais. Explore os diferentes gêneros textuais em Libras, como piadas, narrações simples, contos em Libras, Sinais em contexto sintático com Classificador, descrição visual e situação de diálogo em Libras e jogos interativos.

Vocês terão acesso a alguns modelos de situações para pensar o ensino e aprendizagem de alunos surdos incluídos na escola comum. Bom estudo.

GÊNERO E EDUCAÇÃO SEXUAL / A FAMÍLIA / PARENTE



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/154395018>

TRANSPORTES



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950948>

LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS / ESPORTES / COPA DO MUNDO / OLIMPÍADAS



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/154394980>

NATUREZA / SUBSTÂNCIAS MATERIAIS / ANIMAIS



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543949130>

FORMA, TAMANHO, COR, SABOR FRUTÍFERO E ALIMENTAR



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543949237>

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950034>

AS PROFISSÕES E SINAIS RELACIONADOS A MEIOS DE COMUNICAÇÃO E TRABALHO



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543949237>

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950034>

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS RELACIONADAS AO ANO SIDERAL / O TEMPO



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543949905>

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950436>

ALFABETO



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543948738>

LOCALIZAÇÃO INTERNA E EXTERNA DO CENTRO DE ENSINO/ IMÓVEIS



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950328>

NÚMEROS ORDINAIS, CARDINAIS, DE QUANTIDADE, E DE VALORES MONETÁRIOS



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950577>

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950669>

SAUDAÇÕES



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543950850>

VERBOS



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/154395104>

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE



INTERATIVIDADE:

<https://ntetube.nte.ufsm.br/v/1543949670>

CORPO HUMANO, SAÚDE E MEDICINA



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

RELIGIÕES



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=10848>

ASSISTA AO VÍDEO SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=705>

ASSISTA AO VÍDEO SOBRE NÍVEIS DE ESCOLARIDADE



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

LOCALIZAÇÕES INTERNA E EXTERNA DO CENTRO DE ENSINO / IMÓVEIS



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

COISAS DENTRO E FORA DA CASA



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

SINAIS RELACIONADOS À ÁREA DO LICENCIADO EM COMPUTAÇÃO



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

HUMORES /PIADAS



INTERATIVIDADE:

http://tvines.ines.gov.br/?page_id=123

<http://tvines.ines.gov.br/?p=737>

<http://tvines.ines.gov.br/?p=736>

<http://tvines.ines.gov.br/?p=735>

<http://tvines.ines.gov.br/?p=2440>

NARRAÇÃO SIMPLES, EM SEQUÊNCIA LÓGICA E NARRAÇÃO EM CLASSIFICADORES COM SÍMBOLOS



INTERATIVIDADE:

<https://www.youtube.com/watch?v=YaAyocbjU8o&t=94s>

<https://www.youtube.com/watch?v=STrLJipI18Q>

<http://tvines.ines.gov.br/?p=11260>

<https://www.youtube.com/watch?v=C3Dt-xFHjls>

<https://www.youtube.com/watch?v=fUn6mPjyJHY>

CONTOS EM LIBRAS



INTERATIVIDADE:

<https://www.youtube.com/watch?v=YaAyocbjU8o&t=94s>

<https://www.youtube.com/watch?v=JuCVUgrGUa8>

SINAIS EM CONTEXTO SINTÁTICO COM CLASSIFICADOR – NÚMERO E COM CLASSIFICADOR- ALFABETO



INTERATIVIDADE:

<http://tvines.ines.gov.br/?p=703>

<https://www.youtube.com/watch?v=ecc02AzOkrl>

DESCRIÇÃO VISUAL COM DIMENSÃO 1, 2 E 3



INTERATIVIDADE:

https://www.youtube.com/watch?v=JG8xrh1az_

<https://www.youtube.com/watch?v=yOh-uU-BIEk>

DIÁLOGO EM LIBRAS



INTERATIVIDADE:

<https://www.youtube.com/watch?v=ARnqw9U1TDc>

JOGOS, CONVERSÇÕES E ATIVIDADES DIDÁTICAS E RECREATIVAS



INTERATIVIDADE:

<https://libras.ufsc.br/old/public/jogos>

<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?lista=libras>

http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?procurar_por=libras

<http://www.educajogos.com.br/jogos-educativos/alfabetizacao/consoantes-libras/>

<http://www.librasbrincando.com/atividades/>

<http://www.educajogos.com.br/jogos-educativos/matematica/jogo-da-memoria-numeros-libras/>

<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=64>

<http://anacarolinafrank.blogspot.com.br/search/label/Atividades%20em%20LIBRAS>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejo sinceramente que tenha despertado em cada um de vocês o interesse em seguir ampliando seus conhecimentos direcionados à pessoa surda e à Libras. Acredito que terão a oportunidade de desenvolver as atividades como Licenciado em Computação em ambientes inclusivos, onde a pessoa surda fará parte, assim, a língua de sinais será imprescindível para a produção desse espaço potencializador de aprendizagem, tanto para os surdos como para vocês, profissionais.

A aprendizagem da Libras acontece como qualquer outra segunda língua, portanto é preciso retomar, rever os vídeos disponíveis e sempre que possível buscar uma aproximação junto às pessoas surdas usuárias da Libras. Vocês poderão buscar em suas cidades a Associação de Surdos ou então participar de atividades organizadas por eles, assim estarão imersos na cultura e na língua de sinais.

Espero que este material sirva de apoio e incentivo para que você, futuro Licenciado em Computação, possa atuar em espaços educacionais com o olhar mais aprimorado para as questões inclusivas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1994.

ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. Esferas de atividade simbólica e a construção de conhecimento pela criança surda. **Rev. Educ. Espec.**, v. 14, n. 3, p. 427-446, 2008.

BEHARES, L. E. Novas correntes na educação surda: dos enfoques clínicos aos culturais. Santa Maria: UFSM, 2000.

BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. In: LANE, H. E PHILIP, F. **The deaf experience: classics in language and education**. Tradução do original francês para o inglês de Philip F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

BRASIL, Ministério da Educação. **Nota Técnica nº 55**, de 10 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.ppd.mppr.mp.br/arquivos/File/NOTATECNICAN-05CentrosdeAEE.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº 6.571/2008, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 set. 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2008/decreto-6571-17-setembro-2008-580775-publicacaooriginal-103645-pe.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. 35. ed. Brasília. Câmara dos Deputados: Edições da Câmara.

BRASIL. Decreto Federal nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 nov. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Lei Federal nº 10.098 de 2000, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 2000. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2000/lei-10098-19-dezembro-2000-377651-publica>>.

caoriginal-1-pl.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 jun. 2014. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Diretoria de Políticas de Educação Especial. **A consolidação da inclusão escolar no Brasil** - 2003 a 2016. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/publicacoes>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRITO, L. F. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, E. **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira-Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FONSECA, V. Introdução. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a04.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pósmodernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANKE, T. **HamNoSys - representing sign language data in language resource-sand language processing contexts**. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2004. Disponível em <<http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgskorpus/index.php/hamnosys-97.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

HAUTRIVE, G. M. F. **Aprendizagem docente do professor surdo: a produção de saberes sobre a escrita da língua de sinais**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

LANGUAGES. Hamburgo. 2007. 64p. Disponível em <http://www.sign-lang.uniham-burg.de/dgs-korpus/tl_files/inhalt_pdf/HamNoSys_06en.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

LODI, A. C. LACERDA, C. B. **Uma escola duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

LOPES, M. C.; ACORSI R. As leituras da diferença na escola inclusiva. In: ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, XII, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2004.

LOURENÇO, K. R. C.; MEIRELES, A. R. A. C.; MENDONÇA, S. R. D. Identidade, Cultura e Língua de Sinais: O Mundo do Surdo. In: **Libras – Língua Brasileira de Sinais**. Taubaté: UNITAU, 2012. Unidade 02, p. 25-46.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

OVIDEO, A. Vuelta a um hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: La mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, Universidad Del Valle, Cali, v. 37, n. 2, p. 293 – 313, 2009. Disponível em: <<http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37->>>. Acesso em: 11 set. 2018.

PEREIRA, V. A.; VERDU, A. C. M. Avaliação do ler e do escrever de surdos pela Língua Brasileira de Sinais. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 2, p. 15-27, 2012.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>>. Acesso em: 11 set. 2018.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez – um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 51-73.

PERLIN, G. **Revista da FENEIS**, Ano IV, n. 14 abr./jun. de 2002.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos, a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SASSAKI, R. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: WVA, 1999.

SILVA, S.; VIZIM, M. (Orgs.). **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SKLIAR, C. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendonça: EDIUNC, 1997.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

STROBEL, Karin L. A visão histórica da in (ex)clusão dos surdos nas escolas. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 244-252, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/806/821>>. Acesso em: 11 set. 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2018.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador**. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 set. 2018.

STUMPE, M. R. **Cadernos didáticos das disciplinas de Escrita de Sinais III**, do Curso de Graduação em Letras/Libras - UFSC. Florianópolis: UFSC, 2008.

STUMPE, M. R. **Cadernos didáticos das disciplinas de Escrita de Sinais III**, do Curso de Graduação em Letras/Libras – UFSC. Florianópolis: UFSC, 2008 .

STUMPE, M. R. **Lições sobre o SignWriting**: Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais Valerie Sutton. Tradução de Marianne Rossi Stumpf. Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC –Deaf Action Committe for SignWriting. Apoio: Projeto SignNet CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, s/d.

VELOSO, E.; MAIA, V. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora MãoSinais, 2009. (Vol. 1 e 2).

APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES

A professora Giovana M. Fracari Hautrive é graduada em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018), Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (1999), Especialização em Educação Infantil pelo Centro Universitário Franciscano (2003), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2011), Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2016). É professora adjunta na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desde 2016. Atuou na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser (escola para surdos) de 2001 até 2016. Nessa escola, a Libras é considerada primeira língua, portanto foi professora de Libras para surdos no decorrer de 15 anos. Como professora de Libras para ouvintes (Libras como segunda língua), começou sua trajetória no ano de 2014. Atualmente é professora da disciplina de Libras na Universidade Federal de Santa Maria atuando nos cursos de Licenciatura e Bacharelado.